



Universidade Federal  
de Campina Grande



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LINGUAGEM E ENSINO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

**A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM CONTOS DE  
ESCRITORAS CONTEMPORÂNEAS LATINO-AMERICANAS: UMA PROPOSTA  
DE LEITURA LITERÁRIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**

**MARIA DE FÁTIMA ALBUQUERQUE**

CAMPINA GRANDE – PB

2024

**MARIA DE FÁTIMA ALBUQUERQUE**

**A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM CONTOS DE  
ESCRITORAS CONTEMPORÂNEAS LATINO-AMERICANAS: UMA PROPOSTA  
DE LEITURA LITERÁRIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), na área de Estudos Literários, junto à linha de pesquisa Ensino de Literatura e Formação de Leitores, como pré-requisito para a obtenção do título de mestre em Linguagem e Ensino.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Isis Milreu

CAMPINA GRANDE - PB

2024

A345r

Albuquerque, Maria de Fátima.

A representação da violência doméstica em contos de escritoras contemporâneas latino-americanas: uma proposta de leitura para a educação básica / Maria de Fátima Albuquerque – Campina Grande, 2023.  
115 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Profa. Dra. Isis Milreu."

Referências.

1. Estudos Literários. 2. Ensino de Literatura. 3. Formação de Leitores. 4. Violência de Gênero. 5. Literatura de Autoria Feminina Latino Americana. 6. Serrano, Marcela, 1951-. 7. Enríquez, Mariana, 1973-. 8. Paulino, Simone, 19-. I. Milreu, Isis. II. Título.

CDU 82.09(043)

**MARIA DE FÁTIMA ALBUQUERQUE**

**A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM CONTOS DE  
ESCRITORAS CONTEMPORÂNEAS LATINO-AMERICANAS: UMA PROPOSTA  
DE LEITURA LITERÁRIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**

Aprovada em 22 de setembro de 2023.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Isis Milreu  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)  
(Orientadora)

---

Profa. Dra. Viviane Moraes de Caldas  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)  
(Examinadora interna/UFCG)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Adriana Aparecida de Figueiredo Fiúza  
(Examinadora externa/UNIOESTE)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
PROGRAMA DE POS-GRADUACAO EM LINGUAGEM E ENSINO  
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitário, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

Ata da 344 Sessão Pública de defesa de Dissertação para conferir o Grau de Mestre em Linguagem e Ensino a **Maria de Fátima Albuquerque**.

1. Aos 22 dias do mês de setembro do ano de 2023, às 14:00 horas, através da sala virtual Google Meet em sessão pública, a Banca Examinadora presidida pela Profa. Dra. Isis Milreu, (UFCG/PPGLE), orientadora, e composta pela Profa. Dra. Viviane Moraes de Caldas, (UFCG/PPGLE), na qualidade de membro titular interno, pela Profa. Dra. Adriana Aparecida de Figueiredo Fiúza, (UESC), na qualidade de membro titular externo, reuniu-se para julgamento da Dissertação de Mestrado da discente **Maria de Fátima Albuquerque**, intitulada: "**A representação da violência doméstica em contos de escritora latino-americanas contemporâneas: uma proposta de leitura literária para a educação básica**".

2. A sessão foi aberta pela presidente que apresentou as integrantes da Banca Examinadora e passou a palavra à mestranda. Esta fez a exposição do seu trabalho, sendo seguida das arguições das examinadoras.

3. Logo após, a presidente da Banca Examinadora solicitou aos presentes que se retirassem da sala virtual e voltassem em 20 minutos para ouvir o parecer da banca sobre o trabalho apresentado.

4. Após análise do mérito da Dissertação, do desempenho da candidata durante a apresentação e arguição do trabalho e, em conformidade com o artigo 78 do Regulamento do Curso de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, a presidente da Banca Examinadora informou à candidata que o trabalho obteve nota 10 (dez) correspondente ao conceito APROVADO.

5. Nada mais havendo a tratar, Eu **JOSÉ NOBERTO TAVARES JÚNIOR**, SIAPE 2012524, Secretário do PPGLE, lavro e assino a presente Ata, lida e aprovada pela banca examinadora, que a assina conjuntamente, e também a mestranda que dá ciência do resultado.



Documento assinado eletronicamente por **ISIS MILREU, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 26/09/2023, às 09:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018.



Documento assinado eletronicamente por **JOSE NOBERTO TAVARES JUNIOR, SECRETÁRIO (A)**, em 27/09/2023, às 10:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018.



Documento assinado eletronicamente por **MARIA DE FATIMA ALBUQUERQUE, Usuário Externo**, em 27/09/2023, às 10:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018.



Documento assinado eletronicamente por **VIVIANE MORAES DE CALDAS, PROFESSOR 3 GRAU**, em 27/09/2023, às 19:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **3812942** e o código CRC **C2D08039**.

Dedico às mulheres que enfrentam diariamente todo tipo de violência  
decorrente do sexismo que nos oprime e mata todos os dias.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela força e capacitação.

À minha família, pelo amor e compreensão.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Isis Milreu, pela confiança e ensinamentos.

Aos membros da banca examinadora, pela colaboração e compromisso.

Aos colegas do curso, pela amizade e companheirismo.

**Porém igualmente**

É uma santa. Diziam os vizinhos.

E D. Eulália apanhando.

É um anjo. Diziam os parentes.

E D. Eulália sangrando.

Porém igualmente se surpreenderam  
na noite em que, mais bêbado que de costume,  
o marido, depois de surrá-la, jogou-a pela janela, e  
D. Eulália rompeu em asas o voo de sua trajetória.

**(Marina Colasanti, 1999)**



### **Canción Sin Miedo (part. El Palomar)**

Que tiemble el Estado, los cielos, las calles  
Que tiemblen los jueces y los judiciales  
Hoy a las mujeres nos quitan la calma  
Nos sembraron miedo, nos crecieron alas

A cada minuto, de cada semana  
Nos roban amigas, nos matan hermanas  
Destrozan sus cuerpos, los desaparecen  
No olvide sus nombres, por favor, señor presidente

Por todas las compas marchando en Reforma  
Por todas las morras peleando en Sonora  
Por las comandantas luchando por Chiapas  
Por todas las madres buscando en Tijuana

Cantamos sin miedo, pedimos justicia  
Gritamos por cada desaparecida  
Que resuene fuerte: ¡Nos queremos vivas!  
¡Que caiga con fuerza el feminicida!

Yo todo lo incendio, yo todo lo rompo  
Si un día algún fulano te apaga los ojos  
Ya nada me calla, ya todo me sobra  
Si tocan a una, respondemos todas

Soy Claudia, soy Esther y soy Teresa  
Soy Ingrid, soy Fabiola y soy Valeria  
Soy la niña que subiste por la fuerza  
Soy la madre que ahora llora por sus muertas  
Y soy esta que te hará pagar las cuentas

¡Justicia! ¡Justicia! ¡Justicia!

Por todas las compas marchando en Reforma  
Por todas las morras peleando en Sonora  
Por las comandantas luchando por Chiapas  
Por todas las madres buscando en Tijuana

Cantamos sin miedo, pedimos justicia  
Gritamos por cada desaparecida  
Que resuene fuerte: ¡Nos queremos vivas!  
¡Que caiga con fuerza el feminicida!  
¡Que caiga con fuerza el feminicida!

Y retiemblen sus centros la tierra  
Al sororo rugir del amor  
Y retiemblen sus centros la tierra  
Al sororo rugir del amor

**(Vivir Quintana, 2020)**

# A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM CONTOS DE ESCRITORAS CONTEMPORÂNEAS LATINO-AMERICANAS: UMA PROPOSTA DE LEITURA LITERÁRIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

## RESUMO

A violência de gênero é um problema de violação dos direitos humanos das mulheres e de saúde pública. Apesar dos perceptíveis avanços do Estado e dos esforços de diversos movimentos sociais para contê-la, as estatísticas referentes a esse crime são assustadoras e as medidas de enfrentamento dessa violência têm se mostrado desafiadoras. Nesse contexto, a literatura pode se constituir como uma importante aliada no combate dessa problemática, considerando sua capacidade de sensibilizar os leitores e possibilitar discussões fundamentais sobre temas complexos. No âmbito literário, a representação desse crime não recebeu a devida atenção na literatura canônica, composta majoritariamente por autores homens, mas tem ganhado espaço na literatura de autoria feminina, sobretudo, na contemporaneidade. Dessa forma, almejando perceber como se apresenta a violência de gênero na literatura de autoria feminina contemporânea da América Latina, a presente pesquisa tem como objetivo geral examinar a representação da violência doméstica nos contos “O homem do vale” (2014), de Marcela Serrano, “As coisas que perdemos no fogo” (2017), de Mariana Enríquez, e “Destino: Sé” (2010), de Simone Paulino. Além disso, estabelecemos como objetivos específicos: 1) averiguar as formas de violência de gênero ficcionalizadas nos três relatos escolhidos, 2) analisar comparativamente a representação das personagens femininas face a violência vivenciada nas narrativas, e 3) elaborar uma proposta de leitura dos contos selecionados para o ensino médio. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se classifica como qualitativa, com viés interpretativo e de cunho bibliográfico, sendo dividida em três partes. Na primeira, traçamos uma discussão teórica sobre os principais conceitos utilizados no trabalho. Depois, efetuamos a leitura dos contos selecionados, com enfoque na representação da violência de gênero. Por fim, apresentamos uma sequência didática direcionada ao ensino médio, a partir do método do círculo de Literatura, sistematizado por Cosson (2021), com as narrativas que compõem o corpus do presente estudo. Nossas reflexões estão ancoradas teoricamente nos estudos de Saffioti (2004; 2001; 1999), Candido (2006; 2004), Cosson (2021), Dalcastagnè (2012; 2007), Zolin (2009), além da Lei nº 11.340/2006, entre outros documentos. Constatamos que nas narrativas analisadas a violência de gênero é retratada de diferentes formas e está relacionada com o projeto de dominação-exploração masculina, oriundo do patriarcado. Além disso, nos três contos as protagonistas reagem à violência de maneiras distintas. Espera-se que este estudo evidencie a necessidade de ampliação do combate à violência de gênero; proporcione a visibilidade da produção literária de autoria feminina latino-americana contemporânea e sirva de guia para educadores que almejem trabalhar o tema da violência doméstica no âmbito escolar a partir da literatura.

**Palavras-chave:** Violência de gênero e ensino de literatura. Literatura de autoria feminina latino-americana contemporânea. Marcela Serrano. Mariana Enríquez. Simone Paulino.

# **THE REPRESENTATION OF DOMESTIC VIOLENCE IN SHORT STORIES BY CONTEMPORARY LATIN-AMERICAN FEMALE WRITERS: A PROPOSAL FOR LITERARY READING FOR BASIC EDUCATION**

## **ABSTRACT**

Gender-based violence is a problem that violates women's human rights and public health. Despite the noticeable advances of the State and the efforts of various social movements to contain it, the statistics regarding this crime are frightening and the measures to combat this violence have proven challenging. In this context, literature can be an important ally in combating this problem, considering its ability to raise awareness among readers and enable fundamental discussions on complex topics. In the literary sphere, the representation of this crime has not received due attention in canonical literature, composed mostly of male authors, but it has gained space in literature written by women, especially in contemporary times. Thus, aiming to understand how gender violence is presented in literature written by contemporary women in Latin America, the general objective of this research is to examine the representation of domestic violence in the short stories “O Homem do Vale” (2014), by Marcela Serrano, “As coisas que perdemos no fogo” (2017), by Mariana Enríquez, and “Destino: Sé” (2010), by Simone Paulino. Furthermore, we established the following specific objectives: 1) to investigate the forms of gender violence fictionalized in the three chosen stories, 2) to comparatively analyze the representation of female characters in the face of violence experienced in the narratives, and 3) to develop a proposal for reading the selected stories for high school. From a methodological point of view, the research is classified as qualitative, with an interpretative and bibliographical bias, being divided into three parts. In the first, we outline a theoretical discussion about the main concepts used in the work. Afterwards, we read the selected stories, focusing on the representation of gender violence. Finally, we present a didactic sequence aimed at high school, based on the Literature circle method, systematized by Cosson (2021), with the narratives that make up the corpus of the present study. Our reflections are theoretically anchored in the studies of Saffioti (2004; 2001; 1999), Candido (2006; 2004), Cosson (2021), Dalcastagnè (2012; 2007), Zolin (2009), in addition to Law nº 11,340/2006, among other documents. We found that in the narratives analyzed, gender violence is portrayed in different ways and is related to the project of male domination-exploitation, originating from patriarchy. Furthermore, in the three short stories the protagonists react to violence in different ways. It is hoped that this study will highlight the need to expand the fight against gender-based violence; provide visibility to literary production by contemporary Latin American female authors and serve as a guide for educators who aim to work on the topic of domestic violence in schools using literature.

**Keywords:** Gender-based violence and literature teaching. Contemporary Latin American female-authored literature. Marcela Serrano. Mariana Enríquez. Simone Paulino.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Apresentação do método, sistematização das atividades e organização dos participantes .....	97
Quadro 02 – Desenvolvimento do círculo de Literatura – Leitura e discussão do conto “O homem do vale”, de Marcela Serrano. ....	98
Quadro 03 – Desenvolvimento do círculo de Literatura – Leitura e discussão do conto “As coisas que perdemos no fogo”, de Mariana Enríquez.....	99
Quadro 04 – Desenvolvimento do círculo de Literatura – Leitura e discussão do conto “Destino: Sé”, de Simone Paulino, avaliação e finalização da proposta didática. ....	100
Quadro 05 – Exemplo de Escala Likert (1932) .....	113

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2</b>	<b>VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: CONCEITOS E REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA</b> .....	17
2.1	A violência doméstica como expressão do patriarcado .....	17
2.2	Aspectos legais e definições de violência a partir do conceito de gênero .....	22
2.3	Algumas considerações sobre gênero e representação .....	31
2.4	Violência de gênero na literatura de autoria feminina latino-americana .....	36
<b>3</b>	<b>QUANDO A AMEAÇA É DENTRO DE CASA: A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM FICÇÕES DE TRÊS ESCRITORAS DO CONE SUL</b> .....	43
<b>3.1</b>	<b>Vida e obra das autoras</b> .....	43
3.1.1	Marcela Serrano .....	43
3.1.2	Mariana Enríquez .....	46
3.1.3	Simone Paulino .....	49
<b>3.2</b>	<b>Leitura dos contos</b> .....	50
3.2.1	Pascuala e a violência em sua casa de “merda” .....	51
3.2.2	Mulheres Ardentes e as vidas perdidas pelo fogo .....	59
3.2.3	Ana e a casa que não era lar, mas um cárcere .....	66
<b>3.3</b>	<b>Análise comparativa: reações das mulheres em situação de violência</b> .....	74
<b>4</b>	<b>LEITURAS DE NARRATIVAS SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA ESCOLA</b> .....	85
<b>4.1</b>	<b>Questões sociais e o texto literário na escola</b> .....	85
<b>4.2</b>	<b>Violência de gênero e leitura literária: uma proposta para a sala de aula</b> .....	89
4.2.1	Círculo de leitura .....	90
4.2.2	Proposta didática .....	96
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	101
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	105
	<b>APÊNDICE A – Questionário</b> .....	112
	<b>ANEXO I – Canção “Maria da Vila Matilde” (2015), intérprete Elza Soares</b> .....	114

## 1.INTRODUÇÃO

Fui criada em uma cidade do interior paraibano. Quando era criança ouvia muitas histórias sobre mulheres espancadas e mortas por seus companheiros. Muitas delas ainda perduram em minha memória, mas nenhuma é tão recorrente como o caso de nossa vizinha, Maria. Ocasionalmente, essa senhora e seus três filhos pequenos dormiam em minha casa. Na maioria das vezes, essa família chegava durante a madrugada. Com receio de incomodar, a matriarca batia timidamente na porta da frente e chamava baixinho pelo nome de minha mãe. Essa mulher geralmente trazia apenas as crianças à tiracolo. Nós não tínhamos muito a oferecer além do teto. Minha mãe forrava um lençol no chão e os quatro corpos se aninhavam ali para fugir do frio. Em algumas ocasiões, o menino menor chorava de fome e minha mãe improvisava uma farinha com leite, enquanto nós tapávamos os ouvidos para tentar dormir. Na época, eu e meus irmãos éramos muito novos e não entendíamos o porquê de Maria não voltar para sua casa e levar o garoto chorão com ela. Ainda hoje lembro bem da expressão triste e envergonhada com que a vizinha olhava para a gente e de sua voz trêmula ao falar para minha mãe: “é só até amanhã, quando a bebedeira passar, ele se aquieta!”.

Dessa lembrança de minha infância, recordo também ouvir dos adultos que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Somente adulta percebi a incongruência dessa afirmativa e como ela desvela o pensamento patriarcal que banaliza a violência machista na sociedade. Ao comparar a época desta recordação com os dias atuais, percebo que houve avanços legais e sociais no combate à violência de gênero no Brasil. No entanto, o número de mulheres que vive nesse contexto ainda é alarmante. Segundo os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a taxa de feminicídios no território brasileiro é de 4,8 para 100 mil mulheres, o que nos coloca no vergonhoso 5º lugar, em um *ranking* mundial, de mortes violentas de mulheres em razão do gênero, atrás apenas de El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia.

Sabendo que a violência contra a mulher se revela como mecanismo a favor da manutenção das desigualdades de gênero oriundas do pensamento patriarcal, que ainda persiste na sociedade contemporânea, é evidente a necessidade de se pensar em meios para o enfrentamento deste problema social de escalada expressivamente preocupante em nosso país. À vista disto, faz-se urgente o desenvolvimento de estratégias que provoquem mudança de mentalidades e paradigmas culturais oriundos deste sistema opressor.

Nesse sentido, a literatura se apresenta como uma forte aliada para a resolução desta problemática, considerando suas potencialidades para a representação da realidade, da

capacidade de ensejar discussões sobre temas complexos, além de agir nas estruturas do pensamento humano, transformando-o e sensibilizando-o.

Verificamos que a representação da violência de gênero não tem recebido a devida atenção na literatura canônica, composta majoritariamente por autores homens, sendo, geralmente, ignorada ou lida através de abordagens nas quais são ratificados os discursos machistas. Felizmente, esse recorte tem mudado com o reconhecimento da escrita de autoria feminina, ao mesmo tempo em que muitas escritoras contemporâneas ficcionalizam a temática em suas narrativas, possibilitando reflexões e denúncias do citado problema.

Diante das constatações expostas anteriormente, consideramos importante observar, sob a ótica da crítica feminista, como a violência de gênero está representada na literatura de autoria feminina. Para isso, adotamos neste trabalho a compreensão da expressão “literatura de autoria feminina” como as obras literárias escritas por mulheres. Além disso, mesmo considerando igualmente importante problematizar a violência praticada contra todas as mulheres, focalizamos nesta pesquisa a identidade de gênero denominada *cis*, ou seja, pessoas que se identificam com os sexos feminino ou masculino, levando em conta apenas os fatores biológicos atribuídos ao nascerem.

Para viabilizar a execução da pesquisa também foi necessário realizar um recorte na definição do corpus literário de nosso estudo. Desse modo, restringimo-nos à ficção de três escritoras do Cone Sul, especificamente do Chile, da Argentina e do Brasil. A opção por estes países foi motivada pela constatação da existência de algumas semelhanças entre a história desses lugares, tais como terem sido colônias de exploração europeia, vivenciarem regimes ditatoriais, apresentarem movimentos feministas consolidados e possuírem mulheres que ocuparam o principal cargo do poder executivo no século XXI.

Já o critério para a escolha das narrativas selecionadas foi a presença da temática da violência de gênero nos contos, particularmente, a doméstica. No que se refere às autoras, julgamos importante promover a visibilidade das escritoras dos países vizinhos, que, apesar de serem premiadas e reconhecidas em suas nações, ainda são pouco conhecidas no Brasil, pois suas produções literárias foram parcialmente traduzidas e são escassamente estudadas em nosso país.

Acreditamos que promover a leitura literária de autoras latino-americanas no ambiente escolar é oportunizar a ampliação do repertório cultural dos alunos, conforme assinala a pesquisadora Isis Milreu (2019, p.94) ao afirmar que

[...] a inclusão destes textos é uma via para a promoção da interculturalidade e da alteridade, dado que os estudantes conhecerão outras vozes e diferentes culturas, as

quais possibilitarão reflexões sobre sua própria identidade e sua relação com nossos vizinhos, por exemplo.

Ademais, esta proposta está em consonância com a orientação da Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Este documento normatizador do Ensino Básico brasileiro apresenta indicações de abordagem da literatura latino-americana na disciplina de Língua Portuguesa, do ensino médio, a fim de promovê-la no espaço público escolar nacional (Brasil, 2018, p. 500).

Por fim, justificamos a escolha da temática da violência de gênero por acreditarmos que se trata de um problema de violação dos direitos humanos das mulheres e de saúde pública. Portanto, configura uma luta coletiva que deve envolver todos os setores da sociedade. Além disso, os numerosos casos de violência contra mulheres em nosso país evidenciam que esta mazela precisa ser combatida a partir de múltiplas estratégias, atuando, inclusive, na formação educacional e cultural dos indivíduos.

No contexto escolar, a abordagem da referida temática tem previsão nos documentos legais sobre a Educação no Brasil e no Estado da Paraíba. A Lei Federal n.º 14.164, publicada em 2021, alterou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) para incluir, nos currículos da educação infantil e dos ensinos fundamental e médio, conteúdos sobre a prevenção desse crime nas escolas. Ademais, instituiu a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher, a ser realizada anualmente, no mês de março, em todas as instituições públicas e privadas de ensino da educação básica. Da mesma maneira, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio também recomenda a abordagem da temática no ambiente escolar.

No âmbito Estadual, o governo da Paraíba promulgou recentemente a Lei nº 12.875/2023, que institui o trabalho com o tema da violência contra a mulher na Rede Pública de ensino. Este dispositivo legal visa atuar na prevenção deste crime, apresentado como um conteúdo transversal do currículo nas escolas e ainda determina que elas deverão promover a formação continuada dos professores, de forma a habilitá-los a abordar esta temática em sala de aula.

Tendo em vista essas considerações, a pesquisa está orientada pelos seguintes questionamentos: de que maneira a violência de gênero está representada na literatura de autoria feminina contemporânea do Cone Sul?; Como foram caracterizadas as protagonistas que enfrentam a violência doméstica?; Como podemos trabalhar essa temática em sala de aula a partir da leitura de contos de escritoras sul-americanas?

Para investigar essas questões, definimos como objetivo geral da presente pesquisa examinar a representação da violência doméstica nos contos “O homem do vale” (2014), de Marcela Serrano, “As coisas que perdemos no fogo” (2017), de Mariana Enríquez, e “Destino:



Sé” (2010), de Simone Paulino. Também definimos os seguintes objetivos específicos: averiguar as formas de violência de gênero ficcionalizadas nos três relatos escolhidos; analisar comparativamente a representação das personagens femininas face a violência vivenciada nas narrativas e elaborar uma proposta de leitura dos contos citados para o ensino médio.

A pesquisa se aproxima dos paradigmas da investigação qualitativa, já que a análise é feita prioritariamente com base interpretativa de textos verbais e com atribuições de significados, a partir de estudos conceituais. Outrossim, também possui traços de pesquisa bibliográfica, uma vez que se apoia em materiais bibliográficos já existentes e características de pesquisa descritiva, considerando que descreve seu objeto a fim de analisá-lo (Chizzotti, 2000).

O desenvolvimento dessa dissertação está dividido em três capítulos, conforme expomos a seguir. O primeiro apresenta as principais teorias sobre a temática da pesquisa. Nesse apartado, intitulado “Violência contra a mulher: conceitos e representações na literatura de autoria feminina”, discutimos a relação entre patriarcado e violência, segundo a perspectiva de Saffioti (2004). Posteriormente, mostramos algumas definições que perpassam os estudos da violência contra a mulher. Por fim, tecemos algumas considerações no tocante a representação dessa problemática na literatura de autoria feminina latino-americana.

Já no segundo, “Quando a ameaça é dentro de casa: a violência doméstica em ficções de autoras do Cone Sul”, examinamos a representação da violência de gênero nos contos “O homem do vale”, de Marcela Serrano, “As coisas que perdemos no fogo”, de Mariana Enríquez, e “Destino: Sé”, de Simone Paulino. Para isso, apresentamos dados sobre a vida e a obra dessas escritoras, além da exposição da fortuna crítica desses contos em nosso país. Em seguida, desenvolvemos nossas leituras dessas narrativas, enfatizando as formas de violência contra a mulher identificadas nos textos. Por fim, efetuamos uma análise comparativa entre os relatos citados, contrastando a representação das personagens femininas frente à violência vivenciada por elas.

No último capítulo, “Leituras de narrativas sobre violência de gênero na escola”, tecemos algumas considerações sobre as imbricações entre escola, questões sociais e leitura literária na sala de aula, verificando como essa intersecção pode ser produtiva para a problematização da violência de gênero no ambiente escolar. Na sequência, apresentamos uma proposta de abordagem dos três contos que compõem o corpus da pesquisa nas séries finais da Educação Básica, embasada na metodologia do Círculo de Literatura, sistematizada por Cosson (2021).

Pensamos que esta pesquisa poderá contribuir como guia para discussões sobre o problema da violência de gênero na contemporaneidade e servir como consulta para os professores que se interessem em trabalhar com essa temática em sala de aula, a partir da prática de leitura literária apresentada neste trabalho. Acreditamos ainda que esta dissertação potencializa a promoção da literatura de autoria feminina latino-americana contemporânea no ensino médio. Além disso, pode estimular a reflexão sobre o processo de formação de leitores literários com o método do círculo de Literatura, por ser uma proposta que favorece a ampliação dos horizontes de expectativa dos alunos através da leitura compartilhada.

## 2. CAPÍTULO I - VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: CONCEITOS E REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

Neste capítulo, inicialmente, discutimos a relação entre patriarcado e violência, a partir da perspectiva de Heleieth Saffioti (2004). Posteriormente, expomos algumas definições que perpassam os estudos da violência contra a mulher. Por fim, tecemos algumas considerações no tocante a representação dessa problemática na literatura de autoria feminina latino-americana.

### 2.1 A violência doméstica como expressão do patriarcado

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou estado de pandemia devido à COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus, e recomendou o isolamento social como medida preventiva para evitar a disseminação do vírus, afetando significativamente as vidas de bilhões de pessoas. A recomendação, que foi muito eficaz para o combate à propagação da patologia, provocou impactos negativos no cotidiano de muitas mulheres em todo o mundo, devido ao aumento vertiginoso dos casos de violência doméstica desde o início do confinamento social, conforme apontam dados do relatório de 2020, da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). De acordo com este documento

[...] dados prévios da crise causada pelo COVID-19 mostram a persistência da violência contra mulheres e meninas como uma "pandemia de sombra" em nível global e regional, onde em média 1 em cada 3 mulheres foi submetida ou está vivendo fisicamente, psicologicamente e /ou violência sexual, por parte de um agressor que era seu par, que sempre carrega o risco de uma violência letal: feminicídio ou femicídio (CEPAL, 2020, p.03).

Assim, evidencia-se que a violência que acometeu as mulheres durante a quarentena, demonstrada pelos dados da CEPAL (2020), não se configura como fator isolado, desencadeado somente pelo estado de calamidade que atingiu o mundo por causa do coronavírus. Na verdade, a amplificação da violência contra as mulheres nesse período revela padrões culturais e históricos de uma sociedade que possui ideologias patriarcais bastante enraizadas.

No cerne desse problema repousam essencialmente os pressupostos das desigualdades de gênero que foram construídos e substanciados por várias instâncias da sociedade, ao longo dos tempos. Nesse sentido, na obra *Breve história do feminismo*, a pesquisadora Carla Cristina Garcia (2011, p.12) explica que

É preciso ressaltar que, ao longo da história da sociedade ocidental, muitos discursos de legitimação da desigualdade entre homens e mulheres foram produzidos. A mitologia e as religiões são bons exemplos. Na Grécia Clássica e na tradição judaico-cristã, Pandora e Eva respectivamente desempenham o mesmo papel: o de demonstrar

que a curiosidade feminina é a causa das desgraças humanas e da expulsão dos homens do Paraíso. A ciência e a filosofia ocidentais também têm funcionado como legitimadores da desigualdade e continuam, em maior ou menor medida, cumprindo essa tarefa.

As consequências desses discursos, que propagam a naturalização das desigualdades nas relações de gênero, inferiorizando as mulheres, exteriorizam-se, na maioria das vezes, em comportamentos disfuncionais e persistentes na sociedade. Nesse contexto, no qual se manifestam condutas e pensamentos ainda arraigados em bases patriarcais, o uso da violência se configura como estratégia para a manutenção do poder. Assim sendo, as práticas violentas dos homens contra as mulheres são muitas vezes os recursos encontrados para estabelecer a exploração do masculino sobre o feminino, encontrando respaldo nos vetores social e histórico, com fortes tendências à normalização dessa barbárie.

Muito embora a violência contra a mulher seja uma prática bastante antiga nas sociedades, o campo teórico sobre esse crime ainda é recente. No Brasil, as pesquisadoras Cecília MacDowell Santos e Wânia Pasinato Izumino, no artigo “Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil” (2005), fazem uma revisão das principais referências na área da sociologia sobre os estudos da referida problemática e destacam as três principais correntes sobre o assunto, no âmbito brasileiro.

A primeira corrente assinalada por Santos e Izumino (2005) é denominada de “Dominação masculina” e tem como principal referência a professora Marilena Chauí. De acordo com as pesquisadoras, os estudos de Chauí sobre o tema agregam um entendimento bastante literal da teoria da dominação masculina, elaborada pelo filósofo francês Pierre Bourdieu, e concebe a violência de gênero como efeito da dominação que é replicada tanto por homens quanto por mulheres. Apesar de as autoras realçarem o pioneirismo dos estudos de Chauí sobre o assunto, realizados ainda nos anos de 1980, elas discordam dos papéis de “cúmplice” e de “objeto” que são imputados à mulher nessa vertente crítica. Nesse sentido, rebatem essa perspectiva, enfatizando que as mulheres são vistas como

[...] “cúmplices” da violência que recebem e que praticam, mas sua cumplicidade não se baseia em uma escolha ou vontade, já que a subjetividade feminina é destituída de autonomia. As mulheres são “cúmplices” da violência e contribuem para a reprodução de sua “dependência” porque são “instrumentos” da dominação masculina (Santos; Izumino, 2005, p.04).

A visão da cumplicidade feminina nos casos de violência contra a mulher também é questionada por Santos e Izumino (2005) na segunda corrente analisada em sua pesquisa, chamada de “Dominação relacional”. Em sua opinião, essa ótica possui maior notoriedade na obra *Queixas e Crimes* (1993), da professora Maria Filomena Gregori. Nessa concepção, a violência de gênero não se desenrola de uma relação de poder, mas de um jogo relacional, no

qual a mulher se configura também como protagonista na situação de violência, na qual ela não é vítima, mas participante. Dessa forma, o sujeito “[...] tem autonomia e participa ativamente na relação violenta. A mulher não é, portanto, ‘vítima’ da dominação masculina. No entanto, a exemplo de Chauí, concebe a mulher como ‘cúmplice’ da reprodução dos papéis de gênero que alimentam a violência” (Santos; Izumino, 2005, p. 07).

Por fim, a terceira corrente que estuda as relações violentas em razão de gênero é designada de “Dominação patriarcal” e foi introduzida no Brasil pela socióloga e teórica feminista Heleieth Saffioti. Essa perspectiva vincula a dominação masculina aos sistemas patriarcal-capitalista-racista e defende que a violência nesse meio atua como vetor necessário para a opressão e a exploração da mulher. Nesse sentido, a ideologia patriarcal constitui a base do sistema que respalda a prática de dominação masculina e propaga a submissão feminina. Assim, para a autora: “[...] dada sua formação de *macho*, o homem julga-se no direito de espancar sua mulher” (Santos; Izumino, 2005, p.04).

Esta abordagem da violência de gênero está mais alinhada com a maioria dos debates feministas atuais sobre o assunto, os quais também posicionam o patriarcalismo na base do problema. Sobre essa percepção, Garcia (2011, p. 17) registra que

Ao se dar conta de que o controle patriarcal se estendia também às famílias, às relações sexuais, trabalhistas e outras esferas, as feministas popularizaram a ideia de que *o pessoal é político*. As mulheres se deram conta de que aquilo que pensavam ser problemas individuais eram experiências comuns a todas, fruto de um sistema opressor. Essa consciência foi determinante, por exemplo, para a análise da violência de gênero. Durante séculos as mulheres acreditaram que a culpa pela violência que sofriam era delas.

Tendo em vista essas considerações, apoiamo-nos nas teorias de Saffioti (1999; 2001; 2004) para compreender a violência de gênero como herança do patriarcado vigente. Dessa forma, neste trabalho adotaremos seus estudos como referência principal para o debate sobre essa problemática.

Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (1934-2010) foi uma socióloga, professora, feminista, marxista e estudiosa da violência de gênero brasileira, com amplas contribuições sobre a mencionada temática. Em sua obra *Gênero, Patriarcado e Violência* (2004), a estudiosa expõe o patriarcalismo como elemento primordial para se compreender a questão da sujeição e opressão das mulheres e para distinguir as formas da dominação masculina nas sociedades modernas. Desse modo, combinando os conceitos de “patriarcado” e “gênero” para analisar a engrenagem da exploração-dominação nas relações de gênero, a socióloga brasileira destaca a influência do fator histórico e das construções sociais na elaboração e perpetuação das desigualdades presentes nestas relações. Nesse sentido, Saffioti (2004, p.71) afirma que

[...] a desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama de relações sociais. Nas relações entre homens e entre mulheres, a desigualdade de gênero não é dada, mas pode ser construída, e o é, com frequência.

Por isso, ela argumenta que a violência contra a mulher na sociedade contemporânea é uma expressão do patriarcado vívido. No entanto, essa concepção de Saffioti (2004) foi alvo de diversas críticas, por parte de algumas teóricas do feminismo, e o conceito de “patriarcado” perdeu força com a instauração de alguns estudos feministas, nos anos de 1980 a 1990, em nosso país.

Nessa época, muitas pesquisadoras defendiam o abandono desse termo, incorporado pelas militantes radicais dos anos de 1970, e reivindicavam a adoção conceitual da expressão “relações de gênero”, para tratar de questões das mulheres. Tudo isso, porque elas consideravam esta nomenclatura mais eficaz para atenuar a força da reprodução da dominação masculina do que “patriarcalismo”. Em suas concepções, o termo “patriarcado” já estaria superado na contemporaneidade, visto que ele se refere a um período anterior ao surgimento do Estado; portanto, ineficiente para problematizar as relações de gênero nas sociedades capitalistas. Além disso, essas estudiosas insistiam que o uso desta nomenclatura nas relações de gênero evidenciava também um caráter imutável do papel social da mulher, condenando-a à condição *Ad aeternum* de objeto da ordem patriarcal.

Em defesa da empregabilidade da terminologia *patriarcalismo* na atualidade, Saffioti (2004) insiste na limitação do conceito de “gênero”, apontando-o como insuficiente para capturar a especificidade da dominação masculina, para a qual a violência contra a mulher atua como estratégia principal para a manutenção de seu poder. De acordo com a autora

Aparentemente um detalhe, esta explicitação permite considerar o conceito de gênero como muito mais amplo que a noção de patriarcado ou, se se preferir, *viriarcado*, *androcentrismo*, *falocracia*, *falo-logocentrismo*. Para a discussão conceitual, este ponto é extremamente relevante, uma vez que gênero deixa aberta a possibilidade do vetor da dominação-exploração, enquanto os demais termos marcam a presença masculina neste polo (Saffioti, 1999, p. 82).

Observamos que a socióloga brasileira recorre à tradição histórico-cultural para marcar o masculino como o polo ativo da violência nas relações de gênero, algo que é evidenciado no caráter patriarcal da ação violenta. Neste caminho, Saffioti também afirma que o percurso social, histórico e cultural do patriarcado exprime, de uma só vez, as especificidades da sujeição e opressão das mulheres, além de distinguir as formas e estratégias de tal dominação.

Nessa mesma direção, a autora especula que um dos motivos para a resistência à adoção de “patriarcado” pode ser uma interpretação ainda muito literal do conceito, baseada na clássica definição de Max Weber, filósofo alemão, que concebe *patriarcalismo* como “[...] a

situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida (normalmente) por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas” (Machado, 2000, p. 03). Assim sendo, a socióloga brasileira esclarece que

[...] quem enxerga Weber no conceito de patriarcado utilizado por feministas na verdade incorre, no mínimo, em dois erros: 1) não conhece suficientemente este autor; 2) imputa a estas intelectuais/militantes a ignorância total de que este regime de relações homem–mulher tenha tido uma gênese histórica posterior a um outro dele distinto, mas também hierárquico (Saffioti, 2004, p. 104).

A fim de apartar-se da definição a-histórica de raiz weberiana do termo, que destaca o poder político do "pai", a socióloga brasileira define patriarcado “[...] como um pacto masculino para garantir a opressão de mulheres. As relações hierárquicas entre os homens, assim como a solidariedade entre eles existente, capacitam a categoria constituída por homens a estabelecer e a manter o controle sobre as mulheres” (Saffioti, 2004, p.104). Para alicerçar sua aceção sobre a influência expressiva do sistema patriarcal nas ações violentas em razão de gênero, a socióloga agrega em seus estudos o conceito de “patriarcado moderno” ou “contemporâneo”, cunhado pela filósofa e feminista britânica Carole Pateman (1993).

Na obra *O contrato sexual* (1993), Pateman confronta as concepções liberais dos contratualistas, que, ao conceberem o contrato original, enfatizaram o seu aspecto social e “esqueceram” o sexual, definido pela esfera privada das relações e historicamente reservado ao feminino. Além desse argumento, a teórica britânica ainda afirma que existem duas dimensões do patriarcado: o paterno (pai/filho), dito “patriarcado tradicional”, e o masculino (homem/mulher), denominado “patriarcado moderno”. Consideramos que estas concepções presentes na história do sistema patriarcal são fundamentais para se entender o patriarcado no mundo contemporâneo. De acordo com a teórica inglesa, esse sistema se constitui na modernidade como o único conceito que

[...] se refere especificamente à sujeição da mulher, e que singulariza a forma de direito político que todos os homens exercem pelo fato de serem homens. Se o problema não for nomeado, o patriarcado poderá muito bem ser habilmente jogado na obscuridade, por debaixo das categorias convencionais da análise política (Pateman, 1993, p.39).

Seguindo esse raciocínio, Saffioti (2004, p. 57-58) didaticamente enumera os seguintes argumentos para a manutenção desse conceito nas relações de gênero atuais:

1 – não se trata de uma relação privada, mas civil; 2 – dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição. Haja vista o débito conjugal explícito nos códigos civis inspirados no Código Napoleônico e a ausência sistemática do tipo penal estupro no interior do casamento nos códigos penais. Há apenas uma década, e depois de muita luta, as francesas conseguiram capitular este crime no Código Penal, não se tendo conhecimento de se, efetivamente, há denúncias contra maridos que violentam suas esposas. No Brasil, felizmente, não há especificação do esturador.

Neste caso, pode ser qualquer homem, até mesmo o marido, pois o que importa é contrariar a vontade da mulher, mediante o uso de violência ou grave ameaça; 3 – configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade; 4 – tem uma base material; 5 – corporifica-se; 6 – representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência.

Para ambas as teóricas, desconsiderar o uso do termo “patriarcado” nas análises das relações de gênero pode fortalecer os discursos que naturalizam a dominação dos homens sobre as mulheres, uma vez que se desfazer desse conceito é promover o apagamento da história de sujeição a que as mulheres foram relegadas ao longo dos tempos. Nesse sentido, a socióloga brasileira ainda acrescenta que

A recusa da utilização do conceito de patriarcado permite que este esquema de exploração-dominação grasse e encontre formas e meios mais insidiosos de se expressar. Enfim, ganha terreno e se torna invisível. Mais que isto: é veementemente negado, levando a atenção de seus participantes para outra direção. Cumpre, pois, um desserviço a ambas as categorias de sexo, mas seguramente, mais ainda à das mulheres (Saffioti, 2004, p.122).

Nesse contexto, evidencia-se que o pensamento patriarcal está corporificado na sociedade e se faz presente nas suas diversas esferas: familiar, trabalhista, midiática, política, legal, etc. Suas manifestações são visíveis em nosso cotidiano: nas disparidades salariais no mercado de trabalho, resultando em remuneração menor para a mulher no desempenho das mesmas funções que os homens; na carga maior dos afazeres não remunerado, ou seja, aquele que é realizado, predominantemente, na esfera privada, sendo considerado, tradicionalmente, um papel feminino; na escassa participação das mulheres na política, e, outrossim, na cultura de objetificação dos corpos femininos reduzidos socialmente ao papel de propriedade do homem, no qual a negativa desse desencadeia, na maioria das vezes, reações violentas, como agressões e feminicídios, entre tantas outras disfunções.

Portanto, considerando a perspectiva da “dominação patriarcal”, é necessário evidenciar o vetor ativo da *dominação-exploração* nas relações de gênero a fim de que, dessa forma, se perceba a violência contra as mulheres sob a ótica da articulação entre os conceitos de “gênero” e “patriarcado”. Afinal, eles são norteadores tanto na identificação do caráter histórico dessa problemática social quanto na elaboração de definições e compreensão das diferentes formas de opressão direcionada às mulheres, conforme podemos verificar, no próximo tópico deste estudo.

## **2.2 Aspectos legais e definições de violência a partir do conceito de gênero**

As discussões sobre desigualdades de gênero e violências cometidas contra a mulher, no Brasil e no mundo, são relativamente novas. Dessa forma, muitas conquistas de direitos



relativos à essas pautas ganharam mais visibilidade apenas nas últimas décadas, a partir dos debates e mobilizações do movimento feminista. Vale a pena registrar que, no âmbito legal, foi apenas em 1979 que se teve o reconhecimento dos direitos humanos das mulheres. Esse feito se deu com a aprovação da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, primeiro Tratado Internacional que dispôs sobre este tema.

Este documento foi ratificado por 188 países presentes no evento, dentre eles o Brasil, que promulgou posteriormente este acordo internacional, através do Decreto nº 89.460/84. O reconhecimento brasileiro da igualdade de direitos entre homens e mulheres também foi corroborado com a promulgação da Constituição Brasileira em 1988.

Nesta primeira Carta Magna, pós-período de redemocratização, o Estado garante a todos, igualdade de direitos e garantias fundamentais, previstos neste ordenamento legal, independentemente de sexo e sem distinção de qualquer natureza. Esse ato foi representativo para o combate às violências cometidas contra a mulher, considerando a força jurídica deste argumento. No entanto, mais de uma década transcorreriam para que fosse aprovada uma normativa que tratasse exclusivamente deste crime no Brasil. Somente em 1994 foi aprovada em Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, considerado, até então, o mais importante acordo internacional sobre a violência de gênero de nosso continente.

Também conhecido como Convenção de Belém do Pará, devido ao local onde ocorreu o citado evento, este Tratado Interamericano reconhece os direitos humanos das mulheres e institui que as violências cometidas contra elas configuram uma violação destes direitos. Ademais, essa normativa incumbe aos Estados-parte a responsabilidade de desenvolver ações necessárias de prevenção, de punição e de apoio jurídico e psicológico às vítimas. O Brasil foi signatário deste acordo que passou a vigorar a partir do Decreto nº 1.973, de 01 de agosto de 1996, tornando-se um dos documentos bases para a criação da Lei nº 11.340/ 2006, pioneira em nosso país na luta contra a violência de gênero.

Esta norma, também chamada de “Lei Maria da Penha”, em homenagem à farmacêutica cearense Maria da Penha Maia Fernandes, uma sobrevivente da violência de gênero, foi sancionada em agosto de 2006 e criou mecanismos para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, em observância aos preceitos da Constituição Federal de 1988 e dos tratados internacionais ratificados pelo Estado brasileiro. Recentemente, com a sanção da Lei nº 14.550/2023, alguns parágrafos foram acrescentados no artigo 19º da referida norma, para instituir maior efetividade e urgência na aplicação de medidas protetivas, conferindo imediata proteção às mulheres que denunciam a violência doméstica

Ademais, desde 2015, o assassinato de mulheres em razão de gênero no Brasil responde a lei própria. Em 2023, foi aprovada a Lei nº 13.104 que alterou o Código Penal Brasileiro e passou a tipificar o feminicídio como um homicídio qualificado. Assim sendo, as punições para o assassinato de mulheres cometido em decorrência da violência doméstica e familiar, em razão do gênero ou pelo menosprezo e discriminação à condição feminina, foram aumentadas e a pena para o crime, que antes era de 6 meses a 20 anos, passou a ser de 12 a 30 anos de reclusão. Além disso, a normativa também modificou a Lei nº 8.072/90, que dispõe sobre crimes hediondos, e incluiu o feminicídio no rol taxativo previsto neste ordenamento, equiparando esta conduta, para fins de julgamento, às de tortura, tráfico de drogas, terrorismo, latrocínio e estupro. Portanto, o crime de feminicídio passou a ser caracterizado como inafiançável e insuscetível de graça, indulto ou anistia, fiança e liberdade provisória, nos termos desta lei.

Outros dispositivos legais brasileiros de proteção da mulher que merecem destaque são: a Lei nº 12.737/2012, conhecida também como Lei Carolina Dieckmann, que versa sobre crimes cibernéticos contra as mulheres, criminalizando a invasão de aparelhos eletrônicos para obtenção de dados particulares, comumente utilizados por agressores para chantagear, constranger, humilhar e coagir às vítimas; e a Lei nº 12.845/2013 ou “Lei do Minuto Seguinte”, que oferece garantias às vítimas de violência sexual, prevendo o imediato atendimento das mulheres pelo Sistema Único de Saúde - SUS, que contam com o amparo médico, psicológico e social, exames preventivos e informações sobre seus direitos.

Em ações mais recentes do Estado brasileiro sobre o tema, destacamos o programa “Mulher, viver sem Violência”, instituído no dia 8 de março de 2023 pelo Ministério da Mulher, através do Decreto nº 11.431, que tem como objetivo

[...] integrar e ampliar os serviços públicos existentes destinados às mulheres em situação de violência, por meio da articulação dos atendimentos especializados no âmbito da saúde, da segurança pública, da justiça, da rede socioassistencial e da promoção da autonomia financeira (Brasil, p. 01, 2023).

Além desta ação, realçamos também o “Pacto Nacional de Prevenção aos Feminicídios”, lançado através do Decreto nº 11.640/2023 e que visa ações para prevenir todas as formas de discriminações, misoginia e violências contra as mulheres no país.

Neste contexto, destacamos ainda a decisão histórica do judiciário brasileiro, que configura um expressivo avanço no combate e punição da violência de gênero. Em agosto de 2023, em veredicto unânime, o Supremo Tribunal Federal (STF) considerou inconstitucional o uso da tese de “legítima defesa da honra”, em julgamentos de feminicídio ou agressões contra mulher. Esse argumento foi costumeiramente invocado para justificar a conduta criminosa de

vários agressores que postulavam que sua honra foi ferida pela conduta da vítima para atenuar o seu crime. Um caso emblemático do uso desta alegação falaciosa se deu em 1979, com o julgamento do feminicídio da socialite Ângela Diniz pelo seu companheiro Raul Fernando do Amaral Street, em Búzios-RJ. Na época, a defesa do assassino recorreu ao uso dessa tese e conseguiu uma pena mínima de dois anos de prisão para ele. Somente após muita pressão do movimento feminista, cinco anos depois, houve um novo julgamento e o feminicida foi condenado a 15 anos de reclusão.

Cabe frisar que o referido argumento possui raízes no Brasil colonial, período histórico no qual a honra masculina era protegida pelo ordenamento jurídico brasileiro e, dessa forma, consentia ao homem que tivesse sua "honra lesada" por adultério a agir com violência contra a mulher. Nesse interim, ao proferir seu voto sobre a matéria, a ministra Rosa Weber afirmou que este recurso argumentativo fere os princípios constitucionais da dignidade da pessoa humana. Além disso, ela expressou que, na sociedade atual,

[...]não há espaço para a restauração dos costumes medievais e desumanos do passado pelos quais tantas mulheres foram vítimas da violência e do abuso em defesa da ideologia patriarcal fundada no pressuposto da superioridade masculina pela qual se legitima a eliminação da vida de mulheres (Brasil, 2023, p.02).

Certamente, a decisão do STF é mais um significativo passo para a superação deste problema de saúde pública que assola a vida de meninas e mulheres brasileiras.

Nesse rumo, enfatizamos a importância de apresentar algumas definições que circundam as várias formas de agressão contra a mulher, o que pode se constituir como uma tarefa laboriosa, devido as muitas confusões que normalmente existem entre as violências doméstica, intrafamiliar, conjugal, familiar e de gênero. Essas denominações por vezes são usadas como sinônimas erroneamente, já que essas categorias, vistas sob um olhar mais atento, possuem nuances distintas e apresentam características específicas (Saffioti, 2004, p. 70).

Assim sendo, recorreremos ao decreto nº 1.973/1996 ou “Convenção de Belém do Pará”, que apresenta, em seu artigo 1º, uma definição relevante deste crime. De acordo com essa normativa, “[...]entender-se-á por violência contra a mulher qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada” (Brasil, 1996, p.02). Nesta mesma direção, a lei nº 11.340/2006 ou “Lei Maria da Penha” também apresenta uma definição da violência doméstica e familiar contra a mulher. No artigo 5º desse dispositivo legal, esse crime é caracterizado como “[...]qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (Brasil, 2006, p. 01).

Frente às definições desse crime, devemos atentar para a formulação “em razão de seu gênero” como fio norteador para diferenciar e explicitar as características e os contextos nos

quais ocorrem as violências de gênero. Por isso, faz-se oportuno revisitarmos a noção de gênero como categoria de análise central para uma melhor compreensão desse fenômeno.

Em seus estudos sobre a violência contra a mulher, Saffioti (1999) se baseia na ampla definição de “gênero” da teórica estadunidense Joan Scott (1986), cuja conceituação apresenta duas acepções para o termo. Nessa concepção, gênero se refere a “[...] 1. um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; 2. uma forma primeira de significar as relações de poder” (Scott, 1995, p.86). Ao sintetizar ambas as caracterizações do termo, a socióloga brasileira concebe gênero como “[...] construção social do masculino e feminino, com supremacia da categoria homem sob a mulher” (Saffioti, 1999, p. 82).

Nesse sentido, considerando que é sobre as mulheres que incorre a ameaça de agressões masculinas, a qual funciona como mecanismo de sujeição aos homens, inscritos nas relações de gênero, afirmamos que a violência de gênero tem o sexo masculino como fonte de agressão. Nesta perspectiva, Saffioti (1999, p.83) explica que

[...] fica, assim, patenteado que a violência de gênero pode ser perpetrada por um homem contra outro, por uma mulher contra outra. Todavia, o vetor mais amplamente difundido da violência de gênero caminha no sentido homem contra mulher, tendo a falocracia como caldo de cultura.

Ressaltamos que a autora compreende o termo gênero como uma categoria histórica, já que, como explanado anteriormente, o uso desta nomenclatura não deixa marcado o lado ativo das agressões nas relações violentas. A teórica complementa que

[...] no exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social homens exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência [...] (Saffioti, 2001, p.115).

Nesse caminho, a teoria da socióloga coaduna com a perspectiva da pesquisadora Lourdes Maria Bandeira (2014, p. 459), que em seu estudo denominado “Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação”, sustenta que

A violência de gênero, gerada na intimidade amorosa, revela a existência do controle social sobre os corpos, a sexualidade e as mentes femininas, evidenciando, ao mesmo tempo, a inserção diferenciada de homens e mulheres na estrutura familiar e societal, assim como a manutenção das estruturas de poder e dominação disseminadas na ordem patriarcal.

Essas colocações sobre as violências motivadas pelo gênero são necessárias para entendermos as modalidades que envolvem esse crime, bem como são importantes para analisarmos as especificidades que diferenciam os casos de violência de gênero, violência

contra as mulheres, violência doméstica e violência familiar. Sobre essas terminologias, Saffioti (2004) afirma que a violência de gênero é um fenômeno mais amplo. Em suas palavras

[...] esta, teoricamente, engloba tanto a violência de homens contra mulheres quanto a de mulheres contra homens, uma vez que o conceito de gênero é aberto, sendo este o grande argumento das críticas do conceito de *patriarcado*, que, como o próprio nome indica, é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens (Saffioti, 2004, p.44).

Nessa ótica, a violência de gênero, derivada das relações de poder entre homens e mulheres dentro da sociedade, pode se manifestar entre diferentes sujeitos: homens-mulheres, mulheres-homens, homens-homens, mulheres-mulheres. Contudo, ela é amplamente difundida através da relação violenta dos homens contra a mulher, considerando o pensamento de base patriarcal e de dominação masculina sociocultural construído ao longo da história.

No caso do Brasil, verifica-se que as distinções se concentram nas variantes das violências doméstica, familiar e intrafamiliar. Em nosso país, a violência de gênero comumente é mencionada como sinônimo da prática da violência contra a mulher, um ato violento direcionado especificamente aos corpos femininos.

Segundo Saffioti (2004), a violência doméstica pode ser definida como a conduta que causa danos físico, psíquico ou sexual à mulher, sendo extensiva às outras pessoas que coabitam a mesma casa que o agressor. Nessa perspectiva, a autora explica que ela “[...] atinge, porém, também pessoas que, não pertencendo à família, vivem, parcial ou integralmente, no domicílio do agressor, como é o caso de agregadas(os) e empregadas(os) domésticas(os)” (Saffioti, 2004, p.71). Dessa forma, ela não só é direcionada majoritariamente contra mulheres, crianças e adolescentes, mas também tem lugar, predominantemente, no interior do domicílio. Sendo assim, além dos membros da família, os funcionários que residem total ou parcialmente na residência dos patrões – ao sofrer algum tipo de agressão nesse ambiente - também podem ser considerados vítimas dessa ação violenta que se expressa como manutenção do poder.

Ainda de acordo com a socióloga, a violência familiar pode ser concebida como “[...] aquela que envolve membros de uma mesma família extensa ou nuclear, levando-se em conta a consanguinidade e a afinidade” (Saffioti, 1999, p.83). Por sua vez, a violência intrafamiliar apresenta como elemento central a presença das relações de parentesco, seja por consanguinidade ou por afinidade.

Apesar de Saffioti (2001) considerar que todas essas violências arroladas caibam na mesma rubrica, insiste na importância das distinções dos termos como um facilitador para a elaboração de Políticas Públicas para combatê-las. Em suas palavras, “[...] as relações de gênero, sendo o pano de fundo deste tipo de violência, permitem antecipar quais são os agentes da agressão e quais são as personagens vítimas” (Saffioti, 2001, p. 134). Nesse sentido,

considera importante o esforço de explicitar as diferentes maneiras em que elas são manifestadas.

Por conseguinte, a violência de gênero pode assumir diversas formas. A Convenção de Belém do Pará (Decreto nº 1.973/96) preceitua que a violência contra a mulher, no âmbito privado ou público, se configura em ações que causem morte, dano ou sofrimento de natureza física, sexual ou psicológica ao sexo feminino. Já a lei Maria da Penha, que regulamenta as violências perpetradas contra a mulher no âmbito doméstico e sob a condição familiar, estabelece cinco manifestações que são taxativamente elencadas, em seu artigo 7º, e estão dispostas da seguinte maneira nesse dispositivo legal:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause danos emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos; IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades; V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. (Brasil, 2006, p. 01)

Sobre essas formas de violência, Saffioti (1999) lembra que as de natureza físicas, sexual, emocional e moral não se verificam isoladamente, pois, numa agressão, as violências emocional e moral também estão presentes. Para a autora, essa dinâmica dificulta a utilização da definição de violência

[...] como ruptura de diferentes tipos de integridade: física, sexual, emocional, moral. Sobretudo em se tratando de violência de gênero, e mais especificamente intrafamiliar e doméstica, são muito tênues os limites entre quebra de integridade e obrigação de suportar o destino de gênero traçado para as mulheres: sujeição aos homens, sejam pais ou maridos (Saffioti, 1999, p.84).

Por isso, ela prefere a utilização do conceito direitos humanos, enfatizando que toda ação que atue na intenção de violar a integridade física e/ou emocional se caracteriza como violência de gênero. Verificamos que nas agressões às mulheres, além da violência física e emocional, ocorre também a de ordem simbólica. Essa forma de violação é perpetrada através do conceito de dominação simbólica formulado pelo filósofo francês Pierre Bourdieu (2012). De acordo com este teórico, a chamada violência simbólica consiste em uma

[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (Bourdieu, 2012, p. 08).

Assim, esse tipo de agressão se refere a uma maneira “imperceptível” de violência cometida por meio de comportamentos, pensamentos e até de modelos de organização das instituições sociais, como Família, Igreja, Escola ou Estado, através de forças materiais e simbólicas. Nessa lógica, a própria dominação já se constitui como uma prática violenta, quando institui a visão do masculino como a ordem natural das coisas, impondo a dominação masculina como uma verdadeira máquina simbólica que é constantemente ratificada pela ordem social, tomada como verdadeira e legitimada, e, por isso, sem necessidade de enunciação. Algumas referências dessa violência simbólica podem ser observadas cotidianamente na divisão desigual das tarefas domésticas, imputadas historicamente como atribuição do sexo feminino, a quem são integralmente responsabilizados os cuidados com as tarefas do lar e com as crianças, além do trabalho fora de casa. Também se observa a violência de gênero de ordem simbólica em “brincadeiras” e comentários sexistas sobre os corpos das mulheres, que devem sempre estar de acordo com os padrões esculturais para agradar os homens e que são vistos com naturalidade no cotidiano.

Nessa perspectiva, evidencia-se ainda o desmerecimento do saber feminino, cotidianamente julgado inferior pelos agressores, que estão sempre encontrando novas maneiras de incrementar a violência contra as mulheres. Nesse ponto, destacamos, a título de exemplificação desses fenômenos, o *maninterrupting*, uma forma de agressão machista manifestada quando um homem tenta calar ou tolher a participação da mulher em diálogos, impedindo-a de se expressar, com constantes interrupções de sua fala. Também é importante salientar o *mansplaining*, ou seja, a tentativa de menosprezar o conhecimento feminino que se manifesta quando o indivíduo insiste em explicar algo às mulheres, considerando-as incapazes de compreender o assunto.

Em qualquer uma de suas formas, a violência de gênero resulta das relações de poder com o intuito de manter as desigualdades entre os sexos, revelando-se como mecanismo para preservar a força-potência-dominação dos homens sobre as mulheres, conforme aponta Saffioti (2001, p.121) “[...] os homens estão, permanentemente, autorizados a realizar seu projeto de dominação-exploração das mulheres, mesmo que, para isto, precisem utilizar-se de sua força física”.

Sobre esse assunto, Bandeira (2014) enfatiza as desproporcionalidades de poder nas relações de gênero, que resultam na violência de gênero. Em sua concepção

[...] esse tipo de violência não se refere a atitudes e pensamentos de aniquilação do outro, que venha a ser uma pessoa considerada igual ou que é vista nas mesmas condições de existência e valor que o seu perpetrador. Pelo contrário, tal violência ocorre motivada pelas expressões de desigualdades baseadas na condição de sexo, a qual começa no universo familiar, onde as relações de gênero se constituem no protótipo de relações hierárquicas (Bandeira, 2014, p.450).

Contudo, a necessidade de focalizar a igualdade de gênero se revela como um forte mecanismo de combate a esse grave problema social. Apesar de muitos avanços nas diferentes frentes legislativas e das várias conquistas dos movimentos feministas, ainda vivemos em uma sociedade onde o pensamento histórico-patriarcal possui uma força significativa. Dessa forma, não surpreende quando encontramos pessoas tolerantes e coniventes com os crimes praticados contra as mulheres, uma realidade que se revela conseqüentemente nos alarmantes números da violência contra a mulher, em suas diferentes formas, nas diversas partes do mundo.

Pensando exclusivamente na macrorregião da América Latina e do Caribe, destacamos alguns números expressivos da violência contra mulheres produzidos pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) sobre essa problemática. Segundo um recente relatório dessa instituição, somente no ano de 2021, ao menos 4.473 mulheres foram vítimas de femicídio ou feminicídio, em 29 países e territórios da região, representando ao menos 12 mortes violentas de mulheres por razão de gênero a cada dia na comunidade latino-americana e caribenha.

No caso específico do Brasil, o último Atlas da Violência (2021) sobre a violência de gênero do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), mostra que mais de 50.056 mil mulheres foram vítimas desse crime, considerando o período de 2009 a 2019. Somente em 2018 foram registrados 4.519 homicídios femininos em todo o país, uma taxa correspondente a 4,3 para cada 100 mil mulheres, evidenciando que a cada 2 horas uma mulher é vítima de feminicídio no Brasil. Quando se considera a raça, os riscos de serem assassinadas em razão de gênero são ainda maiores nos casos de mulheres negras, pois, segundo dados do IPEA, 67% das vítimas de homicídio em 2019 eram negras, contra 26,9% não negras que foram mortas.

De acordo com o relatório do IPEA (2021), em 2019 o número de feminicídios diminuiu em comparação a 2018. Nesse ano, foram 3.737 mulheres assassinadas no Brasil, representando uma redução de 17,3% nos números absolutos. No entanto, o estudo também indica que com o início da pandemia, em 2020, houve um incremento da violência doméstica e outras formas de violência contra meninas e mulheres, além de um significativo aumento de 6,1% da taxa de homicídios de mulheres nas suas residências. Sobre isso, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022) registra que:



Em 2020, a pandemia de Covid-19 fez com que mulheres em situação de violência ficassem ainda mais vulneráveis. O início da pandemia foi marcado por uma crescente preocupação a respeito da violência contra meninas e mulheres, as quais passaram a conviver mais tempo em suas residências com seus agressores, muitas vezes impossibilitadas de acessarem serviços públicos e redes de apoio (Brasil, 2022, p.05).

Esse cenário crítico, evidenciado pelo contexto pandêmico, demonstra o quanto o sistema patriarcal ainda é ativo e como ele promove a violência machista nas sociedades, ancorada na visão distorcida de superioridade do homem em relação à mulher. Além disso, ele é indicativo de como o combate à violência de gênero tem sido desafiador, não só devido à falta de políticas públicas e de segurança mais eficientes sobre o assunto, mas também pela ausência de programas de desenvolvimento de pensamentos críticos frente ao problema que permitam a mudança do pensamento sexista que ainda persiste na sociedade atual.

Nesse sentido, observamos que a literatura contemporânea tem proporcionado uma considerável notoriedade ao tema da violência contra a mulher, especialmente, às obras produzidas por mulheres. Acreditamos que a representação recente do problema na literatura de autoria feminina tem oportunizado desconstruções de ideias patriarcais na abordagem da violência de gênero na maioria de suas narrativas.

A fim de darmos continuidade a esta discussão, no seguinte tópico apresentamos algumas considerações sobre a presença desta temática na literatura produzida na América Latina, particularmente, aquelas escritas por mulheres.

### **2.3 Algumas considerações sobre gênero e representação**

Quando nos deparamos com textos literários, é comum estabelecermos comparações entre os papéis sociais que estão ali representados nos comportamentos dos personagens. Entendendo literatura como um veículo de reprodução e propagação de discursos, além de formação de identidades, ao analisarmos obras literárias de períodos anteriores, é possível perceber que, geralmente, quem detinha espaço de fala e de poder era o sexo masculino. Isso porque a escrita literária, igual a qualquer outro fazer artístico, pressupõe liberdade – seja ela de consciência, de pensamento ou de expressão – como condição básica para sua criação, e as mulheres, durante muito tempo, viveram reclusas e silenciadas, restritas ao ambiente privado, conforme registra a historiadora francesa Michelle Perrot. Em *As mulheres ou os silêncios da história*, a teórica assinala que

Por força das coisas, ao menos para as mulheres de outrora e para o que resta do passado, nas mulheres de hoje (e que não é pouco), é uma memória do privado, voltada para a família e para o íntimo, aos quais elas estão de certa forma relegadas por convenção e posição (Perrot, 2005, p.39).

Dessa forma, ao nos debruçarmos sobre a história mundial das mulheres, percebemos que a palavra “invisibilidade” é a que mais se acentua para descrevê-las em um contexto no qual o silêncio feminino configurava a ordem natural das coisas. Por consequência, a situação de opressão também repercutiu na criação literária de muitas autoras. Sobre isso, Figueiredo (2020, p.86), na obra *Por uma Crítica Feminista*, aponta que “[...] apesar de terem escritos muito mais do que parece, os escritos das mulheres permaneceram fechados em gavetas ou foram enterrados com elas”. Nessa seara, as regras sociais de bases patriarcais, que negaram às mulheres direitos relativos à cidadania e à subjetividade, conseqüentemente, promoveram seu ‘desbotamento’ também na escrita literária, favorecendo a consagração de uma literatura canônica que excluía o sexo feminino.

A respeito da tradição literária, a pesquisadora Rita Terezinha Schmidt (2012, p.66), no texto “Cânone, valor e a história da literatura: pensando a autoria feminina como sítio de resistência e intervenção”, ressalta que

Releituras das histórias das culturas ocidentais modernas acumulam evidências sobre as formas sutis, mas não menos violentas, de cerceamento das mulheres na esfera pública e privada, mostrando o quanto suas incursões na *cidade letrada* dos homens eram consideradas impróprias ou ilegítimas. A literatura “verdadeira” e as “verdades” da literatura em sua função civilizatória, de engrandecimento espiritual e de elevação moral, não comportavam a mulher como sujeito-autora, e as histórias das literaturas, em seus formatos tradicionais, constituem o registro contundente dessa exclusão.

Nesse mesmo sentido, Regina Dalcastagnè (2008, p.18), em “A autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea”, problematiza a construção do cânone literário, no qual os autores são

[...] em sua maioria, homens, brancos (praticamente todos), moradores dos grandes centros urbanos e de classe média – e é de dentro dessa perspectiva social que nascem suas personagens, que são construídas suas representações.

A partir dessas observações, notamos que uma das conseqüências dessa problemática é a limitação da representatividade das chamadas minorias. Desse modo, há uma tendência da literatura canônica de tipificar negativamente esses grupos. Sobre isso, novamente recorreremos a Dalcastagnè, quem, no estudo denominado “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990- 2004”, trata também dessa questão. Em sua opinião,

[...] o silêncio dos grupos marginalizados – entendidos em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério – é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar *em nome* desses grupos, mas também, embora raramente, pode ser quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes (Dalcastagnè, 2012, p.15).

Tal perspectiva dialoga com a ideia de *Representação*, cujo conceito ainda é escorregadio, como argumenta Lúcia Osana Zolin, em “Representações interculturais de gênero

no romance *A república dos sonhos*, de Nélide Piñon” (2012). Nesta publicação, a autora explicita que o termo se trata de “[...]um conceito que aponta para significações múltiplas, entre elas, para o ato de fazer as vezes da realidade representada; ou para o de tornar uma realidade visível, exibindo-lhe a presença” (Zolin, 2012, p.160). Assim, a pesquisadora ainda adverte sobre o risco de reducionismo e outras distorções no processo da representação de algo ou alguém porque

[...] o fato é que a identidade do ser ou da coisa representada, não raro, se resume à aparência dela, escamoteada que está por configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída (Zolin, 2009, p.160).

No caso específico da representatividade da mulher no contexto literário canônico, percebemos que ela, em muitos casos, apresenta propensão a distorcer e subalternizar a figura feminina, com papéis estereotipados e enquadrados em polos negativo ou positivo, de acordo com a valoração do perfil feminino atribuída pela voz masculina.

A história registra a obsessão dos homens em representar as figuras femininas, conforme afirma Perrot em *História das mulheres* (2019). Nessa perspectiva, a teórica francesa relata que elas

[...] são descritas, representadas, desde o princípio dos tempos, nas grutas da pré-história, onde a descoberta de novos vestígios das mulheres é uma constante, e chegando à atualidade nas revistas e nas peças publicitárias contemporâneas. Os muros e as paredes da cidade estão saturados de imagens de mulheres. Mas o que se diz sobre sua vida e seus desejos? (Perrot, 2019, p.22).

O fragmento mostra que os homens sempre falaram muito sobre as mulheres, ditando regras de como deveriam ser, portarem-se e até o que deviam ou não fazer de suas vidas, mas essencialmente nada diziam sobre o que pensavam a respeito, como se viam e até como se sentiam.

No âmbito literário, Zolin, em “A literatura de autoria feminina” (2009), ilustra a ambivalência que a representação dos personagens femininos atravessa nos escritos dos homens. De acordo com a teórica, a representação das mulheres transita entre dois polos. Por um lado, tem-se a mulher sedutora, perigosa, imortal, megera, vil, etc, que possui conotações negativas nas narrativas canônicas. Seriam exemplos entalhados nesses moldes: Eva (*Bíblia Sagrada*, da cultura judaico-cristã); Lady Macbeth - (*Macbeth*, Willian Shakespeare, 1607); Emma Bovary (*Madame Bovary*, Gustave Flaubert, 1856), Capitu (*Dom Casmurro*, Machado de Assis, 1889) e Lucíola (*Lucíola*, José de Alencar, 1862). Por outro lado, apresenta-se a “Mulher anjo”, e/ou indefesa e/ou incapaz e/ou impotente, como na clássica figura feminina que deve se assemelhar à Maria, mãe de Jesus, do cristianismo. Nesses escritos, as personagens configuradas como dóceis, delicadas, sensíveis ou dedicadas à casa e à maternidade recebem conotações positivas.

Sobre essa perspectiva, Ana Maria Colling (2004, p.14), no artigo “A construção histórica do feminino e do masculino”, assinala que

As representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos: a mãe, a esposa dedicada, a “rainha do lar”, digna de ser louvada e santificada, uma mulher sublimada; seu contraponto, a Eva, debochada, sensual, constituindo a vergonha da sociedade. Corruptora, foi a responsável pela queda da humanidade do paraíso. Aos homens o espaço público, político, onde centraliza-se o poder; à mulher, o privado e seu coração o santuário do lar. Fora do lar, as mulheres são perigosas para a ordem pública.

Ainda sobre essa discussão, Figueiredo (2020, p.91) aponta que essa abordagem tem, no mínimo, uma contradição, já que

[...] de um lado, o escritor é fascinado por mulheres fortes; de outro, a *doxa* exige que sejam condenadas. Considerando que são as mulheres as grandes leitoras de romances, o mau exemplo é punido para que não seja imitado, ou seja, tem uma função disciplinadora, pedagógica.

Essa representação produzida pela literatura canônica foi por muito tempo vista como o único discurso válido sobre as mulheres. Tal situação ganhou novos contornos com a consolidação do feminismo, como movimento político e social, que provocou significativos avanços não só na vida social das mulheres, mas também na tradição literária. Dentre outras contribuições, proporcionou o surgimento da Crítica Feminista, ancorada nessas mudanças sociais, a qual fez irromper um novo olhar para a leitura e interpretação dos textos literários, desnudando discursos sedimentados em relação à mulher, agora posicionada na condição de sujeito. Para Zolin (2009, p.328)

O novo lugar que a mulher passa a ocupar na sociedade em decorrência do feminismo fez-se refletir (e não poderia ser diferente) nesse *status quo*. De um lado, a crítica literária, antes de domínio quase que exclusivamente masculino, passou a ser praticada por mulheres; de outro, estas passaram a escrever como literatas, livre dos temores da rejeição e do escândalo.

Nesse movimento para a saída da margem, a literatura de autoria feminina começa a desenhar novas representações e percorrer seu caminho em busca da subjetividade. Segundo Zolin (2009, p. 106),

Após um momento inicial de denúncia e problematização da misoginia que permeia as representações femininas tradicionais, ora presas à nobreza de sentimentos e ao caráter elevado, ora relacionadas com a Eva pecadora e sensual, o feminismo crítico volta-se para as formas de expressão oriundas dos próprios sujeitos femininos. A considerável produção literária de autoria feminina, publicada à medida que o feminismo foi conferindo à mulher o direito de falar, surge imbuída da missão de “contaminar” os esquemas representacionais ocidentais, construídos a partir da centralidade de um único sujeito (homem, branco, bem situado socialmente), com outros olhares, posicionados a partir de outras perspectivas.

Complementando essa discussão, Cecil Jeanine Albert Zinani, no estudo “Da margem: a mulher escritora e a história da literatura”, esclarecendo o sentido de “margem”, neste

contexto, defende a necessidade da discussão em torno do termo, no tocante ao papel de subalternidade atribuído à mulher. De acordo com a pesquisadora:

É realmente necessário discutirmos a violência aplicada à subjetividade feminina numa sociedade de arranjos patriarcais. Portanto, um olhar a partir da margem é urgente. E o que seria essa margem? Nas relações de gênero, assimétricas e de dominação, o que não é masculino assume uma posição marginal (Zinani, 2010, p. 100).

Nessa perspectiva, Zolin (2009, p. 106) adverte que “[...] a noção de representação, nesse sentido, se afasta de sua concepção hegemônica, para significar o ato de conferir representatividade à diversidade de percepções sociais, mais especificamente, de identidades femininas antipatriarcais”. Assim, a produção literária das escritoras se destaca por uma busca por compreensão e a sensibilidade de ser “o outro” numa sociedade ainda embrenhada em estruturas convencionais androcêntricas e comprometida com valores patriarcais. Além disso, essa escrita se revela engajada em denunciar a opressão masculina e de se auto representar, constituindo-se em sua identidade e voz.

Muito embora a imersão desta nova perspectiva da literatura tenha criado um ambiente mais propício para o (re)conhecimento e (re)descobertas de obras de escritoras, a verdade é que essa tarefa ainda apresenta muitos desafios. Um deles remete ao preconceito que a literatura de autoria feminina enfrenta em relação à valoração de suas produções. Historicamente, várias obras literárias escritas por mulheres foram, muitas vezes, apontadas por críticos literários como textos “rasos” e “fraquinhos”, discriminando sua produção literária.

Apesar desses embates, nas últimas décadas, o espaço para a escrita produzida por mulheres tem sido ampliado cada vez mais. Os anos de 1990, período no qual ocorreu o *boom* da literatura de autoria feminina na América Latina, são um exemplo disso. Sobre isso, o artigo “El otro ‘boom’ latinoamericano es femenino” publicado no jornal *El País*, em 2017, a jornalista Paula Corroto (2017, apud MILREU, 2019, p.85) “[...] aponta o atual crescimento de livros de escritoras latino-americanas e sinaliza o seu reconhecimento devido aos prêmios e críticas favoráveis que muitos desses escritos têm recebido ultimamente”. O que significa que, embora existam múltiplos percalços, a visibilidade e o reconhecimento da produção literária de autoria feminina está cada vez mais presente na sociedade contemporânea.

Nesse sentido, a teórica peruana Sara Beatriz Guardia (2013, p. 15), em seu artigo “Literatura e escrita feminina na América Latina”, destaca que as produções literárias de mulheres são “[...] vozes que emergem do silêncio para desenhar novos mapas discursivos na reconstrução da memória e da ficção, o que também significa uma linguagem própria, um espaço de liberação, de reconhecimento de si mesmas e de redefinição”. Conseqüentemente, as escritoras também herdaram, entre outras funções, a árdua e difícil missão de ressignificar as

representações e identidades femininas elaboradas em um universo predominantemente patriarcal.

Assim sendo, importa-nos observar como a produção literária de autoria feminina contemporânea se alinha com debates atuais que buscam validar o papel da mulher no tocante a sua representatividade na condição de sujeito e não mais de objeto. Nas palavras de Figueiredo (2020, p.92), “[...] interessa-nos ver, dentro dessa expectativa de uma crítica feminista quais estratégias narrativas dos séculos XX e XXI usam a fim de fazer que suas personagens femininas sejam sujeitos de seu próprio discurso”. Nessa perspectiva, destacamos a diversidade da representação da violência de gênero na literatura recente, um tema negligenciado ou caricaturado na produção canônica, mas que tem repercutido significativamente na produção literária de nosso continente, sobretudo na de mulheres, conforme explanaremos, no tópico seguinte.

#### **2.4 Violência de gênero na literatura de autoria feminina latino-americana**

Conforme discorrido, o advento da literatura de autoria feminina possibilitou mais espaços para as mulheres ecoarem seus próprios discursos. Através da escrita literária, elas se debruçaram sobre inúmeros temas e questões que anteriormente eram representadas pela literatura canônica, constituída majoritariamente por escritores homens.

Sobre esse novo contexto, Zolin (2011, p. 95), no estudo “A construção da personagem feminina na literatura brasileira contemporânea (re)escrita por mulheres”, considera que “[...] trata-se de uma tendência, de fato, importante, já que se caracteriza pela produção de um texto novo e autônomo que denuncia a alteridade do/a oprimido/a, no caso, a mulher, e promove o desnudamento de sua identidade.” Nessa mesma perspectiva, entendemos ser pertinente observar a representação da violência de gênero a partir da ótica feminina, considerando ser uma problemática intrinsecamente relacionada às mulheres.

A violência contra as mulheres é uma temática que foi negligenciada na literatura canônica. Quando eventualmente aparece nas obras literárias de escritores, a abordagem é feita geralmente de maneira superficial ou apresentada mais como reforço das estratégias patriarcais para manutenção da honra masculina, como registra Carlos Magno Gomes, em “Marcas da violência contra a mulher na literatura”. Neste estudo, o pesquisador, destacando o problema no âmbito da literatura brasileira, afirma que

De diferentes formas, a postura do agressor é representada como parte de uma cultura dominante, por isso incorporada aos padrões sociais disciplinadores. Desde o século XIX, a literatura registra tanto as sutilezas como o horror da violência física e simbólica que sustentam a dominação masculina. Do término do casamento ao

assassinato brutal da mulher, a honra do patriarca dá sustentação à barbárie (Gomes, 2013, p.01).

Dessa forma, percebe-se que na maioria das representações da violência de gênero na produção literária masculina há uma tendência a justificar esse crime, a partir do que se julga ser um desvio de comportamento da mulher. Um exemplo disso é a violência simbólica que aparece em *Dom Casmurro* (1899), do escritor Machado de Assis. Nesse romance, a personagem Capitu, acusada de adultério pelo marido ciumento, é perseguida e torturada psicologicamente por ele. Além disso, é castigada por sua suposta traição com o exílio. A possibilidade de infidelidade é novamente acionada para justificar o assassinato de outra personagem machadiana. No conto “A cartomante” (1884), Rita é morta por Vilela, seu marido, que desconfia da aproximação da esposa com Camilo, seu amigo de infância.

Outro exemplo de violência contra a mulher representada na literatura canônica se repete em *Gabriela, cravo e canela* (1958), de Jorge Amado. Nesta obra do escritor baiano, a personagem Sinhazinha é assassinada pelo marido, o coronel Jesuíno, depois que ele descobre o adultério da esposa. Nesse caso, o pretexto da legítima defesa da honra aparece como tentativa de justificar o feminicídio no citado romance.

Também identificamos a loucura como argumento utilizado para buscar a isenção da culpa dos agressores de mulheres em obras canônicas. Um dos exemplos é o romance *Menino de Engenho* (1932), de José Lins do Rego. Nesta narrativa, Carlinhos, o narrador-personagem do romance relata o feminicídio de sua mãe cometido por seu pai:

Depois é que vim a saber muita coisa a seu respeito: que era um temperamento excitado, um nervoso, para quem a vida só tivera o seu lado amargo. A sua história, que mais tarde conheci, era a de um arrebatado pelas paixões, a de um coração sensível demais às suas mágoas. Coitado de meu pai! [...] Vim a compreender, com o tempo, porque se deixara levar ao desespero. O amor que tinha pela esposa era o amor de um louco. O seu lugar não era no presídio para onde o levaram. O meu pobre pai, dez anos depois, morria na casa de saúde, liquidado por uma paralisia geral (Rego, 1984, p. 52-53).

Apesar de outras falas de Carlinhos na narrativa indicarem a percepção do comportamento violento que o pai tinha em relação à sua mãe, inclusive com alguns episódios de abusos físicos e emocionais, neste fragmento percebemos um abrandamento da gravidade de seu crime que argumenta que o assassino de sua genitora sofria de transtornos mentais. Esse tipo de alegação, que patologiza os agressores, é veementemente criticado por algumas estudiosas da violência de gênero. Para Saffioti (1999, p.87), essa compreensão de tal tipo de opressão não condiz com a realidade do fenômeno, pois

[...] ainda que estes também sejam considerados doentes mentais, para fazer uma concessão, perfazem, no total, 4%, o que é irrisório. O mecanismo da patologização ignora as hierarquias e as contradições sociais, funcionando de forma semelhante à culpabilização dos pobres pelo espantoso nível de violência de diversos tipos.

Notamos que estas considerações sobre a representação da violência contra as mulheres na ficção canônica indicam a presença de resquícios dos discursos patriarcais culturalmente enraizados, que tendem a, por meio da justificação, naturalizar esse crime diante da sociedade da época.

Outra questão relevante é a representação feminina nessas obras. Na maioria das vezes, a mulher é desenhada como adúltera, submissa ou vulnerável nessas narrativas. Sobre essa configuração, Gomes (2013, p. 2) assente que isso remete aos

[...] registros de violência contra a mulher associados aos comportamentos próprios de uma sociedade patriarcal tradicional. De diferentes formas, a postura do agressor é representada como parte de uma cultura dominante, por isso incorporada aos padrões sociais disciplinadores.

Não obstante, a literatura de autoria feminina contemporânea tem se mostrado compenetrada na missão de subverter as representações canônicas da violência contra as mulheres. Cada dia mais, as escritoras têm trazido ao centro de suas produções literárias formas de problematização, denúncia e visibilidade desse crime, expondo a face covarde e brutal desse problema social em suas narrativas.

Vale ressaltar que, ainda no início do século XX, Júlia Lopes de Almeida já ficcionalizou esse tema tão melindroso na sociedade, no conto “O caso de Ruth”, na coletânea *Ânsia Eterna* (1903). Nessa narrativa, Ruth é coagida a um noivado por conveniência, sendo caracterizada como portadora de todas as virtudes esperadas de uma mulher “decente”. Sua única “mácula” foi ter sido violentada aos 15 anos pelo padrasto. Ao se ver diante da necessidade de assumir um compromisso que mais adiante revelaria seu segredo, ela prefere cometer suicídio a viver uma vida de humilhações por não possuir mais a castidade esperada em um matrimônio. Por meio desta trajetória, a autora expõe a condição de poder, dominação e opressão masculina sobre a mulher que até se culpa por ter sido abusada sexualmente.

Depois dessa publicação, mais de meio século se passaria até despontarem outras narrativas de autoria feminina com essa temática na literatura brasileira. Nesse sentido, Gomes (2013, p. 3) registra que, especificamente, a partir dos anos de 1970:

[...] a escritora brasileira passa a explorar os crimes contra a mulher como parte da violência da família patriarcal. Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Marina Colasanti, Lya Luft, Nélide Piñon, Patrícia Melo, entre outras, questionam as diferentes formas de violência contra a mulher que vão do assédio moral, passando pelo espancamento, até chegar ao feminicídio.

Além disso, o pesquisador evidencia a existência de diferentes abordagens da temática adotadas pelas escritoras brasileiras, as quais privilegiam o lugar de fala das mulheres, suas subjetividades e particularidades. Nesse sentido, Gomes (2013, p. 04) ressalta que na ficção dessas autoras a violência aparece “[...] como consequência da falta de habilidade do



companheiro em não aceitar a premissa de que a mulher está em transformação e em busca de novos espaços sociais”.

Dentre esses escritos, destacamos o relato de Lygia Fagundes Telles que ficcionaliza um feminicídio em “Venha ver o pôr do sol”, conto que faz parte da coletânea *Antes do baile verde* (1970). Na citada narrativa, a personagem Raquel é atraída para um encontro no cemitério, por Ricardo, seu ex-companheiro. O rapaz, enraivecido por ter sido preterido pela moça, premedita sua vingança e prende a ex-namorada em um jazigo. Este desfecho desfavorável à protagonista de Telles evidencia a intenção de chocar e denunciar esse tipo de violência contra a mulher.

Nessa perspectiva, Clarice Lispector problematiza esse crime nos espaços públicos em seu conto “A língua do P”, integrante da coletânea *A via crucis do corpo* (1974). Nesse relato, Cidinha, a personagem central da narrativa, é abordada em um metrô por desconhecidos e, na eminência de ser violentada por eles, usa a imagem estigmatizada de “mulher fácil”, como artifício para desmotivar seus algozes. Ao analisar essa obra, Gomes (2013, p.8) observa que:

[...] tal violência se inicia com o assédio sexual de Cidinha, a protagonista, e é finalizada com o estupro e o feminicídio de outra mulher. Ao trocar a vítima do crime, Clarice Lispector deixa uma pista do quanto esse crime também é fruto de uma cultura machista opressora. A narrativa apresenta duas perspectivas: a externa, referente ao abuso sexual; e a interna, própria de angústia, horror e medo por que passa a personagem. Esses dois movimentos narrativos são importantes para entendermos o quanto a violência traz consequências negativas para as vítimas, como distúrbios emocionais e a sensação de inutilidade da mulher.

O citado conto também amplia a percepção sobre os espaços onde as mulheres são violadas. Clarice Lispector já tinha essa abordado a temática no conto “Amor”, inserido na coletânea *Laços de Família* (1960). Nesta ficção, a autora retoma a questão da violência simbólica a partir da personagem Ana, que tem um *insight* sobre sua vida, percebendo-se automatizada e presa em um casamento convencional e sustentado por aparências.

Outra escritora brasileira que evidenciou a violência de gênero em sua obra foi Marina Colasanti. Entre os vários exemplos presentes em sua escritura, podemos mencionar o miniconto “Uma questão de educação”, que integra a coletânea *Contos de amor rasgados* (1986). Nesse relato, Colasanti minuciosamente enfatiza a frieza de um feminicídio em detrimento da suposta traição, que, de forma irônica, reaparece como elemento suficiente para justificar um assassinato.

Gomes (2013, p. 5) registra que foi só a partir da consolidação das lutas feministas que a ficção das mulheres brasileiras “[...] tenta ir além da questão moral da violência doméstica e passa a questionar o fato de essa violência estar relacionada à defesa da honra masculina”. Esta

inovação na representação da violência de gênero também pode ser identificada em outros países latino-americanos.

Vale a pena recordar que, quando o eixo dos feminismos inglês e francês se deslocava para demandas de redistribuição de valores e questões de representação de gênero, as mulheres latino-americanas vivenciavam o período ditatorial. Nesse contexto, a repressão militar que vigorou dos anos de 1973 a 1990, atacando diretamente os princípios democráticos, matando, torturando e exilando o povo latino-americano, apresentou-se como angustiante para as mulheres da América Latina, obrigando-as ao retorno de pautas essenciais dos direitos civis e da liberdade de expressão, afetando sobremaneira também a produção literária de autoria feminina da região.

Esse período da história é fundamental para entender também a dinâmica atual da violência contra a mulher na América Latina. Tomando como exemplo os abusos sofridos pelas mulheres na última ditadura chilena, a pesquisadora Sofia Augusta Knoll da Rosa (2020), em “Na violência sexual como prática de tortura contra mulheres na ditadura chilena: uma aproximação da realidade com a literatura a partir da obra *A Casa dos Espíritos*”, registra a cultura misógina que se perpetuou no continente latino-americano pós-ditadura. Ao analisar o contexto histórico sob a ótica da opressão ao feminino, Rosa (2020, p.02) verifica que a “[...]ditadura chilena perpetuou a violência contra as mulheres de maneira sistemática dentro de uma estrutura de hierarquia patriarcal, transformando os centros de torturas em meios institucionais de violência de gênero contra as mulheres”. Uma das obras mais emblemáticas que aborda este tema é o romance *A casa dos Espíritos* (1982), de Isabel Allende. Nessa ficção, o crime é representado pela personagem Alba Trueba, que foi torturada e violada sexualmente durante um interrogatório feito por agentes da força militar do governo.

Atualmente, com a redemocratização dos países latino-americanos e o reconhecimento da literatura de autoria feminina, a partir da década de 1980, observa-se a ampliação da produção ficcional baseada em perspectivas feministas sobre a violência de gênero na região. Outras motivações também têm influenciado muitas escritoras latino-americanas a se debruçarem de formas mais incisivas sobre essa problemática.

Nesse viés, talvez a necessidade de buscas por respostas e justiça tenha motivado a escritora argentina Selva Almada a escrever *Garotas mortas* (2014). Essa obra gira em torno de uma investigação das mortes de três mulheres na década de 1980, na Argentina, que até hoje não foram solucionadas. De acordo com Gomes (2021, 37) em “A violência estrutural dos feminicídios na literatura latino-americana”, esse romance traz à tona

[...] diversos exemplos de feminicídios cujas vítimas sofrem diversos tipos de violência estrutural de gênero. Em muitos casos, a mulher é vítima de emboscada, sequestro, estupro e/ou homicídio, mas prevalece a impunidade em torno desses casos.

Ainda no âmbito da literatura argentina contemporânea de autoria feminina, podemos mencionar o exemplo de quem transforma sua própria dor em relato, através da reelaboração do trauma na ficção, como é o caso da jovem escritora Belén López Peiró. Essa autora apresenta no seu livro *Porque voltava todo verão* (2021) relatos dos abusos sexuais que sofreu quando estava na faixa dos 13 aos 16 anos. A violência era praticada por um tio, quando ela ia passar as férias na casa de praia da família. Essa narrativa serve também de alerta para expor o teor silencioso da violência que ocorre nos espaços familiares.

Outra perspectiva atual na ficção de autoria feminina que trata da violência de gênero remete ao medo da violência urbana que também assola as mulheres. Para exemplificarmos, destacamos o romance *Vista Chinesa* (2021), da escritora brasileira Tatiana Salem Levy. Esta narrativa, que é composta por cartas da personagem Júlia, relata os horrores que a protagonista vivenciou ao ser estuprada durante uma tarde em que saiu para correr até a Vista Chinesa, um ponto turístico que fica dentro da Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro. O relato destaca o quanto qualquer lugar é perigoso para nós somente pelo fato de sermos mulheres.

O estupro também é o tema abordado no romance *O peso do pássaro morto* (2018), da escritora paulista Aline Bei, que foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura. Além da violência sexual, a autora ainda relata a dor e a culpa que assolam a personagem central da obra por não conseguir se conectar com o filho, fruto do crime sofrido por ela, possibilitando-nos a reflexão sobre a maternidade impositiva para as mulheres.

Indispensável também é citar a expressividade desta temática na literatura de autoria feminina negra, considerando que o problema social da violência contra a mulher é ainda mais acentuado na interseção entre gênero, classe e etnicidade. Na concepção de Constância Lima Duarte, exposta em “Gênero e violência na literatura afro-brasileira” (2010), este assunto ainda é parco na literatura de autoria feminina da vanguarda, diferentemente da expressiva abordagem do tema pelas autoras pretas, constatada a partir da análise dos *Cadernos negros*, uma publicação anual que reúne produções literárias de escritores afrodescendentes brasileiros. Em suas palavras

[...] o que era exceção tornou-se quase uma temática recorrente. A partir de uma perspectiva étnica, de classe e feminista, algumas escritoras realizam – com competência e sensibilidade – agudas releituras da violência, expondo sem melindres personagens-chagas do cotidiano feminino (Duarte, 2010, p. 02).

Dessa forma, a autora destaca do corpus de sua pesquisa, o conto “Beijo na face”, publicado na coletânea *Olhos d’água* (2003), de Conceição Evaristo. Nesse relato, conhecemos

a história de Salinda, uma personagem negra e homossexual, mãe de duas crianças pequenas, que se permite viver um novo amor homoafetivo, mesmo que para isso tenha de enfrentar o marido violento que a mantém presa à força ao casamento.

A breve amostra da escrita de autoria feminina na América Latina sobre a violência de gênero, evidencia o comprometimento das autoras com problemas atuais de sua classe. Também revelam os elos com a história de nosso continente, marcada por um passado colonial, escravocrata e ditatorial. Sobre essa questão, a pesquisadora Cecil Jeanine A. Zinani (2006, p. 256), no artigo “Literatura e história na América Latina: representações de gênero”, explica que esta região é um “[...] produto da síntese entre o passado remoto da conquista europeia (espanhola e portuguesa), o passado recente das ditaduras que varreram o continente e o presente de frágeis democracias”. Tais acontecimentos estão enraizados no processo formativo do continente latino-americano e deixaram como herança a problemática da dominação patriarcal, da assimetria de poder e da desigualdade nas relações de gênero, dentre outras mazelas.

No entanto, é mister destacar que a América Latina também tem sido palco de resistência nas lutas pelo reconhecimento dos direitos da mulher. Muito embora seja impossível homogeneizar a região para alavancar o movimento feminista, percebemos a existência de ações unificadas no enfrentamento dos crimes de gênero nesse contexto.

Para exemplificar estas iniciativas, cabe registrar o movimento embalado pela frase “*Ni una a menos, ni una muerta más*” (Nenhuma a menos, nenhuma morta a mais), retirado de um poema da ativista mexicana Susana Chávez. A poeta foi uma das primeiras mulheres a denunciar os crimes de assassinatos, sequestros e desaparecimentos de dezenas de meninas, na Cidade de Juárez e seu grito foi ouvido em toda América Latina, quando, em 2011, depois de 10 anos de militância, foi estuprada e brutalmente assassinada por narcotraficantes. Seu caso, somados a inúmeros outros feminicídios na região, fez surgir em 2015, na Argentina, o movimento chamado “#NiUnaMenos”. Esse e outros coletivos feministas, como o “#! *Si tocan a una tocan a todas*”, cruzaram fronteiras e o levante foi replicado em diferentes países da América Latina, tais como Brasil, Chile, Uruguai, Equador, entre outros.

A resistência latino-americana à violência de gênero também pode ser percebida no campo literário através da representação desse tema na literatura, sobretudo na ficção escrita por mulheres. Dessa forma, no capítulo seguinte, sob a perspectiva teórica da crítica feminista, investigamos como esta temática é representada por escritoras contemporâneas do Cone Sul a partir da análise de contos de autoras de três países desta região de nosso continente.

### 3. CAPÍTULO II - QUANDO A AMEAÇA É DENTRO DE CASA: A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM FICÇÕES DE TRÊS ESCRITORAS DO CONE SUL

Este capítulo consta de três seções. Na primeira, apresentamos dados sobre a vida e a obra das escritoras Marcela Serrano, Mariana Enríquez e Simone Paulino, bem como a fortuna crítica dos estudos realizados sobre as citadas autoras em nosso país. Em seguida, tecemos nossas leituras dos contos “O homem do vale”, da chilena Marcela Serrano, “As coisas que perdemos no fogo”, da argentina Mariana Enríquez, e “Destino: Sé”, da brasileira Simone Paulino. Por fim, efetuamos uma análise comparativa entre os relatos mencionados, examinando as reações das protagonistas frente à violência doméstica.

#### 3.1 Vida e obra das autoras

Neste tópico são retratadas de forma descritiva a biografia e a produção literária das escritoras Marcela Serrano, Mariana Enríquez e Simone Paulino.

##### 3.1.1 Marcela Serrano

A autora nasceu em 1951, em Santiago, no Chile. É filha dos escritores Horacio Serrano e Elisa Pérez Walker. Marcela Serrano viveu em Paris por um ano e, durante a ditadura militar chilena, morou em Roma por quatro anos, na condição de exilada, retornando ao seu país de origem em 1977. Graduiu-se em Artes Visuais pela Universidade Católica do Chile, em 1983, atuando na área até 1990, quando decidiu abandonar as artes plásticas para se dedicar à Literatura.

Sua estreia no universo literário aconteceu no ano de 1991, com a publicação da obra *Nosotras que nos queremos tanto*. Esse romance rendeu à literata os Prêmios “Sor Juana Inés de la Cruz” e o “Feria del Libro de Guadalajara”, no México. Posteriormente, publicou *Para que no me olvides* (1993), pelo qual recebeu o Prêmio Municipal de Literatura, em Santiago. Além desses livros, ela também lançou *Antigua vida mía* (1995), *El albergue de las mujeres tristes* (1997), *Nuestra señora de la soledad* (1999), *Lo que está en mi corazón* (2001), *El cristal del miedo* (2002), *Hasta siempre, mujercitas* (2004), *La Llorona* (2008), *Diez mujeres* (2011), *La novena* (2016) e *El manto* (2019). Várias dessas obras possuem tradução para o português e outros idiomas.

Nas narrativas de Serrano, as mulheres estão inseridas nos mais diversificados contextos e são desenhadas como protagonistas, conforme destaca a pesquisadora Glaucia Moreira Secco. No texto “Cuando a nosotras no nos quieren tanto, nos reunimos e tomamos a palabra: a violência de gênero em um romance de Marcela Serrano”, Secco (2019, p.23) registra que

[...] as protagonistas de Marcela Serrano são apresentadas como mulheres pensantes, críticas, que estão em busca da legitimação de suas vozes, dentro da ideologia moral burguesa, ofertando ao mundo uma perspectiva feminina (e feminista) da história, por meio da consagração da liberdade e das paixões.

Apesar de possuir uma extensa bibliografia, com expressiva recepção por parte dos leitores chilenos, o reconhecimento de Marcela como literata em seu próprio país foi um processo demorado, recebendo muitas avaliações negativas e desproporcionais da crítica literária chilena no tocante à qualidade de sua obra. Sobre essa situação, no contexto latino-americano, Cecil Jeanine Albert Zinani, no artigo “Isabel Allende e Marcela Serrano: vozes chilenas na literatura latino-americana” (2020), argumenta que isso acontece porque a literatura produzida por autoras sempre foi rotulada de “feminina”, ou seja, aquela supostamente preocupada apenas com problemas domésticos ou íntimos, considerada por muito tempo inferior em relação à produzida por homens escritores.

Apesar de Marcela Serrano ter recebido importantes prêmios literários e ser considerada um dos novos talentos da literatura latino-americana, ela é pouco reconhecida e estudada no Brasil, conforme identificamos no levantamento das pesquisas que contemplam a obra desta escritora em nosso país. A partir de consultas nos principais sites de produção científica brasileira, constatamos que não existem muitos trabalhos acadêmicos sobre a literatura da autora chilena.

Neste intuito, ao efetuar nossa busca na *web*, especificamente com as variáveis “Marcela Serrano”, “O homem do vale” e “violência de gênero”, em separado, deparamo-nos com uma Dissertação publicada, em 2012, por Anelise Ferreira Riva, no Programa de Mestrado em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Intitulado “Perspectiva de género *En Hasta Siempre, Mujercitas*”, de Marcela Serrano”, este trabalho, apoiado nos pressupostos teóricos da crítica feminista e dos estudos de gênero, investigou se os personagens do romance citado no título da pesquisa reproduzem ou rompem com modelos da literatura canônica baseada em concepções patriarcais.

Ademais, detectamos também a pesquisa de Mestrado em Estudos Literários “Corpo-escrita de mulheres: violência, memória e trauma em Conceição Evaristo e Marcela Serrano”, de Bruna Stephane Oliveira Mendes da Silva, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Publicado em 2020, este estudo teve como principal objetivo analisar comparativamente as marcas da violência e de sua rememoração em alguns contos dos livros *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), de Conceição Evaristo, e *Diez mujeres* (2011), de Marcela Serrano, considerando os conceitos de autoficção, memória, trauma e violência.

Além disso, encontramos o artigo “Identidades e estereótipos femininos em ‘*Nosotras que nos queremos tanto*’, de Marcela Serrano”, publicado em 2019, na revista *Graphos*, pela doutoranda da Universidade Federal da Paraíba, Ângela Paula Nunes Ferreira. À luz da Crítica Feminista e dos Estudos Culturais, neste estudo, a pesquisadora examinou de que maneira essa narrativa se constitui como resistência à desigualdade de gênero no contexto latino-americano, embasada na análise da representação feminina das quatro personagens centrais do romance.

No tocante à obra *Doce inimiga minha*, verificamos o artigo “O envelhecimento dos corpos e a questão dos gêneros: um estudo comparado de ‘A égua’, de Marcela Serrano, e ‘As tardes de um viúvo aposentado’, de Teolinda Gersão”, de autoria do mestrando da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Frederico Dias Rosa Alves Teixeira, e publicado em 2020, na Revista *Scripta*.

Ao consultar pesquisas que contemplem a obra da autora atrelada a temática da violência de gênero, identificamos uma Dissertação de Mestrado de 2019, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, intitulada “*Cuando a nosotras no nos quieren tanto*, nos reunimos e tomamos a palavra: a violência de gênero em um romance de Marcela Serrano”. Neste estudo, Glaucia Moreira Secco apresenta como objetivo principal de sua pesquisa investigar como as vozes narrativas representam uma transgressão aos papéis de gênero tradicionalmente atribuídos pela sociedade e pela literatura às mulheres, através da análise das quatro protagonistas da obra *Nosotras que nos queremos tanto* (1990).

Ao associar a busca do tema da violência de gênero com o conto “O homem do vale”, encontramos apenas um artigo publicado em 2019, na Revista *Sóciopoética*. Esta produção denominada “A violência doméstica nos contos ‘Destino: sé’, de Simone Paulino, e ‘O homem do vale’, de Marcela Serrano”, da pesquisadora Aline Teixeira da Silva Lima, problematiza a representação da violência doméstica na Literatura de autoria feminina, bem como analisa comparativamente a figura de “mulher agredida” nas narrativas. Na conclusão de sua pesquisa, a autora destaca a naturalização tanto pelas personagens masculinas quanto pelas femininas das violências sofridas pelas protagonistas dos contos, evidenciando as questões de poder marcadas nas relações de gênero.

Outro estudo identificado em nossa investigação foi o texto “Isabel Allende e Marcela Serrano: vozes chilenas na literatura latino-americana”, de Cecil Jeanine Albert Zinani, que foi

publicado em 2020, na *Letrônica* - Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-RS. Neste artigo, Zinani (2020) analisa as elaborações do conceito de gênero, como categorias do feminino, a partir das narrativas “Duas palavras”, conto de Isabel Allende, e *Nossa Senhora da Solidão*, romance de Marcela Serrano, e se propõe a observar como esses relatos conseguem construir protagonistas capazes de subverter discursos e comportamentos patriarcais na sociedade, constituindo-se como sujeitos de suas histórias nas obras ficcionais citadas.

Ao final da busca pela produção de Marcela Serrano, percebe-se como ainda é incipiente o campo de trabalhos acadêmicos publicados sobre a vasta obra da escritora chilena no âmbito brasileiro. Em relação ao conto “O homem do vale” ou a obra *Doce inimiga minha* (2014), não foi encontrada nenhuma Tese ou Dissertação que tenha este relato no seu corpus, fator que salienta a importância de nossa pesquisa.

### 3.1.2 Mariana Enríquez

A autora nasceu em 1973, em Lanús, província de Buenos Aires. Coursou comunicação social na Universidade Nacional de La Plata e, com apenas 21 anos de idade, fez sua estreia na literatura com o livro *Bajar es lo peor* (1994). Mariana Enríquez também publicou os romances *Cómo desaparecer completamente* (2004), *Chicos que vuelven* (2011), *Este es el mar* (2017) e *Nuestra parte de noche* (2019), título com o qual venceu a 37ª edição do Prêmio Herralde de Novela, se tornando a primeira escritora argentina a receber essa premiação. Além disso, Enríquez escreveu as obras *Los peligros de fumar en la cama* (2009), *Las cosas que perdimos en el fuego* (2016) e *Alguien camina sobre tu tumba: Mis viajes a cementerios Alguien* (2021). A autora também atuou na área de não-ficção, como ensaísta e biógrafa, função na qual assinou a obra *La hermana menor, un retrato de Silvina Ocampo* (2014). Atualmente é professora, jornalista e subeditora do jornal argentino *Página/12*.

Mariana Enríquez é conhecida como “princesa do terror” pela imprensa argentina, devido a recorrência desse gênero em sua escritura. Nessa perspectiva, a pesquisadora Desirée Climent (2017, p. 04), no artigo intitulado “O terror como motor da criação literária na obra de Mariana Enríquez”, reforça que

[...] o gênero de terror na obra de Enríquez funciona como forma de refletir as experiências da autora na urbe, levando em conta como ela percebia o entorno e os problemas sociais que atravessam o país quando era jovem. Os filmes e a literatura de terror a ajudavam a entender e ler esses problemas a partir da ótica do sobrenatural, moldando ao mesmo tempo suas percepções.



Nesse sentido, a utilização de elementos típicos do gênero gótico em sua obra funciona como base para que a autora possa explorar os problemas atuais da sociedade, como a violência e a injustiça social, por vezes tão invisibilizadas na Argentina. Quando é indagada sobre sua aceção de fantasmas, a escritora prontamente afasta a imagem arquetípica de assombração com lençol branco que aterroriza lugares abandonados. Em sua concepção, a verdadeira assombração está na história que não é mostrada/contada ou ainda na memória perdida de eventos traumáticos de um país que não foram devidamente solucionados.

Na entrevista “Nos contos de *As coisas que perdemos no fogo*, a escritora Mariana Enríquez recorre ao sobrenatural para trabalhar os medos argentinos”, veiculada na revista *Época*, em 2017, a autora afirma que “[...] um fantasma é algo ou alguém cujo trauma se repete sempre, de modo a aprisioná-lo. Os traumas históricos – e na Argentina há muitos deles – também são assim” (Enríquez, 2017, n.p.). O trecho da declaração da autora ainda evidencia que o horror da ditadura militar é um tema recorrente em suas obras.

Nessa direção, Mariana Sanches, no artigo “O terror para refletir a cidade e o presente: Mariana Enríquez e os fantasmas do horror pelas esquinas de Buenos Aires” (2017), analisa a repercussão que o período ditatorial argentino possui em sua escrita. Em seu texto, Sanches (2017) enfatiza o teor memorialístico e a influência desse assunto na construção literária da autora argentina, para quem os elementos tipicamente assustadores na ficção de terror, como morte, caixão, cadáver, esqueletos, corpos, são facilmente superados por abordagens narrativas que enfatizem o desaparecimento de uma pessoa pelo terrorismo de Estado.

No que diz respeito a representação feminina nas obras de Mariana Enríquez, Ana Gallego Cuiñas, em sua resenha “El feminismo gótico de Mariana Enríquez” (2020), assinala a existência de uma lente feminista na leitura que a escritora argentina faz da sociedade portenha. Além disso, destaca a militância dessa autora contra as violências, a desigualdade de gênero e a precariedade de políticas voltadas para as minorias. Portanto, depreende-se que a escrita provocativa, inquietante e política desta autora é um dos motivos que a faz ser considerada uma das escritoras mais importantes do século XXI.

Quanto à fortuna crítica da escritora argentina no contexto brasileiro, constatamos que ainda é escasso o panorama de pesquisas sobre sua literatura. Em buscas nos principais sites de produção acadêmica brasileira, com as variáveis “Mariana Enríquez”, “As coisas que perdemos no fogo”, e ainda “violência de gênero + conto “As coisas que perdemos no fogo”, nenhuma ocorrência de Tese ou Dissertação foi verificada tendo a escritora argentina, o livro ou o conto “As coisas que perdemos no fogo”, como corpus na pesquisa. No entanto alguns estudos foram

identificados em busca pelo nome da autora e do conto homônimo à coletânea, no navegador *Google*.

Pesquisando apenas o nome Mariana Enríquez, encontramos o artigo “O terror como motor da criação literária na obra de Mariana Enríquez”, de autoria de Dalva Desirée Climent, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que foi publicado nos Anais do XI Congresso Brasileiro de Hispanistas, em 2020. Nesse trabalho, a pesquisadora investiga a relação entre o patrimônio cultural de Enríquez com os produtos de diversão e entretenimento consumidos pela escritora argentina, em sua juventude.

Considerando na busca apenas o nome do conto que é homônimo ao livro *As coisas que perdemos no fogo*, detectamos quatro artigos, além de um Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, que focalizam esta obra.

Três desses trabalhos encontrados estão publicados na *Revista de Estudos Literários* (REVELL), no periódico de número 20 e vol.3, do ano de 2018, que foi dedicado às novas narradoras latino-americanas com temáticas sobre corpo, memória e imaginário. O primeiro deles está intitulado “A construção do espaço em *As coisas que perdemos no fogo*: narrativa, medo e ficção”, de Gabriela Chiva de Sá e Santos, da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Nessa pesquisa, Santos (2018) investiga, em quatro ficções que compõem a coletânea - *As coisas que perdemos no fogo* (2017), como o espaço é descrito e apresentado nos contos a partir da perspectiva e das vozes narrativas desses relatos, considerando a organização deste elemento em três instâncias: micro, meso e macro.

O segundo artigo é “O horror vem de dentro: o abjeto e o corpo político em três contos de Mariana Enríquez”, de autoria de Izabel Fontes, da Universität Hamburg – Alemanha. Neste trabalho, a pesquisadora analisa, nos contos “Fim de curso”, “Nada de carne sobre nós” e “As coisas que perdemos no fogo” da coletânea supracitada, as representações de corpos dissidentes na literatura argentina contemporânea e como esses corpos monstruosos ou espectrais operam uma ressignificação da memória social e política do país do período da última ditadura militar.

O terceiro está denominado “As bruxas na América Latina: memórias das cicatrizes”. Nessa pesquisa, Lara Luiza Oliveira Amaral, da Universidade Estadual de Maringá, analisa o conto “As coisas que perdemos no fogo” traçando um paralelo com o período da inquisição na Europa da Idade Média em que as mulheres eram perseguidas, transpondo-o para o contexto latino-americano. Os parâmetros adotados pela autora em seu estudo são o corpo feminino e as cicatrizes relacionadas à memória dos séculos em que ocorreu a inquisição.

Além desses artigos, outra publicação encontrada, em nossa busca pela obra *As coisas que perdemos no fogo*, está denominada “O cotidiano macabro: elementos do terror no conto

‘El chico sucio’, de Mariana Enríquez” e foi publicada na *Revista de Estudos de Cultura*, em 2020. Neste trabalho, os autores Rodrigo de Freitas Faquero e Daniele Pereira Zaratini analisam a composição do terror em “Menino sujo”, primeiro conto da coletânea, destacando as estratégias que a autora argentina utiliza para criar uma atmosfera que desperta repugnância, angústia, medo, hesitação, horror e terror na narrativa.

Por fim, o Trabalho de Conclusão de Curso “Resenha Literária e Efeito Estético: uma correlação Metaprocedimental”, apresentado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, em 2021, da graduada Aline dos Santos Gouveia, tem como objetivo de pesquisa analisar, à luz da Teoria do Efeito Estético, de Wolfgang Iser, resenhas literárias publicadas em páginas de Instagram sobre as obras: *O oceano no fim do caminho* (2013), de Neil Gaiman; *Onde vivem os monstros* (2009), de Maurice Sendak; *As coisas que perdemos no fogo* (2016), de Mariana Enríquez e *Outros jeitos de usar a boca* (2014), de Rupi Kaur. A pesquisa busca perceber se esse gênero textual serve para identificar a efetivação da experiência estética dos leitores, através da análise de resenhas literárias publicadas nesta rede social.

A partir da observação da breve fortuna crítica de Mariana Enríquez encontrada em nosso país, ressaltamos a importância de ampliar as pesquisas sobre a obra da escritora, considerando sua qualidade estética e sua capacidade crítica de ensejar reflexões sobre temáticas importantes na sociedade a partir do terror, do fantástico e do gótico.

### 3.1.3 Simone Paulino

Simone Paulino é natural da cidade de Guaianazes, distrito de São Paulo. Estudou jornalismo na Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero e Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada, na Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é *publisher* e fundadora da Editora Nós. A autora estreou na literatura, em 2005, com a obra *Abrços Negados*, coletânea de contos publicada pela editora Casa do Psicólogo. Publicou os seguintes livros: *O Sonho Secreto de Alice* (2013), *Como Clarice Lispector pode mudar sua vida* (2017) e *Abrços negados em retratos* (2019). A escritora também participou de diversas antologias de contos, tais como *Grafias Urbanas* (2010), *Histórias Femininas* (2011), *Olhar Paris* (2016) e *Escrever Berlim* (2017).

A autora paulistana se considera uma amante da Literatura, e geralmente, em suas entrevistas, lamenta que o seu contato com essa arte tenha sido tardio, o que atribui ao fato de sua mãe ser analfabeta e a inexistência de livros em sua casa quando era criança. Com uma

infância marcada pela pobreza e morte prematura do pai, a descoberta desta arte foi um conforto para ela. Paulino sempre destaca o livro *Marcelo, Marmelo, Martelo* (1976), de Ruth Rocha, como a leitura que mais a marcou nessa época. Em suas palestras, a escritora brasileira costuma levantar a bandeira da oportunidade de acesso ao mundo literário para todos.

De antemão, anunciamos que, em nossa busca nos principais portais acadêmicos por estudos com a obra de Simone Paulino, não encontramos nenhuma dissertação ou tese que explore a produção literária da autora. Acerca do conto “Destino: Sé”, em pesquisa mais ampla, no buscador *Google*, apenas dois artigos foram encontrados sobre essa narrativa com foco na temática da violência de gênero. O primeiro deles foi “A representação da violência contra a mulher nos contos ‘Marido’, de Lúcia Jorge, e ‘Destino: Sé’, de Simone Paulino”, das autoras Cíntia Schwantes e Paula Queiroz Dutra, publicado no periódico *Ráido* - UFGD, em 2016. Neste estudo, as pesquisadoras problematizam comparativamente a representação da violência doméstica na literatura de autoria feminina, nos contextos brasileiro e português. Para isso, elas analisam os contos “Marido”, da escritora portuguesa Lúcia Jorge e “Destino: Sé”, da brasileira Simone Paulino.

Outro artigo que identificamos está denominado “A violência doméstica nos contos ‘Destino: Sé’, de Simone Paulino, e ‘O homem do vale’, de Marcela Serrano”, de autoria de Aline Teixeira da Silva Lima, Doutora em literatura pela Universidade de Brasília (UnB), publicado no periódico *Sociopoética*, em 2019. Sob a perspectiva dos estudos feministas e de gênero, Lima (2019) apresenta como objetivo principal deste estudo problematizar a representação do conceito de “mulher agredida” nas narrativas “Destino: Sé”, da escritora brasileira Simone Paulino, e o “O homem do vale”, da chilena Marcela Serrano, para observar o posicionamento das personagens femininas dessas histórias frente à violência de gênero contidas nos relatos.

Diante desta exposição da fortuna crítica sobre a autora brasileira Simone Paulino, é possível perceber a relevância dos debates que sua obra enseja e como ainda são escassos os estudos de sua literatura em nosso país, o que evidencia ainda mais a importância de se debruçar sobre sua produção literária.

Depois desta exposição dos estudos sobre a produção literária das escritoras Marcela Serrano, Mariana Enríquez e Simone Paulino, no contexto brasileiro, apresentamos na sequência uma leitura dos contos selecionados para este trabalho de dissertação.

### **3.2 Leitura dos contos**

Nesta seção, tecemos nossas leituras dos contos “O homem do vale”, de Marcela Serrano, “As coisas que perdemos no fogo”, de Mariana Enríquez, e “Destino: Sé”, de Simone Paulino, com o objetivo de examinar as formas de violência de gênero ficcionalizadas nos três relatos selecionados. Dessa forma, iniciamos nossa leitura com a narrativa da escritora chilena, apresentando a protagonista Pascuala e a situação de violência doméstica a qual a personagem foi submetida.

### 3.2.1 Pascuala e a violência em sua “casa de merda”

“O homem do vale” é um dos vinte contos que compõem o livro *Dulce enemiga mía* (2013), de Marcela Serrano, traduzido para o português e publicado no Brasil em 2014 pela editora Alfaguara, com o título *Doce inimiga minha*. Nas narrativas dessa coletânea, a escritora chilena constrói um universo que nos permite refletir sobre a vida e suas complexidades. Nesta obra, a autora expõe as vulnerabilidades das personagens femininas, de diversas idades, posições sociais ou ideologias, além de enfatizar a capacidade que elas têm para se transmutarem rumo à superação das adversidades e para a reinvenção de si mesmas.

O enredo do conto “O homem do vale” (2014) é centrado na história de uma jovem, mãe de um menino pequeno, que vive em situação de violência doméstica perpetrada por seu marido, por meio de diversas formas de agressões, as quais sofre junto com o filho, até o dia em que ela tem a oportunidade de se livrar dessa situação degradante. A história é narrada em primeira pessoa, a partir do ponto de vista de Pascuala, protagonista da história, que relata sua experiência através de suas lembranças. Assim sendo, o tempo da narrativa é construído em duas linhas temporais, uma no presente, na qual a narradora se encontra já casada e com um filho, morando na região do Aconcágua, e outra na qual ela retorna ao passado para contar sua trajetória até aquele momento. Os espaços das ações acontecem majoritariamente na fazenda onde ela foi criada e na casa que a protagonista mora com o marido.

Além de Pascuala, a narrativa tem como personagens: Maruja, sua mãe biológica, que trabalhava como empregada numa fazenda na região do vale; a Senhora Um, dona da propriedade onde a protagonista cresceu e patroa de sua genitora; a filha desta senhora, que não é nomeada na narrativa, mas é quem convence a mãe a abrigar e acolher Maruja quando ela descobre sua gravidez; a Senhora Dois, empregadora da protagonista; Rodolfo, seu namorado, também conhecido como Rato; Joscito, o filho da personagem principal, e Eufemia, vizinha e única amiga de Pascuala.

Ao começar a leitura do conto, nos deparamos com uma estratégia narrativa particular de Marcela Serrano, a antecipação do clímax, também percebida em outros contos da coletânea. Dessa forma, “O homem do vale” é iniciado com um anúncio de Pascuala sobre uma importante resolução em sua vida: “[...] por fim desatou-se a tormenta. Entrei em ação” (Serrano, 2014, p. 105). Com essa afirmação, a narradora-personagem enreda seu leitor e provoca nele a curiosidade em saber qual é a decisão tão definitiva e urgente a que ela se refere.

No entanto, antes de esclarecer a enigmática introdução, a protagonista rememora sua vida desde o seu nascimento. Desse modo, Pascuala reflete sobre sua trajetória até chegar na difícil condição em que se encontra atualmente: casada com um homem violento, morando em uma casa precária na região do vale, num lar onde teve de suportar as diversas formas de violência praticadas pelo companheiro contra ela e seu filho pequeno, até decidir dar um basta nesta situação.

No relato, a personagem principal retorna ao seu passado a partir da descoberta da gravidez de sua mãe, Maruja. Essa mulher, que engravidara de um homem desconhecido, era empregada há oito anos numa fazenda que ficava na região do vale. Envergonhada e sem condições financeiras para prover a criança, a mãe de Pascuala estava disposta a abortá-la, mas acabou desistindo da ideia por intervenção da patroa. Essa senhora, por convicções religiosas e por insistência da filha, decidiu acolher as duas, conforme explica a narradora neste trecho do conto:

Nem sempre fui pobre assim. Minha vida prometia mais. Até uma boa educação eu tive. Quando nasci, minha mãe trabalhava em outro vale da região, para uma senhora de alto nível, dona de muitas terras, mas de saúde ruim, e minha mãe cuidava dela. Trabalhava ali havia uns oito anos quando um dia começou a vomitar. A Senhora a mandou ao médico, seria uma infecção intestinal, seria um vírus...? Nada: era eu (Serrano, 2014, p. 106).

Conforme vimos pelo excerto, Pascuala teve uma vida consideravelmente confortável nos primeiros anos de sua vida, mesmo sendo filha de uma empregada doméstica. Isso aconteceu porque, assim que nasceu, a Senhora Um se afeioou a ela e lhe proporcionou algumas regalias. Então, a narradora-personagem relata que até os doze anos de idade teve acesso à escola particular, a tratamentos dentários caros, além de roupas de luxo e aulas de etiquetas.

A patroa é descrita pela narradora como uma mulher de alto nível e dona de muitas terras, mas de saúde frágil, o que é confirmado por sua morte súbita. Esse fato muda drasticamente os destinos de Pascuala e Maruja, já que elas foram postas para fora da casa pelos herdeiros da fazendeira. Nessa época, a menina experimenta a primeira quebra de expectativa

para seu futuro que sugeria ser promissor. Situação que se repetiu três anos depois, com a morte também repentina de sua progenitora.

Quando deixaram a fazenda, Maruja não conseguiu mais emprego em casa de família, já que ninguém a aceitava com uma filha. Então, começou a prestar serviços como temporária nas colheitas de abacate da região para se manterem. Até que um dia, de maneira inesperada, falece.

Conseqüentemente, a menina, sem família e sem recursos financeiros, continuou a prestar serviços esporádicos nas plantações de frutas na região até arranjar um trabalho na casa da Senhora Dois – uma mulher solteira, sem filhos e que morava sozinha em uma mansão, em Quillota. A atribuição de Pascuala nesta residência consistia em lhe fazer companhia durante à noite. Na concepção da protagonista, era um bom emprego em comparação aos anteriores, já que dispunha de moradia, alimentação e ainda tinha permissão para frequentar a escola.

No entanto, essa situação mudou quando a protagonista se envolveu com Rodolfo Sanhueza, um rapaz que era vigia noturno em uma plantação de abacate na região do vale e atendia pela alcinha de Rato, conforme descreve a narradora neste outro trecho do relato:

Entre uma marraqueta e outra, vi entrar pela porta aquele macho, porque era isso, um macho de peito peludo, corpulento, musculoso, com cara de quem sabe tudo. Foi-me apresentado como o Rato. Vinha do Norte, seu pai e ele haviam sido trabalhadores na extração de salitre do Chile e lhe deram esse apelido por causa dos olhinhos astutos e dos dentes pequeninos que devoravam tudo. Era moreno, tinha cabelo espetado e umas mãos grandonas que cobriam como um capote (Serrano, 2014, p.114).

Imediatamente, Pascuala se sentiu atraída por esse homem que trabalhava no vale e, semelhante ao que aconteceu com sua mãe, acabou engravidando dele. Novamente, a moça vivencia outra quebra de expectativa em sua vida, como relata neste fragmento do conto:

O que mais me ofendeu foi a expressão de desdém na cara da Senhora Dois quando soube. Ela meio que tentou disfarçar, mas aquilo saltava, como as pulgas dos cachorros, sem controle sobre sua pele. Não me falou o que pensava, mas eu sei direitinho: mais uma, e eu que a considerava inteligente, você vai empatar sua vida, vai cortar as próprias asas, vai ficar presa para sempre. Bom, o que eu ia fazer? Ela me disse que prenha, não, e perguntou se eu tinha para onde ir. (Serrano, 2014, p.116-117).

Nessas circunstâncias, ao perder o emprego devido à gravidez, Pascuala não enxerga outra saída senão ir morar com Rodolfo. Por conseguinte, muda-se para a residência do Rato, um lugar a que ela se refere repetidamente como “casa de merda”. Conforme sua descrição, é um barraco improvisado e de condições precárias, com as vidraças das janelas e telhado quebrados. Além disso, situava-se em um espaço enlameado, frio e fedorento, localizado em Aconcagua Sur, povoado de Quillota.

Em poucos meses de convivência, Pascuala avistou o despontar do comportamento machista e violento do marido que ela tinha percebido muito antes de ir morar com ele, conforme depreendemos a partir do seguinte fragmento:

O Rato não era flor que se cheire, pensando bem. Tinha maus hábitos. Dormia o dia inteiro — bom, por culpa de seu emprego —, bebia muito, fumava mais de um maço por dia, só comia besteira, nunca uma refeição decente porque detestava cozinhar, não era muito limpo e tinha um gênio dos diabos. Quando explodia, era melhor não estar por perto. E ainda por cima o babaca era mandão (Serrano, 2014, p.115).

Na citação, ela destaca como o rapaz, nos tempos de namoro, já demonstrava um temperamento explosivo ao menor sinal de contrariedade, o qual se intensificou quando foi morar com ele. O comportamento abusivo do companheiro de Pascuala ficou mais vigoroso com o nascimento do filho do casal, principalmente por questões financeiras. Sobre isso, a personagem destaca que ainda conseguiu se manter trabalhando durante a gravidez, mas com a chegada da criança, não teve mais condições de continuar, já que tinha que cuidar de Josecito e da casa. Quando passou a depender exclusivamente das finanças dele, sentiu avivar ainda mais o instinto violento desse homem em relação a ela. As agressões inicialmente se davam por meio de insultos e constrangimentos, como é possível perceber neste excerto:

Pedi ao Rato que me comprasse uma máquina de lavar roupa, mesmo que pequena e usada, expliquei que minhas mãos estavam acabadas de tanto lavar. Ele me encarou como se eu fosse uma demente, é isso que a princesinha quer? disse, e caiu na gargalhada (Serrano, 2014, p.117).

Dessa passagem, percebe-se o uso da ironia do Rato, com o intuito de ridicularizar e humilhar a mulher, através do uso de deboches e agressões verbais que se tornaram cada vez mais crescentes. Esse sentimento de superioridade e poder que ele demonstrava advém sobretudo do controle que exercia sobre o dinheiro que circulava na casa, como fica evidente nesta outra parte da narrativa: “[...] o salário do Rato não nos bastava. E ele não me repassava nada, dava um jeito para eu ter que pedir. Quando se negava, eu ficava louca, tenho que comprar carne, o menino precisa comer direito, começava a berrar [...]” (Serrano, 2014, p.117). Percebe-se, assim, que a postura do personagem com a mãe de seu filho é compatível com a de muitos homens abusadores que se apoderam de toda renda da família para manter as companheiras sob controle.

Sobre isso, Saffioti (1999, p. 87) afirma que uma das formas de poder é “[...] o uso do patrimônio, que homens fazem para subjugar suas mulheres. A ameaça permanente de empobrecimento induz muitas mulheres a suportar humilhações e outras formas de violência”. Na narrativa, as ofensas constantes sofridas pela protagonista podem ser tipificadas como formas de violência moral e psicológica, que são evidenciadas nos repetidos episódios de



constrangimento, manipulação, isolamento, perseguição contumaz, insulto e chantagem empregadas pelo Rato contra ela.

As condutas violentas também se fazem presentes na exploração da mão de obra da mulher representada no conto. Na percepção do Rato, ele tinha em casa, não uma companheira com quem dividia as obrigações, mas uma empregada, como é ilustrado neste trecho da narrativa:

Pascuala, vá me comprar cigarros. Pascuala, me traga a roupa limpa. Pascuala, vá me buscar a Pilsen no armazém. Pascuala, faça este garoto de merda calar a boca. Eu era sua empregada dentro de casa, serviço por vinte e quatro horas, e ele não me pagava salário. Estava cheio de mim, não duvido, eu não era nenhum encanto, mas porra, a ele convinha me manter ali. Mesmo assim, se dava a um luxo atrás do outro (Serrano, 2014, p.119).

Nesta passagem, percebemos a condição servil atribuída a Pascuala pelo companheiro. Essa conduta é uma representação da violência simbólica que remete a imposição dos papéis sociais historicamente construídos e determina as funções de homens e mulheres no campo social. Sobre essa questão, Bourdieu (apud SAFFIOTI, 2001, p. 119) explica que “[...] o poder masculino atravessa todas as relações sociais, transforma-se em algo objetivo, traduzindo-se em estruturas hierarquizadas, em objetos, em senso comum”. No caso em tela, o Rato revela, através do seu comportamento, a compreensão errônea de que compete unicamente à esposa a atribuição de cuidar das atividades domésticas, da criança e ainda estar disponível para cumprir os seus mandatos.

A conduta do marido de Pascuala também remete ao ideário do projeto de dominação-exploração do patriarcado, que é um sistema entendido como um pacto masculino para garantir a opressão das mulheres (Saffioti, 2004, p.104). Na maioria das vezes, quando estes cerceamentos psicológicos e morais aplicados pelos agressores não são suficientes para manter o controle sobre as vítimas, o uso da força bruta é o instrumento utilizado para fazer valer suas vontades. Essa percepção também pode ser percebida na narrativa.

Depois de vivenciar várias situações de desdém, humilhações e xingamentos a que era submetida, diariamente, Pascuala sentiu na pele a escalada de agressões físicas contra ela, conforme podemos notar nesta parte do relato:

A primeira vez que ele me bateu foi numa dessas, eu pedi grana e, quando ele disse que não, gritei e gritei: que ele era um pão-duro de merda, e a alimentação do seu filho? e que eu não era uma preguiçosa, que a falta de trabalho era por causa do menino. Uma bofetada só, forte e bem-dada (Serrano, 2014, p.117).

Após esse episódio, a situação da protagonista só piorou, pois os ataques violentos se tornaram mais fortes e constantes a cada dia, como é destacado pela narradora-personagem nesta declaração:

[...] E lá ia eu com a bandeja para o quarto e os lençóis ficavam sujos de comida e ele todo embrulhado na cama, preguiçoso de merda, não movia um dedo, e às vezes quando acabava de comer me puxava pelas pernas, venha cá, minha negra, dizia, e eu escapulia, como ia ter vontade de me meter na cama com aquele porco? E ele percebia e me dava uma bofetada (Serrano, 2014, p.119).

A partir da situação descrita acima, depreende-se também que com o emprego da violência física o Rato tencionava impor a dominação sobretudo do corpo de Pascuala. Assim, a recusa sexual da mulher se configurou como uma afronta para ele, já que, na sua visão machista, ela teria a obrigação de ficar sempre à sua disposição. Na condição de opressor, o uso da força se justifica pela necessidade de garantir esse “direito” de marido, evidenciando o caráter da dominação masculina na prática das agressões em razão de gênero.

Nesse contexto, a narradora relata vários momentos em que foi coagida, através de ameaças e agressões físicas, a fazer sexo com o marido. Sobre essa situação humilhante, Saffioti (1999) esclarece se tratar de uma transgressão legal, evidenciada pela prática da violência sexual contra a mulher. Sobre esta conduta, a estudiosa questiona:

Quantas são as mulheres com privacidade, se a sociedade inteira considera dever da mulher cumprir o que no Código Civil é chamado de débito conjugal, ou seja, ceder a uma relação sexual contra sua vontade, a fim de satisfazer o desejo do companheiro? De acordo com o Código Penal, isto caracteriza o crime de estupro (Saffioti, 1999, p. 86).

Apesar de parecer lógica a colocação acima, infelizmente ainda é partilhada a ideia de que as mulheres têm obrigações matrimoniais, nas quais a recusa do ato se configura uma afronta que justificaria, sob esse ponto de vista, o comportamento hostil do marido com elas. Sobre isso, Saffioti (2004, p.33) reitera que

As mulheres são “amputadas”, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem.

Este pensamento patriarcal engessa mulheres e homens num círculo de violência no qual não há ganhos para nenhum dos lados. Nesta situação, o saldo negativo é incontestavelmente maior para as mulheres, das quais o machismo rouba as vidas, bem como lhes causa prejuízos financeiros e viola sua integridade física ou mental. No conto, esse último aspecto também pode ser observado a partir do comportamento atormentado de Pascuala.

Devido a crescente rotina de violências que a heroína era submetida pelo marido, ela vivia em um constante estado de alerta em sua própria casa. Neste trecho, percebemos o clima de tensão que Pascuala suportava em sua residência:

O Rato acordava na hora do almoço, nunca antes, era preciso andar na ponta dos pés, ai se o menino chorasse, não fosse despertá-lo que ele se enfurecia. Sempre a mesma coisa: abria um olho, só um, pegava o isqueiro na mesa capenga ao lado da cama, acendia um cigarro, tragava profundamente e então — só então — se podia falar com ele (Serrano, 2014, p.118).

Desse fragmento, percebemos que a moça tinha que ser muito cautelosa para não despertar a ira de seu marido, obedecendo rigorosamente a um protocolo que tacitamente era estabelecido para se dirigir a ele dentro de casa. Em outra passagem do conto, denota-se que a personagem apresentava um quadro de ansiedade, o qual só piorava com a aproximação do horário do seu agressor retornar para casa:

Aos poucos comecei a temer as chegadas do Rato, ele entrava e já da porta começava a me chamar aos gritos, Pascuala! (a ponto de eu odiar meu próprio nome), acordava Josecito, que na mesma hora começava a chorar, e eu, protegendo-o com meu corpo, me escondia embaixo das cobertas, um esconderijo bem inútil, mas era o instinto. Levante-se. Estou com fome. São quatro da manhã, me deixe dormir. Já lhe disse que estou com fome! Quer saber? Pra mim tanto faz que você esteja com fome. Então vinha a bofetada (Serrano, 2014, p.120).

Da análise do excerto, evidenciamos que a violência psicológica que o Rato empregava contra Pascuala causou inúmeras fraturas na saúde mental e emocional dela e da criança, já que seus gritos também assustavam o menino, que chorava descontroladamente ao ouvir a voz do pai.

Ainda sobre esse estado de espírito da narradora-protagonista, é significativo também pontuar o contraste das paisagens na comparação que Pascuala faz entre seus lares. Em suas casas anteriores, a fazenda da Senhora Um e a casa da Senhora Dois, a presença da cor verde é constante em suas lembranças. Esta coloração que representa a esperança é ressaltada nas matas, pomares, florestas e frutas, que ela descreve minuciosamente no relato. Em contrapartida, a moça se refere à atual moradia, no vale do Aconcágua, como “casa de merda”, e sua descrição revela um lugar marrom, enlameado e sem presença de vegetação. Nesse ponto, a personagem recorda, ironicamente, que essa se localiza em uma região rica em água, condição necessária para o surgimento da vida, conforme podemos perceber neste fragmento do conto:

Não sei o que aconteceu com o verde, o fato é que não há nada desta abençoada cor. Aqui nunca se plantou uma árvore. Você vai até a porta e olha os montes, o de La Campana é o mais majestoso, ali, sim, é que está o verde, como é que pode, eu vivo no centro do vale do Aconcágua, terra fértil e valiosa [...] (Serrano, 2014, p.106).

Nesse trecho, observamos que a descrição do ambiente está em consonância com o espírito atormentado em que vivia a protagonista. Além disso, evidencia a desigualdade social ficcionalizada no conto, que pode ser identificada nas diferentes caracterizações dos lugares onde a personagem central do conto morou em contraste com sua atual moradia:

Casa de merda. Telhas de zinco, como trapos, enrugadas uma sobre a outra, a superfície nunca nivelada, esmagada por essas pedras tão pesadas, grandes e feias que usamos para evitar que partam voando, sempre os buracos traidores por onde a água se filtra; se fosse um pássaro e olhasse do céu, eu veria os remendos de material como um daqueles cobertores que minha mãe fazia com quadrados de lã de tamanhos e cores diferentes para aproveitar cada fibra. Não que todos esses acréscimos aquecessem muito, mas, enfim, ali estavam sobre nossas camas e já eram alguma coisa, assim me ensinaram, sempre já é alguma coisa. Por isso os pedaços de zinco são melhores do

que nada, mas são uma merda. Minha casa. Vivo no povoado Aconcagua Sur, em Quillota, bem à esquerda da ponte de Boco, a pior zona da cidade, ou quase. As casas dos meus vizinhos são tão horríveis e frágeis quanto a minha: sempre algum vidro quebrado, com tábuas nas janelas para segurar o vento e deter o frio, as madeiras rangendo, as portas que não fecham. Tudo é cor de barro (Serrano, 2014, p.105).

Por outro lado, a fazenda da Senhora Um era uma propriedade gigantesca, com vários empregados para servir uma única pessoa. Do mesmo modo, a mansão da Senhora Dois, de cômodos enormes, existia só para ela e seus quatro cachorros. Logo, um contraste que nos instiga a problematizar os dois lados das camadas sociais em que a moça transitou, como fator de reflexão sobre a condição de marginalização que vivencia.

Enfatizar esse aspecto social na narrativa é interessante considerando sua relevância nas análises de casos de violência doméstica. Afinal, a dependência econômica é um fator preponderante nos movimentos de saída e volta das mulheres a estas situações de risco, devido às agressões de seus companheiros. Na representação desses casos no conto, percebemos que muitas vezes Pascuala ameaçou denunciar o marido, mas recuou por conta da dependência financeira, conforme ela registra nesta passagem:

Fiquei tentada a ir procurar os tiras e fazer a denúncia, mas me contive ao pensar, e o que faço depois? para onde vou? como vou trabalhar com o menino nas costas? nós dois vamos comer o quê? Todas essas perguntas eu me fazia (Serrano, 2014, p.120).

Além do fator da sujeição material ficcionalizado pela situação de Pascuala, as mulheres que enfrentam a violência de gênero têm de encarar outros aspectos de cunho psicológico, tais como o medo, a vergonha e a dependência emocional dos parceiros. Sobre esse último aspecto, Figueiredo (2020, p.19) adverte que “[...] não se trata de atribuir às mulheres responsabilidade/culpa pela submissão, mas a violência física e simbólica aprisiona mulheres em relações amorosas abusivas que muitas vezes redundam em feminicídio”.

Entretanto, Saffioti (2004), destaca que as mulheres tendem a reagir à violência por meio de diferentes estratégias. Como exemplo dessas reações no conto, apontamos as várias vezes em que Pascuala ameaçou o Rato de entregá-lo à polícia ou à patroa dele. Isso aconteceu, por exemplo, quando ele a espancou e disferiu um pontapé também em Josecito, deixando-o caído no chão da cozinha. Neste dia, a mãe do menino o enfrentou e jurou matá-lo, caso ele voltasse a agredir o menino.

Por vezes, as atitudes reativas das mulheres provocam mudanças repentinas e temporárias no comportamento do agressor. Foi o que ocorreu com o Rato, conforme destacado por Pascuala:

Durante esses dias ele olhava Josecito de esguelha, imagino que para saber que marcas seu pé tinha deixado. Eu, calada. Não falei com ele a semana inteira. Ele morria de vontade de averiguar se eu o tinha denunciado e o que havia dito, eles lá são experientes, sabem quando uma criança foi agredida, nada de desculpas, pois é, caiu

da escada, bateu contra a porta, a doutora conhece de cor essa conversa. E ele estava assustado (Serrano, 2014, p.121-122).

No entanto, na semana seguinte, confiante de que não seria denunciado pela mulher, Rato retoma as agressões contra os dois com mais vigor, ficando evidente para Pascuala que esses ataques contra ela e o filho Josecito só iriam se agravar com o passar do tempo.

Diante do temor por sua vida e pela segurança do filho, a protagonista se vê forçada a agir de maneira mais enérgica. No desfecho do relato, a oportunidade de Pascuala se livrar do seu algoz aparece quando o marido chega em casa alcoolizado. O Rato, ao investir violentamente contra ela e Josecito, desequilibra-se e cai no chão totalmente inconsciente. Aproveitando-se dessa situação, a protagonista consegue escapar da residência com o filho, conforme relata no trecho abaixo:

Eram seis da manhã de um domingo gelado, eu de camisola, meu filhote em seu pijaminha, ambos descalços, encolhidos ao lado do rio à esquerda da ponte de Boco, mas a salvo. Não, não fui ao pronto-socorro nem à polícia. Tive uma ideia mais inteligente. Bati à porta da Eufemia, larguei nos braços dela o menino, pedi emprestados um agasalho e uns sapatos, deixei passar uma hora, sentada ao lado da estufa, olhando o relógio, tomando uma aguinha quente. Então voltei sobre meus passos. Só com minha chave na mão. Entrei na ponta dos pés, olhei pela porta do quarto, o Rato havia conseguido chegar até a cama, vestido e emporcalhado, mas estava em cima da cama, roncando como um vulcão em erupção. Peguei um isqueiro e um maço de cigarros, levei para o quarto e deixei sobre a mesinha capenga. Depois, com a mais absoluta calma, fui até a cozinha, inspecionei o bujão de gás, abri o registro e não acendi o fogo. Casa de merda. Homem de merda (Serrano, 2014, p.123).

Certa de que precisa libertar a si e ao filho da violência que vivenciavam há bastante tempo, a moça decide atuar energeticamente. Dessa forma, propositalmente, causa um acidente com o gás de cozinha da casa, culminando com a provável morte de seu algoz que dormia na residência completamente embriagado. Após conhecermos o desfecho aberto da narrativa compreendemos qual é a tormenta anunciada por Pascuala no começo da história.

É importante registrar que as motivações que encorajam as mulheres vítimas da violência de gênero ao movimento de saída da situação de opressão são as mais variadas. A partir da leitura desse relato, depreendemos que a protagonista do conto “O homem do vale” agiu por desespero devido às violências sofridas, ativando seu instinto de sobrevivência e de proteção ao filho. Em outras abordagens, a ação das mulheres pode ser motivada pela necessidade de denunciar/expor esse crime tão costumeiro, e, por isso, naturalizado na sociedade. Na leitura do conto “As coisas que perdemos no fogo”, da argentina Mariana Enríquez, no tópico seguinte, é possível perceber várias situações que são ilustrativas desta percepção.

### 3.2.2 Mulheres Ardentes e as vidas perdidas pelo fogo

A narrativa “As coisas que perdemos no fogo” faz parte da coletânea de contos de mesmo nome, publicada originalmente em 2016 pela Editora Intrínseca, sendo o primeiro livro de Mariana Enríquez traduzido no Brasil. Os relatos dessa obra, com exceção de um, são narrados por personagens femininas.

O livro possui doze contos ambientados, em sua maioria, na Argentina. São textos que deixam à mostra o lado disforme do país, marcado por contraste social, violência crescente, crises econômicas e um passado ditatorial recente. Nesta obra, através de ambientes e personagens aparentemente comuns, Enríquez explora o universo insólito da pobreza, do abuso de droga, da violência policial, da ditadura militar, do feminicídio, entre outros temas. Logo, é em um contexto disfuncional argentino que o conto “As coisas que perdemos no fogo” se situa.

O enredo da narrativa gira em torno de um coletivo feminino que, após descobrir vários casos de mulheres queimadas por seus companheiros, decide atear fogo propositalmente em si mesmas. Para isso, essas revolucionárias criam a cerimônia das fogueiras “controladas”, que consiste em entrarem no fogo por alguns segundos, tempo necessário para não morrerem e ficarem deformadas pelas chamas. Com isso, o grupo, autodenominado Mulheres Ardentes objetiva fazer com que suas cicatrizes atuem como protesto pela epidemia de violência de gênero cometida no país.

O foco narrativo está em terceira pessoa, a partir de um narrador onisciente e onipresente. Dessa maneira, o seu relato nos propicia uma visão macro dos eventos, além de nos possibilitar acesso irrestrito aos espaços em que se desenvolvem as ações narradas. No tocante ao tempo da narrativa, os casos são apresentados de forma espaçadas, com idas e vindas em diferentes momentos, o que nos leva a classificá-lo como psicológico. A narrativa é ambientada, em sua maior extensão, nas mediações de Buenos Aires, com ações que se passam em hospitais, no metrô e nas casas das personagens. Ademais, alguns acontecimentos estão localizados no campo, onde as cerimônias de queimas são realizadas. Também é significativo o espaço da prisão, para onde foram levadas as mulheres adeptas ao movimento que eram capturadas pela polícia.

Entre as personagens do conto, encontra-se Silvina, uma jovem que vive apenas com a mãe, já que o seu pai morreu quando ela era ainda criança. A moça decide protestar, junto com a sua mãe e outras pessoas, após várias ocorrências de feminicídio e tentativas de assassinato de mulheres, que eram queimadas por seus maridos. Depois de participar de eventos deste tipo, ela resolve integrar o grupo das Mulheres Ardentes, como voluntária encarregada de filmar a queima das mulheres na fogueira para que o ato fosse difundido na imprensa.

A mãe de Silvina e María Helena, uma das líderes do mencionado movimento, também são personagens destacados na narrativa. A primeira, apenas descrita como a genitora de Silvina, é uma senhora defensora das causas femininas que, assim como a filha, se junta à manifestação das Mulheres Ardentes, atuando como chefe de um dos hospitais clandestinos responsáveis pelo cuidado das voluntárias que participavam das Queimas. A segunda personagem citada também chefiava um desses centros de recuperação das mulheres queimadas, que funcionava nos arredores da cidade.

Além dessas, outra personalidade destacada no conto é a garota do metrô, sobrevivente de uma tentativa de feminicídio praticada pelo marido. É justamente com a apresentação desta mulher que o narrador inicia o relato. Dessa forma, ficamos sabendo que se trata de uma moça que é pedinte nas linhas de metrô da cidade e que possui uma aparência desfigurada, com marcas profundas de queimadura em várias partes do corpo.

Diariamente, essa personagem conta sua história de violência e sobrevivência, enquanto aborda os passageiros do trem para pedir dinheiro. A maioria mostra-se desconcertada e repugnada com a aparência abjeta da mulher, conforme verificamos na seguinte passagem:

[...] tinha o rosto e os braços completamente desfigurados por uma queimadura extensa, completa e profunda; ela explicava quanto tempo lhe havia custado para se recuperar, os meses de infecções, hospital e dor, com a boca sem lábios e um nariz pessimamente reconstruído; restava-lhe um olho só, o outro era um buraco de pele, e a cara toda, a cabeça, o pescoço, uma máscara marrom percorrida por teia de aranhas. Na nuca conservava uma mecha de cabelo comprido, realçava o efeito máscara: era a única parte da cabeça que o fogo não havia alcançado. Tampouco havia alcançado as mãos, que eram morenas e estavam sempre um pouco sujas de manipular o dinheiro que ela mendigava (Enríquez, 2017, p. 179-180).

Essa deplorável situação da garota do metrô, demonstrada no trecho acima, foi resultado de uma tentativa de feminicídio quando ela era casada. Depois de três anos do enlace, o marido da moça começou a acusá-la de traição e, receoso de que seria abandonado pela esposa, atentou contra sua vida, como é demonstrado neste fragmento da narrativa: “[...] Ele achava que ela o enganava e tinha razão: pretendia abandoná-lo. Para evitar isso, ele a arruinou, que não fosse de mais ninguém, então” (Enríquez, 2017, p. 179-180). De forma covarde, o homem ateou fogo na esposa enquanto ela dormia. Sua motivação adveio da ideia equivocada de propriedade que ele tinha em relação à garota, uma percepção condizente com a convicção de posse que homens machistas possuem em relação às mulheres. Sobre isso, Saffioti (2004, p.61) expõe que

[...] como o território humano não é meramente físico, mas também simbólico, o homem, considerado todo-poderoso, não se conforma em ter sido preterido por outro por sua mulher, nem se conforma quando sua mulher o abandona por não mais suportar seus maus-tratos.

Consideramos que explicitar esta perspectiva errônea de posse do agressor na narrativa é importante para a problematizar a violência contra a mulher. Afinal, além de evidenciar o caráter patriarcal da ação também apresenta um contraponto com as narrativas canônicas, nas quais, em numerosa proporção, esse comportamento foi utilizado como justificativa para as violências cometidas contra as personagens femininas de muitas obras.

Nesse sentido, as ações premeditadas do marido para ceifar a vida da esposa denotam o dolo do crime, uma vez que ele aguardou a moça adormecer para atacá-la. No entanto, após a tentativa de assassinato, o homem ainda quis desacreditá-la diante das autoridades, aproveitando-se que a garota do metrô se encontrava em coma. Em seu depoimento, o agressor alegou que ela era culpada de provocar o incêndio quando derramou álcool em si mesma e tentou acender um cigarro durante uma discussão do casal.

Essa versão do crime é inicialmente assimilada pelas autoridades e pela família da vítima, conforme é possível perceber em outra passagem do relato: “– E acreditaram nele – contava a garota do metrô, sorrindo com sua boca sem lábios, sua boca de réptil – até meu pai acreditou” (Enríquez, 2017, p. 181). Tal situação dialoga com a ideia da ordem social das bicadas exposta por Saffioti (2004, p. 74), que postula ser “[...] óbvio que a sociedade considera normal e natural que homens maltratem suas mulheres, assim como que pais e mães maltratem seus filhos, ratificando, deste modo, a pedagogia da violência”.

Dessa maneira, à mulher, além do sofrimento físico e do abalo emocional, ainda lhe restou a culpabilização pelo ocorrido e a obrigação de provar a condição de vítima. Tal circunstância se configura também como uma violência moral contra a personagem, considerando o ataque desferido à sua honra, evidenciado na propagação de informações falsas com o intuito de difamá-la. Além disso, o atentado nefasto e brutal de ceifar a vida da garota do metrô resultou inevitavelmente em uma violência psicológica, que pode ser evidenciada tanto na situação traumática do dia do ataque quanto, posteriormente, com a deformação de sua aparência.

Outra forma de violência que observamos representada nesse conto a partir da situação dessa personagem é a de natureza patrimonial, devido ao prejuízo econômico amargado pela personagem como consequência do ato violento sofrido. De acordo com a Lei Maria da Penha, essa tipificação da violência é definida como

[...] qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades (Brasil, 2006, p.02).



Na narrativa, esta violência é percebida na forma de subsistência da garota do metrô, após o crime. Considerando a acepção de corpo como um instrumento de trabalho, podemos dizer que essa possibilidade foi retirada da personagem, já que, após sobreviver ao ataque de seu marido, ela ficou com uma aparência desfigurada que causava constrangimento na maioria das pessoas que se tornou uma barreira para ela obter emprego, conforme exposto na seguinte passagem:

Quando pedia dinheiro, deixava tudo muito claro: não estava juntando para cirurgias plásticas, não tinham sentido, nunca retomaria seu rosto normal, sabia disso. Pedia para seus gastos, para o aluguel, a comida - ninguém lhe dava trabalho com o rosto daquele jeito, nem emprego onde não fosse preciso vê-la (Enríquez, 2017, p. 180).

Sem recursos para se manter, a moça era obrigada a sobreviver na condição de pedinte nas ruas e no metrô. Suas necessidades básicas eram supridas com o dinheiro que ela conseguia arrecadar nas ruas onde era submetida diariamente a humilhações e xingamentos. Além disso, tinha de conviver com o asco e o nojo estampados na cara dos passageiros dos trens, os quais eram sua única fonte de renda.

Na sequência de nossa leitura, conhecemos outro episódio de violência doméstica através da menção do caso de Lucila. A personagem era uma jovem modelo, casada com um jogador de futebol famoso chamado Mario Ponte, que, tal como a garota do metrô, também foi vítima do comportamento machista e patriarcal do marido. Nesta situação, o método da violência utilizado pelo criminoso foi o mesmo: atear fogo na esposa enquanto ela dormia. O narrador descreve que

Mario esvaziara uma garrafa de álcool em cima de Lucila – ela estava na cama – depois jogara um fósforo aceso no corpo nu. Deixara-a arder uns minutos e a cobrira com uma colcha. Depois chamara a ambulância (Enríquez, 2017, p. 183).

Apesar de o agressor ter se utilizado do mesmo artifício do marido da garota do metrô, depreendemos da passagem que a intenção de Ponte era diferente. Com base no relato, supomos que o marido não planejava matar a esposa, uma vez que não só apagou a chama do corpo da mulher, mas também chamou a ambulância para socorrê-la. Diante disso, entendemos que com este ato abominável e premeditado, o homem almejava, além de lhe causar dor e sofrimentos físicos, deixá-la desfigurada, devido aos ciúmes que demonstrava ter em relação à Lucila. Nesse caso, o agressor também imputou a culpa da violência à esposa.

De acordo com o narrador, o feminicídio de Lucila ganhou grande repercussão na imprensa e causou enorme comoção no país. Após esse evento, outros crimes de violência doméstica, cometido com o mesmo *modus operandi* das agressões às mencionadas vítimas, passaram a ser noticiados diariamente.

Um dos casos que também teve grande repercussão foi o assassinato de Lorena Pérez e de sua filha. Ambas foram mortas pelo marido, o qual, antes de cometer suicídio, ateou fogo nas duas com uma garrafa de álcool. Essas vítimas foram socorridas com vida, mas não resistiram aos ferimentos e morreram no hospital, onde várias mulheres se reuniram em protestos pelo fim dos feminicídios.

Com cartazes com o dizer “Basta de nos queimar” (Enríquez, 2017, p. 184), as mulheres protestavam por justiça e especialmente por visibilidade a esta violência doméstica. A revolta delas advinha, sobretudo, da percepção de que pessoas estavam se acostumando com a barbárie. Dessa forma, a impunidade dos agressores e a banalização desses crimes serviram de “faísca” para o surgimento do coletivo feminino denominado Mulheres Ardentes, conforme podemos perceber nesta passagem:

[...] foram necessárias muitas mulheres queimadas para que começassem as fogueiras. É contágio, explicavam os especialistas em violência de gênero em jornais e revistas e rádio e televisão e onde mais pudessem falar: era tão complexo informar, diziam, porque por um lado era preciso alertar sobre os feminicídios e, por outro, falar do assunto provocava aqueles efeitos, parecidos ao que ocorre com os suicídios entre adolescentes. Homens queimavam namoradas, esposas, amantes, por todo país. Com álcool a maioria das vezes, como Ponte (de resto, o herói de muitos), mas também com ácido, e num caso particularmente horrível a mulher tinha sido atirada em pneus que queimavam no meio de uma estrada por causa de algum protesto de trabalhadores (Enríquez, 2017, p. 183-184).

Essa exposição da chocante situação possibilita pensar que a revolta pela impunidade dos agressores e a normalização dos casos de mulheres queimadas em suas residências impulsionaram Silvina, sua mãe e Maria Helena a se juntarem à causa das Mulheres Ardentes. Isso é evidenciado neste fragmento da narrativa em que o narrador destaca o ponto de vista da protagonista: “[...] estão se acostumando, pensou Silvina. O caso da menininha lhes causa um pouco de impacto, mas só isso, um pouco” (Enríquez, 2017, p.184). Diante desta percepção, as três personagens se ancoram nas dores das outras como se fossem suas, e suas atuações no suporte às Mulheres Ardentes evidencia na narrativa a prática da sororidade.

Cabe frisar que a mãe de Silvina já se mostrava sensibilizada com os casos das mulheres, muito antes das queimadas começarem. Uma vez, quando voltava do cinema com a filha, espancou sem hesitação um rapaz que zombava da garota do metrô. Além disso, essa senhora passou muitas noites nos protestos em frente a um hospital onde estavam internadas vítimas de violência doméstica. Com o surgimento do motim das Mulheres Ardentes, ela liderou um dos hospitais montados clandestinamente para cuidar das mulheres que participavam da Queima. Seguindo o seu caminho, Silvina atuava no suporte ao grupo com as filmagens das fogueiras e na entrega de medicações nos hospitais clandestinos.

Interessa-nos destacar o papel de María Helena no combate à violência contra as mulheres. Dentre outras ações, ela chefiava um dos hospitais clandestinos destinados à recuperação daquelas que se submeteram às queimas nas fogueiras como forma de protesto ao desrespeito dos direitos femininos. Esta personagem também é porta voz da contextualização histórica do problema da violência contra a mulher: “– As queimas são feitas pelos homens, menina. Sempre nos queimaram. Agora nós mesmas nos queimamos. Mas não vamos morrer; vamos mostrar nossas cicatrizes” (Enríquez, 2017, p. 181). Deste fragmento do relato, observamos que María Helena relaciona as fogueiras voluntárias presentes no conto àquelas realizadas pela inquisição que queimavam mulheres acusadas de bruxaria na Idade Média. Mesmo quando os hospitais são localizados pela polícia e a personagem é levada à prisão, ela continua o seu trabalho de propagar a história das mulheres entre as prisioneiras, como é explicitado neste fragmento:

É que eu falo com as meninas. Conto-lhes que sempre queimaram a nós, mulheres, que nos queimaram durante quatro séculos! Não conseguem acreditar, não sabiam nada sobre o julgamento das bruxas, percebem? A educação neste país foi pro cacete. Mas têm interesse, pobrezinhas, querem saber (Enríquez, 2017, p. 190).

Outro ponto importante evidenciado nessa passagem é o interesse das demais presidiárias em conhecer sua própria história. Elas ficam curiosas para aprender sobre o passado das mulheres. Em nossa leitura, a inserção desse dado histórico no relato enfatiza a importância do conhecimento e da memória para se eliminar ideologias opressoras do pensamento patriarcal. Nesse sentido, a historiadora Gerda Lerner (2019, p. 308), no livro *A criação do Patriarcado*, assinala que “[...] a falta de conhecimento das mulheres sobre a própria história de luta e conquistas é um dos principais meios de nos manter subordinadas”. Dessa forma, a desinformação se configura como um instrumento que beneficia os agressores de mulheres, uma vez que permite o esquecimento ou a ocultação de seus crimes.

A cerimônia das Queimas foi uma estratégia desesperada do grupo de mulheres para chamar atenção para a violência que as mata e mutila em seu próprio lar. Em consequência, a ação também tenciona instituir um novo padrão de beleza, caracterizado por um corpo mutilado pelo fogo, como depreendemos deste trecho da narrativa: “Se continuarem assim, os homens vão ter que se acostumar. A maioria das mulheres vai ser como eu, se não morrer. Seria ótimo, não? Uma beleza nova” (Enríquez, 2017, p. 184). Nessa perspectiva, o corpo desfigurado pode também funcionar como um ato de defesa contra outras violências que acontecem fora do ambiente doméstico. Esse entendimento é validado na seguinte passagem:

Não vai parar, tinha dito a garota no metrô num programa de entrevistas pela televisão. Vejam o lado bom, dizia, e ria com sua boca de réptil. Pelo menos não existe mais tráficos de mulheres, porque ninguém quer um monstro queimado e nem essas

loucas argentinas que um belo dia vão e se tacam fogo – e numa dessas incendeiam o cliente também (Enríquez, 2017, p. 189).

Aqui, a garota do metrô lista mais uma das benesses dos atos das Mulheres Ardentes, ao apontar a diminuição da exploração sexual feminina, sugerindo que haverá um desinteresse na objetificação de seus corpos, devido a sua aparência de “monstro”. Além disso, a citação ressignifica ideia de loucura, comumente utilizada pelo sistema patriarcal para menosprezar e diminuir qualquer reivindicação das mulheres.

Contudo, percebemos que as Mulheres Ardentes e as outras personagens da narrativa se uniram por um mesmo propósito: a luta contra as diferentes manifestações de violência contra a mulher, que vão desde a agressão física, psicológica, moral, financeira e morte ao silenciamento e apagamento de suas histórias. A partir do fogo, que é símbolo de transformação, tanto ao destruir quanto ao purificar (Chevalier; Heerbrant, 2001), elas almejam a deformação como forma de serem ouvidas, nem que seja através de suas marcas, deixando que suas cicatrizes falem por elas. Ademais, suas queimaduras podem ser vistas como símbolos das lutas coletivas das mulheres contra as violências, funcionando como um lembrete de que elas não precisam passar por isso sozinhas. Desse modo, tornam-se um incentivo de libertação para tantas outras que se encontram encarceradas por medo ou vergonha em suas próprias casas, sendo reféns de seus agressores, como acontece com a protagonista do conto “Destino: Sé”, de Simone Paulino, conforme podemos observar na leitura do tópico seguinte.

### 3.2.3 Ana e a casa que não era lar, mas um cárcere

“Destino: Sé”, de Simone Paulino, faz parte da coletânea de contos *Grafias Urbanas*, organizada por Adilson Miguel e publicada em 2010, pela editora Scipione. O livro possui dez narrativas curtas de escritores contemporâneos que expõem diferentes olhares sobre temas urbanos atuais e questões sociais.

O enredo do conto “Destino: Sé” se desenvolve a partir da reconstrução da trajetória de Ana, representada em seu processo de transição de menina para mulher, ao mesmo tempo em que vivencia um cotidiano de violência, humilhações e abandono em sua casa. Para se livrar desses abusos, a moça precipitadamente decide ir morar com o namorado e descobre que sua nova vida, ao lado do companheiro, reservava-lhe um cotidiano de dor e sofrimento igual ou até pior, do que o que ela sofria em seu lar anterior.

Além da protagonista, outros personagens se destacam na narrativa, como os pais de Ana, que não são nomeados na história; Altina, sua irmã mais velha, que mora com o esposo e os três filhos em um barraco à beira do rio; e Tarcísio, seu namorado.

A história é contada em terceira pessoa, por um narrador onisciente, enquanto os acontecimentos se desenrolam em um tempo cronológico. O relato se inicia com a apresentação do contexto de Ana na casa dos pais, mostrando detalhes da rotina de sua residência e do relacionamento da menina com seus genitores. Na sequência, descreve o processo que instigou esta personagem a se mudar para a moradia do namorado. Por fim, relata a rotina violenta que ela passa a ter com parceiro neste lugar.

No tocante ao espaço ficcional, algumas ações ocorrem na casa dos pais de Ana, descrita como um recinto de atmosfera hostil e solitária, um local onde ela se sentia invisibilizada. Outro ambiente que aparece na história é a casa de Tarcísio, para onde a protagonista se muda. Esse lugar é caracterizado como um sobrado de três pisos, localizado no alto de um morro. O imóvel estava inacabado por fora, mas possuía alguns confortos por dentro da casa. A jovem fica deslumbrada com o espaço porque, em comparação com sua moradia antiga, era um local melhor, como registra o narrador “[...] perto do cubículo em que ela morava com os pais, aquilo era um palácio” (Paulino, 2010, p. 79).

A narrativa começa com a caracterização da protagonista, destacando que ela, “[...] apesar da adolescência, vivia uma inquietação muito calma. Era a menos fogueiteira das meninas do bairro” (Paulino, 2010, p. 68). Já nesse primeiro momento, observa-se o esforço do narrador na caracterização da personagem central como “boa menina”, a partir do paralelo que ele traça entre o comportamento caseiro e pacato dela e o das garotas de sua faixa etária, apontando que Ana era caseira enquanto as demais brincavam livremente na rua.

Em outro momento, o narrador descreve a protagonista como uma pessoa que tinha uma rotina que se resumia a ir à escola e retornar direto para casa, dedicando-se às tarefas domésticas. Percebemos a ênfase do narrador em demonstrar a satisfação de Ana em desempenhar essas atividades do lar no seguinte fragmento do texto:

Gostava de lavar as roupas até deixá-las branquíssimas. Extasiava-se ao desmanchar as pedras a azular a água, antes incolor-insípida-inodora, eram como um encantamento. Cheiravam as roupas antes e depois de colocá-las ao sol, no varal de arame farpado. Gostava do suave perfume que exalavam nas tardes de maio, quando sol e frio, juntos, compunham uma atmosfera quase irreal. Depois de estender as roupas, dançava sob os lençóis, seduzidas pelo prazer daquela alegria (Paulino, 2010, p. 68).

Na medida em que avançamos na leitura, notamos que esses comportamentos da garota advinham da internalização da sua dinâmica familiar. Nessa residência, à sua genitora eram atribuídos todos os afazeres da moradia e os cuidados com a filha, enquanto ao pai competia exclusivamente o trabalho que desempenhava fora de casa. Esta dinâmica dos papéis sociais

que observamos na casa da protagonista pode ser considerada análoga ao que Garcia (2011) chama de discursos de legitimação sexual ou ideologia sexual. Segundo a autora:

Esses discursos legitimam a ordem estabelecida, justificam a hierarquização dos homens e do masculino e das mulheres e do feminino em cada sociedade determinada. São sistemas de crenças que especificam o que é característico de um e outro sexo e, a partir daí, determinam os direitos, os espaços, as atividades e as condutas próprias de cada sexo (Garcia, 2011, p.19).

No relato, a situação de Ana corresponde ao desenho social culturalmente instituído e naturalizado por muito tempo, que é compatível com a ideia da violência simbólica. Esta forma de agressão consiste em um

[...] produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, a Igreja, a Escola e o Estado (Bourdieu, 2012, p.46).

Na narrativa, essa forma de violência é representada tanto pelos comportamentos do pai quanto pela mãe de Ana. No caso da mulher, a situação aparece em sua submissão, marcada na sua postura de vencida pelo tradicional “destino de mulher”, segundo o qual deve suportar abusos, até mesmo na forma de violência física da qual é vítima. Em se tratando do marido, a problemática é evidenciada nos descasos e comportamentos violentos que ele adota com a família, naturalizando-os.

Essa postura dos pais vai se constituir como molde para a formação pessoal da menina, com desdobramentos também no âmbito escolar de Ana, explicitado na negligência da família com os seus estudos. Essa percepção é evidenciada, principalmente, pela omissão e indiferença por parte da mãe, quando ela se sente doente e decide faltar às aulas, como está registrado no seguinte fragmento:

Na segunda-feira permaneceu na cama mesmo depois de o pai ligar o rádio como de costume, mesmo depois de a mãe passar o café. Estranhando a atitude da filha, a mãe a chacoalhou na cama, embora sem olhar direito para ela. Quando Ana disse que não estava se sentindo bem, que estava com dor de barriga, a mãe olhou de esguelha e grunhiu um “você que sabe” (Paulino, 2010, p.72).

Neste excerto também fica manifesto o descaso com a possibilidade de a criança faltar a aula, evidenciando a baixa expectativa da mãe em relação à educação escolar da filha. Dessa forma, Ana se desinteressou pelos estudos e até foi reprovada. Sobre o comportamento indiferente da moça com a vida escolar, o pai dela rigidamente a pressiona a optar entre os estudos ou trabalhar, afirmando que não vai sustentar uma pessoa vagabunda em sua casa.

Além do descaso com a educação da filha, é pertinente pontuar o abandono afetivo que Ana sofria cotidianamente no ambiente familiar. Como visto, o pai dela era física e emocionalmente ausente e, quando presente, resolvia qualquer problema da casa com violência. Já a mãe se mostrava preocupada com a casa, com os vizinhos ou com a chegada do marido na

residência. A falta de atenção e afetividade com a adolescente é evidenciada em diversos momentos em que a protagonista se sentia sozinha, tal como neste trecho do conto:

Ela passou a manhã sentada numa pedra, olhando o vaivém das formigas no quintal de terra batida, esperando algum milagre que a ajudasse a entender o que se passava com ela. Em casa ninguém deu muita importância ao seu abatimento. A verdade é que eles quase não a enxergavam. O pai passava a maior parte do tempo trabalhando ou bebendo no boteco. A mãe, ocupada com a lida no fogão e as conversas de portão. Os irmãos no mundo. Não contou a ninguém o acontecido (Paulino, 2010, p.72-73).

O acontecimento a que se refere o narrador foi a primeira vez que Ana menstruou. Por não saber o motivo de estar sangrando, desesperou-se com a hipótese de que estaria doente ou morrendo. Esta situação da protagonista caracteriza uma violência silenciosa, mas igualmente cruel, que é a negativa de informações básicas sobre seu desenvolvimento físico. Ela teve violado o seu direito de conhecimento sobre o próprio corpo, o que, por si só, já constitui uma violência moral e psicológica contra a menina.

É através de uma música que toca no rádio do pai que a personagem descobre que sua menstruação não se tratava de doença e que seu sangramento era normal no corpo feminino, já que a canção afirmava que “[...] Mulher é bicho esquisito. Todo o mês sangra. Um sexto sentido maior que a razão”<sup>1</sup>. O trecho mencionado é da canção “Cor-de-rosa choque”, de Rita Lee e de Roberto Carvalho, publicada no disco “Flagra”, em 1982.

A partir da simbologia da cor rosa que intitula o *hit* musical, os cantores retomam metaforicamente a representatividade da identidade feminina, num jogo dialético entre as personalidades historicamente atribuídas à mulher; na menção da melodia, as duas faces de Eva que vagueiam entre a santa ou a pecadora. Desta forma, consideramos ser significativo sua utilização na narrativa pela subversão ao *status quo* de Ana, através da inclusão do elemento “choque”. Esse adjetivo, combinado ao rosa, cor culturalmente associada à feminilidade e delicadeza da mulher, configura um jogo ambíguo no relato, mas que logo se desfaz remetendo ao impacto, à força, à quebra e/ou mudanças de padrões relacionados ao momento da personagem.

Ainda sobre o tema da menstruação, é importante registrar que, antes dessa descoberta, a menina estava apavorada, associando seu sangramento a um castigo por ter roubado uma das rosas vermelhas de um ‘despacho’ que ela encontrou numa encruzilhada, quando voltava sozinha da escola no dia anterior. Somado ao medo pelo furto, ainda sonhou, naquela noite que era enterrada nua, sem caixão e coberta por inúmeras flores semelhantes a rosa do roubo que a sufocavam. Esta inquietação de Ana pode ser representativa da sua passagem de criança para

---

<sup>1</sup> LEE, Rita. *Cor-de-rosa choque*. Compositores: Rita Lee e Roberto de Carvalho. In: FLAGRA. Intérprete: Rita Lee. São Paulo: Som Livre, 1982. 1 disco vinil. Lado B, faixa 3.

adolescente. Além disso, o sentimento de culpa e terror da moça pode estar atrelado à tradição de demonizar os corpos e a sexualidade das mulheres.

Ao refletir sobre os corpos femininos na história, Michelle Perrot registra que esse assunto ainda é tratado com muito decoro. Em suas palavras: “[...] misteriosa, a sexualidade feminina atemoriza. Desconhecida, ignorada, sua representação oscila entre dois polos contrários: a avidez e a frigidez. No limite da histeria” (Perrot, 2019, p.65).

No caso da narrativa, percebemos que estes assuntos sobre a sexualidade feminina eram um tabu no seio familiar de Ana. Consequentemente, algo que deveria ser tratado com naturalidade e esclarecimentos, desembocou desnecessariamente em um episódio traumático para a menina, como é possível depreender da passagem abaixo:

Enquanto se espreguiçava, tentando afastar o mal-estar, notou que estava meio molhada. Um líquido quente escorria entre suas pernas. Num primeiro momento, imaginou ter feito xixi na cama. Mas ao levantar o lençol, percebeu um sangue ralo, quase rosa, formando um círculo sobre seu colchão. Àquela visão, inúmeras conjecturas se passaram por sua cabeça. Quase todas associavam o vermelho daquele sangue ao vermelho da rosa roubada na tarde anterior. Seu coraçãozinho se comprimia num movimento novo e desconhecido, mistura de medo, culpa e terror (Paulino, 2010, p. 71).

Esses sentimentos de Ana ainda perdurariam por alguns dias até ela entender e aprender a lidar com o sangue escorrendo por suas pernas e dominar o medo de ficar exposta na escola com essa “vergonha”. Além disso, após a personagem ter sua primeira menstruação é possível perceber outras mudanças no comportamento da adolescente. Com o passar do tempo, ela começa a demonstrar inquietação com a atual forma de viver: seu desinteresse pelos estudos fica maior e começa a confrontar alguns comportamentos dos pais, encarados como “normais” em sua casa. À vista disso, a adolescente projeta sua raiva com ações revoltosas e de autodestruição. Desse modo, o narrador informa que

Aos poucos perdeu o gosto pelos afazeres domésticos e pelos estudos também. Até ia para a escola, mas matava quase todas as aulas. De criatura dócil que era, ganhou uma rispidez estranha, como se houvesse nela uma segunda natureza a comandar gestos, palavras e pensamentos (Paulino, 2010, p. 73).

O adjetivo “dócil” presente na citação, em contraste com “rispidez estranha”, assinala a dualidade de perspectiva em relação à Ana. Quando essa não age mais de acordo com o esperado de uma “boa menina”, passa a ser vista com estranheza por aqueles para quem ela era quase “invisível” dentro de casa. Com efeito, a adolescente encurtou as roupas, passou a usar blusa transparente e começou a fumar. Tudo isso despertou ainda mais a ira de seu pai, o qual:

Numa noite, ao voltar do trabalho antes do habitual, ele tomou umas pingas a mais e resolveu dar uma passada na porta da escola. Há tempos estava com a pulga atrás da orelha, desconfiado de que a filha estivesse vagabundeando e andando em má companhia. Quando a viu de cigarro entre os dedos, rindo muito numa roda de rapazes, partiu para cima, esfregou o cigarro na cara dela e a fez mastigá-lo, à força, para que nunca mais esquecesse “o gosto de se comportar como uma vagabunda”.



Ana engoliu o cigarro, a humilhação, a raiva e a dor. Ingredientes de uma nova e explosiva mistura que de imediato começou a fermentar dentro dela (Paulino, 2010, p. 74).

Com o excerto, fica claro que o pai só usava a violência para reprimir o comportamento da filha. Foi nesse contexto que Ana conheceu Tarcísio, um rapaz ativo e presunçoso, que emanava uma falsa impressão de poder. Consequentemente, ela enxergou nele uma válvula de escape para fugir da violência doméstica, como fica claro neste trecho:

Bastou algum tempo observando-o de longe para que concluísse. Era ele. O cara que ia livrá-la de ter um destino miserável como o da mãe — se sujeitando a um homem desprezível e violento, dividindo a miséria enquanto cuidava de uma penca de filhos. Ela não. Queria ser mulher de alguém respeitado na vila (Paulino, 2010, p. 76-77).

O encantamento de Ana por Tarcísio está relacionado com a possibilidade de liberdade e de proteção contra o pai violento, bem como de fugir do destino miserável ao qual sua mãe estava relegada. Prontamente, ela resolve entregar o seu futuro nas mãos de um desconhecido, conforme é possível ver nesta citação:

Tarcísio estacionou num campinho meio abandonado, não muito longe da casa dela. Em poucos minutos, o vidro estava totalmente embaçado. *Baby, I love you so*. Ela se entregou para ele naquela mesma noite. *Don't leave me now*. Foi rápido. *Please, please, don't go*. Ela fingiu que gostou. No dia seguinte saiu de casa. Sob os insultos do pai, as lágrimas da mãe e o desprezo dos irmãos. Mas sentia-se uma heroína de fotonovela. Tinha escapado daquele inferno e agora ia ter uma vida de verdade (Paulino, 2010, p. 78).

Do fragmento, percebe-se a necessidade da jovem de fingir satisfação para sustentar o ego do namorado, evidenciando, mais uma vez, a falta de conhecimento de sua própria sexualidade. Além disso, depreende-se da leitura acima que Ana vislumbrou no seu casamento precipitado uma oportunidade para fugir dos grilhões do pai e ter uma vida de aventuras e romance, como a que costumava observar nas fotonovelas e nas músicas que ouvia no rádio.

No entanto, pouco tempo após sua fuga, a protagonista descobriu que só tinha trocado um “feitor” por outro. Na segunda semana do enlace, Tarcísio começou a demonstrar um comportamento disfuncional e agressivo contra Ana. Certo dia, ele chega em casa acompanhado de seus amigos e, de forma gratuita, começa a agredi-la fisicamente, como se pode perceber neste trecho:

Quando Tarcísio atravessou o portão com os companheiros e a viu de costas, no topo da escada, com a polpa da bunda saltando para fora do short agarradíssimo, sentiu um ódio a lhe turvar a vista. Sua ira aumentou ainda mais ao olhar para trás e perceber que os colegas estavam de boca aberta diante daquela visão. Num acesso de fúria, ele a jogou no chão e a fez rolar para dentro, embaixo de pontapés e xingamentos. Os gritos dela se misturavam ao latido dos cachorros alvoroçados pela confusão e à música que ainda tocava no último volume: “Mas, na vida a gente tem que entender... que um nasce para sofrer... enquanto o outro ri...” O espancamento só parou quando o corpo de Ana estava inerte aos chutes de Tarcísio (Paulino, 2010, p. 80).

Da passagem, observa-se que o estopim para o início das agressões foi o ciúme, advindo do sentimento de posse que Tarcísio tinha em relação à Ana. Devido à sua concepção

machista, ele inclina sua ira exclusivamente para a mulher, ao perceber que os amigos a olhavam com malícia.

O agressor culpabilizou a vítima por incitá-los a olhar para seu corpo, por causa de suas vestimentas curtas. Este comportamento de Tarcísio é condizente com o pensamento sexista que é usado muitas vezes para justificar a tolerância social com a violência contra as mulheres, apontando muitas vezes a suposta falta de pudor delas como motivo para a violência masculina. Em casos, por exemplo, de estupros são comuns acusações de que a vítima ‘mereceu’ ou ‘pediu para ser atacada’, sob a alegação machista de que os homens não conseguem controlar seus apetites sexuais, então compete a ela agir com decoro para evitar o crime. No cotidiano, essa noção se mostra, no mínimo contraditória, com os inúmeros casos de agressões sexuais que as mulheres sofrem sejam em suas casas, no transporte público, em hospitais e outros lugares em que deveriam ser seguros para elas.

Na mencionada passagem do conto, a percepção do marido de Ana é típica da crença sexista que transfere para a mulher a causa do assédio e/ou da agressão e, desta forma, pune-a por intermédio da força bruta, que é a consequência para manter a ordem. Sobre isso, Saffioti (2001, p.115, grifos da autora) esclarece que “[...]a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social **homens** exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência”.

Nesse contexto, percebemos a pertinência da utilização do trecho da música “Azul da cor do mar” (1970) no conto. Cabe recordar que a canção de Rita Lee fez a menina entender a mensagem sobre seu corpo, descobrindo que a menstruação é um acontecimento comum na vida das mulheres. Já na música do cantor Tim Maia a voz masculina anuncia que: “[...] na vida a gente tem que entender, que um nasce pra sofrer, enquanto o outro ri”<sup>2</sup> Dessa forma, a canção evidencia as desigualdades nas relações humanas, provocando reflexões na protagonista sobre seu cotidiano violento. Assim, os intertextos musicais que aparecem na narrativa exercem uma função instrucional para a personagem.

Interessa-nos salientar que a maneira covarde com que Tarcísio agrediu a mulher até ela desfalecer, ocorreu diante dos amigos, sem protestos ou intervenção de nenhum deles. Trata-se de uma situação que representa as conveniências sociais masculinas, isto é, de homens que se defendem e se protegem, ao passo que a sociedade patriarcal naturaliza as práticas violentas masculinas contra os corpos femininos. Sobre isso, Celmer (2010, p. 74-75) expõe que “[...]”

---

<sup>2</sup> MAIA, Tim. *Azul da cor do mar*. Rio de Janeiro: Polydor, 1970. 1 disco vinil. Lado B, faixa 4.

por muito tempo, as violências contra a mulher foram socialmente aceitas, o que impregnou as identidades culturais de homens e mulheres de um grau elevado de tolerância para com tais manifestações de agressividade”.

A partir desse primeiro episódio de agressão, Tarcísio passou a trancar a esposa em casa. Durante o tempo em que ficou aprisionada, Ana foi vítima de várias formas de violência, conforme depreendemos dessa passagem, na qual a moça “[...] virou prisioneira dele. Trancafiada em casa. Longe dos olhos de outros homens. Tarcísio alternava ternura e violência em doses cavalares. Fabricava pavor a cada gesto. E a enchia de presentes” (Paulino, 2010, p. 80). Além da violência física, emocional, psicológica e moral praticadas pelo marido de Ana, o trecho da narrativa evidencia também a representação do crime de cárcere privado, considerando o ordenamento jurídico brasileiro que passou a qualificar essa prática contra a mulher, segundo os preceitos da lei Maria da Penha, como tortura.

A oportunidade de fuga do cativo apareceu no dia em que Tarcísio chegou em casa completamente embriagado. O estado do rapaz era tão deplorável a ponto de ele não conseguir sequer acertar a chave na fechadura. Nesse dia, a jovem já se preparava para mais uma rotina de agressões, conforme percebe-se neste fragmento:

Dentro da casa, Ana já enrijecia os músculos e travava os dentes. Antecipava na mente as dores que teria que suportar. Mas naquela noite não teve sexo, não teve surra. Quando abriu a porta, Tarcísio tombou desmaiado, metade do corpo para dentro, metade para fora. Ela não pensou duas vezes. Esgueirou-se pelo canto da escada. Saltou os degraus como bichano assustado. Logo ganhou a rua (Paulino, 2010, p.81).

Surpreendida pelo estado de ebriedade do marido, Ana se aproveita do momento em que ele se desequilibra, caindo no chão desfalecido, e foge em direção à rua, mesmo sem ter uma direção certa para onde ir.

No desfecho, a moça procura Altina, sua irmã mais velha, que a acolhe às escondidas por medo do pai que proibiu os irmãos e a mãe de ajudá-la. A partir da leitura do trecho abaixo, percebemos o estado de consternação que ela ficou ao ver a situação penosa em que a caçula se encontrava:

Altina quase desmaiou ao ver o estado da irmã. Olhava com um misto de incredulidade e pavor os hematomas nas pernas, nos braços, tudo à mostra, mal coberto por uma camisola vermelha ordinária. Cobriu o corpo da irmã com uma colcha, passou a mão em seus cabelos num desajeitado gesto de carinho, e só então reparou que o rosto, apesar de abatido, tinha sido preservado dos espancamentos (Paulino, 2010, p. 81).

Diante dessa descrição da condição degradante em que se encontrava a moça, cabe realçar que o seu rosto estava preservado, provavelmente, um ato de precaução do agressor, para encobrir violência doméstica. Da passagem supracitada destacamos ainda o acolhimento

da irmã de Ana, um fator fundamental para ela continuar a traçar seu caminho rumo à liberdade, pois, como pontua Saffioti (1999, p. 85):

A violência doméstica ocorre numa relação afetiva, cuja ruptura demanda, via de regra, intervenção externa. Raramente uma mulher consegue desvincular-se de um homem violento sem auxílio externo. Até que isto ocorra, descreve uma trajetória oscilante, com movimentos de saída da relação e de retorno a ela.

Essa ajuda externa para a protagonista veio da irmã mais velha, que a acolheu sem julgamentos e com respeito. Além disso, sem dinheiro para ajudar, mas ciente da situação de risco da irmã, Altina cede sua oferta de emprego numa casa de família, onde começaria a trabalhar naquela semana como empregada doméstica. Ainda traumatizada e amedrontada com as incertezas do seu futuro, a jovem parte apenas com a roupa do corpo, o dinheiro para a condução e um pedaço de papel na mão, contendo o endereço da possível empregadora, que ficava na rua das Glórias, 46, bairro da Sé, centro de São Paulo.

Neste tópico, efetuamos uma leitura dos contos objetivando perceber as formas de violência de gênero ficcionalizadas nos três relatos selecionados. A seguir analisaremos comparativamente essas narrativas, com o intuito de discutir a representação das personagens femininas face a violência vivenciada nestas ficções.

### **3.3 Análise comparativa: reações das mulheres em situação de violência**

Nesta seção, realizamos uma análise comparativa dos contos examinados anteriormente, objetivando perceber como as protagonistas reagiram à violência de gênero nos três relatos. Antes disso, apresentamos algumas considerações sobre a Literatura Comparada e o contexto latino-americano.

Nessa ótica, Tânia Carvalhal, no estudo *Literatura Comparada* (2006), enfatiza que os estudos atuais da disciplina estão alinhados com uma perspectiva contemporânea de amplitude mais global, menos universalizante e com o objetivo de promover debates e ampliação dos horizontes de diferentes realidades através do confronto entre obras. Segundo a pesquisadora,

[...] a literatura comparada ambiciona um alcance ainda maior, que é o de contribuir para a elucidação de questões literárias que exijam perspectivas amplas. Assim, a investigação de um mesmo problema em diferentes contextos literários permite que se ampliem os horizontes do conhecimento estético ao mesmo tempo que, pela análise contrastiva, favorece a visão crítica das literaturas nacionais (Carvalhal, 2006, p.109).

No mesmo sentido, o professor Eduardo de Farias Coutinho em “A literatura Comparada e o contexto latino-americano” (2008) reflete sobre o campo de atuação da literatura comparada em nosso continente. Nesse artigo, o autor faz algumas considerações sobre o

desdobramento disciplinar dessa área de conhecimento, desde seus primórdios, assinalado pela pretensa universalidade, até as perspectivas contemporâneas, com foco na interdisciplinaridade, das últimas décadas.

Além disso, ele destaca o papel latino-americano nessa abertura para os discursos mais plurais e descentralizados da disciplina. Nesse sentido, as investigações da literatura comparada acompanham as tendências e mutações que a disciplina atravessou no âmbito internacional, conforme discute Coutinho (2008, p.23):

As discussões teóricas voltadas para a busca de universais deixaram de ter sentido e seu lugar foi ocupado por questões localizadas, que passaram a dominar a agenda da disciplina: problemas como o das relações entre uma tradição local e outra importada, das implicações políticas da influência cultural, da necessidade de revisão do cânone literário e dos critérios de periodização.

Desse modo, entre outras urgências dessa área do saber inserida no cenário contemporâneo, a questão do cânone literário é a que mais se torna emergente na América Latina. Assim, para a perspectiva atual do comparatismo, sua contestação se torna central, conforme retoma ainda o referido autor:

[...] ampla, complexa e variada, a questão do cânone literário se estende desde a exclusão de uma produção literária vigorosa oriunda de grupos minoritários, nos centros hegemônicos, e do abafamento de uma tradição literária significativa, nos países que passaram por processos de colonização recente, como a Índia, até problemas relativos à especificidade ou não do elemento literário, dos padrões de avaliação estética e do delineamento de fronteiras entre constructos como Literaturas Nacionais e Literatura Comparada (Coutinho, 2008, p. 25).

Neste entendimento, o autor evidencia o suporte que a tradição canônica proporcionou para algumas vozes ao mesmo tempo em que calou outras, ditas minorias, estabelecendo como paradigmas de referência e de valoração estética um sistema de cunho eurocêntrico, machista e racista.

Esse debate sobre a importância da revisão do cânone no exercício comparatista dialoga com a teoria do pesquisador Anselmo Peres Alós, em “A literatura comparada neste início de milênio: Tendências e perspectivas” (2012). Nesse estudo, o teórico reafirma a importância de relativizar e questionar o cânone, que tem seu poder devidamente assegurado pela tradição e sistemas valorativos de bases eurocêntricas. Dessa forma, a literatura comparada atual tem desempenhado um primoroso papel, pois

[...] enquanto as nações periféricas relativizam os critérios estéticos impostos pelas metrópoles, os países centrais são assolados pelas reivindicações de grupos subalternizados, nos quais mulheres, negros e homossexuais reivindicam parâmetros alternativos para a avaliação da produção cultural em um importante gesto de *descolonização do imaginário*. Tais discussões não deslocam apenas nossa compreensão acerca de noções como “literatura”, “identidade” e “valor estético”, mas contribuem para uma discussão mais ampla sobre o universal e o particular, instaurando novas possibilidades éticas que invocam a alteridade como conceito-chave na crítica cultural (Alós, 2012, p. 12).

Essas pautas aproximam o comparatismo realizado na América do Sul dos estudos culturais, à medida em que se cria a oportunidade de repensar os cânones literários eurocêntricos, além de refletir acerca dos influxos entre a literatura latino-americana *strictu sensu* e outras formas culturais consideradas “populares”. Nesta seara, destaca-se a literatura de autoria feminina, que ficou durante muito tempo silenciada e subjugada, considerada como menor frente ao cânone literário. Sendo assim, entendemos que a literatura comparada é um método viável para promover discussões emergidas com o advento dos estudos culturais, tal como a revisão da representação feminina na literatura.

Em se tratando especificamente da ficcionalização da violência de gênero, constatamos que o tema não foi muito recorrente em obras canônicas. Mesmo quando o assunto aparece contemplado neste contexto, em sua maioria, possui teor machista e preconceituoso, de forma a imputar à personagem feminina a responsabilidade pelo crime do qual é vítima. Para contrapor essa representação tradicional, efetuamos uma leitura dos relatos “O homem do vale”, de Marcela Serrano, “As coisas que perdemos no fogo”, de Mariana Enríquez, e “Destino: Sé”, de Simone Paulino, os quais serão comparados neste tópico.

Na referida leitura, identificamos as seguintes formas de violência de gênero previstas na Lei nº 11.340/2006 (Lei Maria da Penha): física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, além do cárcere privado, entendido nesse dispositivo legal como tortura. Ademais, percebemos que esse crime aconteceu na modalidade de violência doméstica, considerando que os ataques dos agressores às mulheres ocorreram majoritariamente dentro do domicílio das protagonistas.

Em nossa análise, observamos que as autoras problematizam como as estruturas sociais e familiares podem influenciar em questões de gênero, sobretudo no tocante à violência contra a mulher, a partir da abordagem da vida das protagonistas desde a infância e os relacionamentos com seus progenitores. Nesse sentido, notamos também que alguns elementos das trajetórias das personagens centrais dos contos repercutem na maneira delas (re)agirem diante das situações da violência que enfrentaram na vida adulta.

O primeiro aspecto em comum referente à infância das protagonistas das três narrativas foi a ausência da figura paterna em suas vidas, embora tenha sido por circunstâncias diferentes. No caso de Pascuala, personagem central do conto “O homem do vale”, ela nunca conheceu o pai. Como a narrativa é contada a partir de seu ponto de vista, não há no relato muitas informações sobre ele. Então, supõe-se que esta personagem seja fruto de um relacionamento casual de sua mãe com um homem da região do vale em que trabalhava, conforme a narradora-personagem deixa claro nesta passagem do texto: “Quando alguém perguntava pelo meu pai, a única resposta era: um homem do vale” (Serrano, 2014, 108).

A narrativa “As coisas que perdemos no fogo” não apresenta muita informação sobre a infância de Silvina, mas depreende-se que esta não também teve uma significativa convivência com o pai, já que esse morreu quando ela era ainda muito pequena. Nesta única passagem do texto sobre ele, sabemos que era “[...]um homem bom e um tanto torpe” (Enríquez, 2017, p. 187). Nesta caracterização, o narrador ainda acrescenta que ele sempre foi gentil e bondoso com ela e sua mãe.

No tocante ao conto “Destino: Sé”, depreendemos que a ausência da figura paterna de Ana ocorreu pelo abandono emocional e afetivo. O pai da protagonista vivia sempre fora de casa trabalhando ou perambulando pelos bares da região, mas mesmo quando estava em casa não estabelecia nenhuma relação afetiva com a menina. O agravante neste relato, em comparação com a situação de Pascuala e Silvina, são os abusos e a violência doméstica cometidos pelo pai contra ela e a mãe.

Em se tratando da figura materna, temos três situações distintas. No caso de Pascuala, conforme mencionado na análise anterior do conto “O homem do vale”, a menina foi criada, desde que nasceu, sob os cuidados da patroa de Maruja até os dozes anos de idade. A Senhora Um lhe proveu o sustento e ela desfrutou de algumas regalias que a sua genitora não tinha condições de lhe oferecer, como rememora a narradora-personagem nesta passagem:

Quando se falou de educação, procurou-se o melhor colégio da zona, não um público, mas subvencionado, que ficava numa cidadezinha no começo do vale. E mandavam o motorista me levar todas as manhãs. Às vezes eu viajava no trator e minhas colegas e professoras olhavam deslumbradas, meio veículo para uma moleca tão pequena. A Senhora inspecionava meus deveres pessoalmente e me convidava para a saleta onde ela tecia, um aposento muito bonito, acolhedor, com poltronas que afundavam e lareira acesa durante todo o inverno, para que, deitada no tapete, eu abrisse os cadernos a cada tarde. Pode me interromper quando quiser, Pascuala, me dizia. E eu estudava com ela. Quando eu precisava de livros, ela telefonava às filhas em Santiago para que me trouxessem. Meus aniversários acabaram sendo mais importantes do que os de seus netos: a graça era que eu vivia com ela, e os netos não, estavam todos na capital (Serrano, 2014, p.107).

Como é possível depreender do excerto, a protetora de Pascuala investia em sua educação. Além disso, a dona da fazenda expressamente alimentava na menina projeções para um futuro distinto daquele de sua mãe e, por isso, nutria o sonho da menina se tornar universitária. Também acreditava que: “[...] nenhum homem do vale vai vir engravidá-la, para isso você tem cabeça, me dizia, e não vai limpar a sujeira alheia” (Serrano, 2014, p.108). No entanto, esses projetos foram ceifados com a repentina morte da Senhora Um.

Depois disso, mãe e filha passaram a viver em um quarto alugado, que era pago com o trabalho esporádico de Maruja, nas plantações de frutas da região. Enquanto isso, Pascuala começou a estudar na escola pública. Sobre este período em particular, a personagem relembra

o sentimento de não - pertencimento a lugar algum. Assim, entendemos que a angústia da moça refletia a quebra de expectativas em relação à sua vida com a morte da Senhora Um.

Este cenário se tornou ainda pior com outra tragédia em sua vida: a morte súbita da sua genitora, apenas três anos depois delas serem mandadas embora da fazenda. Em consequência disso, a protagonista teve de se responsabilizar por si mesma, sendo ainda menor de idade, conforme ela relata neste fragmento da narrativa:

Vocês já devem estar imaginando em que acabou tudo isso: abandonei a escola, achei tolice continuar estudando. Afinal, pensei, de que me serve saber um pouco mais ou um pouco menos, que boba eu sou, se a Senhora Um ou minha mãe me escutassem, como se aborreceriam!, tomara que no céu exista surdez. Deixei-me levar pela cobiça, a ideia de juntar uns pesinhos era tão, tão boa, eu que não tinha nada além de um dormitório emprestado. Nem falei nada com minha benfeitora. Sabia perfeitamente o que ela me diria. Aos dezessete anos eu andava de chácara em chácara, juntava minha graninha e me sentia livre e contente (Serrano, 2014, p.113-114).

A benfeitora citada no fragmento é a Senhora Dois, para quem Pascuala trabalhava fazendo companhia à noite. No entanto, a moça decide complementar a renda nas plantações de abacate da região do vale. Nesse contexto, ela conhece Rodolfo Sanhueza, com quem se envolve e acaba engravidando dele. Devido à gravidez, a protagonista perde o emprego de acompanhante. Conforme já mencionado, essas circunstâncias impulsionaram sua atormentada convivência com o Rato.

Tal como Pascuala, aos doze anos de idade, Ana também experiencia uma mudança repentina em sua vida quando ocorreu sua primeira menstruação. Antes desse evento, que foi traumático para ela por não entender do que se tratava, a menina parecia possuir a necessidade de impressionar a mãe, sempre muito obediente e disposta a desempenhar as tarefas de casa juntas. Após esse acontecimento, percebemos que o comportamento da jovem passa por transformações à medida em que a narrativa expõe o abismo emocional existente entre as duas.

A falta de diálogo entre mãe e filha é perceptível, dado que elas não dialogam nem mesmo sobre informações básicas e necessárias sobre o desenvolvimento físico e emocional de Ana. Além disso, a moça desde muito cedo se acostumou a ver a mãe sendo maltratada, agredida e explorada pelo pai. À medida que o tempo passa, ela se revolta cada vez mais com a passividade de uma e a violência do outro, a qual também é impetrada contra ela.

A negligência é outro ponto que destacamos na relação desta personagem com seus progenitores. Quando ela começa a mostrar desinteresse pelos estudos, percebemos que falta atenção e incentivo em casa em relação a esse aspecto de sua vida, como é possível notar nesse trecho do relato:

[...] perdera de vez a paciência para os estudos. Sabia ler, e isso já estava de bom tamanho. Pra que mais? De que adiantaria saber o nome dos afluentes do Rio



Amazonas ou o maldito mínimo múltiplo comum? Oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas... que diferença fazia? (Paulino, 2010, p. 76).

Nesse sentido, percebemos que a relação da personagem principal do conto “As coisas que perdemos no fogo” com sua progenitora é distinta daquelas das demais protagonistas dos contos examinados. Tendo em vista que a mãe de Silvina é caracterizada na narrativa como uma pessoa justiceira e revolucionária, a matriarca se apresenta como uma inspiração para a moça, conforme é evidenciado pelo narrador: “[...] sua mãe, sempre arriscada e atrevida, muito mais que ela própria, que continuava trabalhando no escritório e não se animava unir às mulheres” (Enríquez, 2017, p.186-187). Por isso, a atuação colaborativa no movimento das Mulheres Ardentes dessa personagem é, segundo as palavras do narrador, “[...] ativa, ao mesmo tempo, distante” (Enríquez, 2017, p. 188).

No caso de Pascuala e Ana, a falta de estruturas sociais e familiares as impulsionaram a tomarem decisões precipitadas em suas vidas. Em se tratando da primeira, apontamos que esta era órfã de mãe e pai, sobrevivendo dos subempregos e da exploração de sua mão de obra barata e ilegal. Além disso, deparou-se com sua gravidez indesejada, o que repercutiu para ela como um encontro inevitável com o seu destino, conforme relata a personagem:

Eu já havia completado a maioridade quando me aconteceu o que acontece a todas: fiquei grávida. De um homem do vale, como minha mãe, só que do vale do Aconcágua. Talvez também como minha avó, não sei, não a conheci. Não há quem se livre, meu Deus! (Serrano, 2014, p.116).

Dessa forma, entendemos que o fato de a protagonista da narrativa de Serrano ficar à mercê de sua própria sorte quando ainda era menor de idade contribuiu com as circunstâncias que culminaram no enlace desastroso. Percebemos que essa situação se assemelha a da personagem Ana, de “Destino: Sé”. Como já foi anunciado, a protagonista do conto de Paulino projetou no namorado a chance de fugir do pai autoritário e da vida de miséria que levava em casa. Assim, ao se envolver com Tarcísio, ela se encantou com o suposto poder que ele emanava, com seu comportamento presunçoso, na esteira do que a jovem tinha como referência masculina na sua figura paterna. Nesse sentido, o relacionamento surgiu como uma oportunidade de se livrar de seu lar disfuncional.

Outrossim, no caso da protagonista do conto “As coisas que perdemos no fogo”, depreende-se que a violência doméstica não foi um problema vivenciado por ela em sua casa. No relato de Enríquez, a mãe de Silvina deixa claro que sua luta em prol das Mulheres Ardentes não é motivada por uma identificação pessoal com a história delas. Isso se deve ao fato de que, enquanto o seu marido era vivo, foi um homem íntegro e amoroso com ambas, como a matriarca enfatiza nesta passagem: “[...] nem passe pela sua cabeça que faço isso por culpa de seu pai,

dissera-lhe sua mãe uma vez, enquanto inspecionava os antibióticos que Silvina lhe trouxera. Seu pai era um homem delicioso, jamais me fez sofrer” (Enríquez, 2017, p. 187).

Assim sendo, entendemos que o envolvimento dessa personagem na causa das Mulheres Ardentes também foi motivado por sua identificação com a personalidade da mãe matriarca que se envolveu na causa mesmo não sendo uma vítima.

À vista disso, percebemos algumas conexões entre as experiências vivenciadas pelas protagonistas na infância e a representação da violência de gênero abordada nos três relatos. Além disso, notamos também que estas circunstâncias influenciaram diretamente não só as escolhas abruptas de Pascuala e Ana, mas também a postura altruísta de Silvina.

No tocante a representação feminina frente a violência doméstica representada nos três contos, constatamos, de maneira inicial, que a personagem feminina elaborada por Marcela Serrano se configura como a representação da mulher que demonstra ter consciência diante da violência que sofre. Pascuala, mesmo com recursos escassos, esboçou algumas reações diante das agressões que vivenciava junto com o filho. O trecho abaixo relata uma ocasião em que isso aconteceu:

[...] Até que um dia eu disse: se você botar a mão em mim, vou te acusar. Vou procurar a polícia e a senhora do parque, e você perde o emprego. Foi má ideia dizer isso: ele ficou vermelho, a cara parecia aqueles sóis do entardecer dos cartões-postais, pulou em cima de mim, me puxou pelas pernas, me jogou no chão e me deu um pontapé. Depois outro. Em pleno ventre (Serrano, 2014, p.120).

Como vemos, a jovem não era complacente diante dos episódios de abusos que sofreu. Suas reações eram explicitadas pelas ameaças de denunciá-lo à polícia ou procurar a empregadora do marido para expor o caráter violento dele em casa. Estrategicamente, ela apelou para o medo do homem perder o emprego, além da exposição pública de seu crime. Porém, Pascuala recuou de seus planos iniciais, tal como acontece com a maioria das vítimas que enfrentam essa situação, por medo de sofrer mais represálias do marido. Outra questão que também pesou na sua decisão foi o fator financeiro, uma vez que, como vimos, ela e o filho viviam às expensas do Rato.

No entanto, é necessário frisar que este não é um fator determinante nos casos de violência. Sobre esse ponto, Figueiredo (2020, p.206) evidencia que “[...] mulheres profissionais competentes podem viver relações abusivas, que vão da violência psicológica à violência física, podendo chegar a serem vítimas de feminicídio”. Portanto, percebemos que Pascuala estava atenta aos comportamentos abusivos do Rato, inclusive tinha uma postura reativa diante das ações violentas dele, só que essas reações se davam dentro de suas limitadas possibilidades.

Ainda sobre a postura da protagonista deste relato, destacamos que, apesar de ser muito jovem, a personagem se mostrou racional, astuta e vingativa, como é possível depreender do seguinte trecho do relato:

[...] eu não ouvia nada, a não ser as batidas disparadas do meu próprio coração, que me diziam: acabe com ele; e outras que respondiam: não sou uma assassina. Quase sempre uma assassina é a criação de um homem que a maltratou (Serrano, 2014, p.123).

Outra questão que evidencia isso é a informação fornecida pela narradora-personagem no decorrer do relato sobre os hábitos de seu detratador, o qual mantinha uma rotina de acordar e fumar, ainda sentado na cama. Ao pontuar isso em sua fala, a narradora demonstra possuir plena consciência de como este costume do Rato foi favorável ao seu plano de ação para supostamente se livrar do seu agressor “de merda”. Inclusive, em sua narrativa, a moça enfatiza até que foi de maneira cautelosa e de absoluta calma que ela retornou para sua casa e silenciosamente deixou o cigarro e o isqueiro na mesinha ao lado da cama onde o Rato estava dormindo, abriu o registro do gás de cozinha e se retirou da residência.

O desfecho do relato termina de forma aberta. Logo, não é possível inferirmos se de fato a casa pegou fogo com o Rato dentro. Para nossa análise interessa ressaltar a intenção de Pascuala de se livrar de vez o marido violento. No entanto, apesar de ela demonstrar uma aparente frieza no seu ato, pensamos que a moça agiu para não sucumbir à violência e em defesa da vida do filho. Sobre essa postura, Figueiredo (2020, p.207) argumenta que “[...] a violência física das mulheres é reativa. A maior parte das que mataram o cônjuge o fizeram em um contexto de proteção ou de legítima defesa diante das violências de que estavam sendo vítimas”.

Já no caso de Silvina, sua reação foi impulsionada por solidariedade e revolta pela invisibilidade da crescente e cruel violência contra as mulheres. Ao perceber a banalização desses crimes, ela decide se unir à causa das Mulheres Ardentes.

Finalmente, em “Destino: Sé”, percebemos que a postura de Ana diante das violências que sofria em sua casa se diferencia da figura reativa de Pascuala. No entanto, ao analisar essa personagem, é necessário lembrar alguns agravantes na situação de violência sofrida pela moça. O primeiro deles é a condição de prisioneira em que Ana vivia nos meses em que morou com Tarcísio. Depois de sofrer o primeiro ataque físico, a mulher foi mantida em cárcere privado, sendo impossibilitada de travar qualquer contato com o mundo exterior.

Além disso, é preciso considerar o “sequestro” mental da jovem em relação ao marido, como é evidenciado neste trecho do conto:

Ana se submetia. Quase não falava. Aceitava tudo calada, como se fosse merecedora de cada soco, de cada beijo. Viveu assim meses a fio. Emagreceu. Perdeu o viço. Os olhos se apagaram. No começo, quando era surrada chamava por Deus, mas Deus não ouvia. Começou a achar que àquela altura, Deus já estava morto (Paulino, 2010, p.80).

A conduta desta protagonista repercute em nossa análise também para enfatizar a exposição do poder destruidor da violência doméstica à vida das mulheres e crianças. Na trama, percebe-se que ela cresceu em um ambiente de violência, conseqüentemente, aprendeu que deveria se calar diante das agressões e que essa forma de se relacionar representaria a normalidade.

Nesse cenário, observamos que, em diversos momentos da narrativa, a personagem parece já ter se conformado com sua trágica sina devido às suas condições física e emocional bastante debilitadas, além do sentimento de culpa e de desesperança em que essa se encontrava, conforme relatado neste trecho: “[...] além das muitas e variadas espécies de medo e dor que conheceu, sentia como se lhe tivessem tirado o centro da gravidade, quase não para em pé” (Paulino, 2010, p.80). No entanto, ela demonstra ter consciência da situação criminosa a que é submetida pelo companheiro, externalizada por sua obstinação em escapar do cativo, como relata o narrador nesse fragmento do conto: “[...] mas a cabeça pensava obsessivamente em fugir, embora não soubesse como” (Paulino, 2010, p.80).

Ana conseguiu escapar de seu cativo em condições parecidas com a da protagonista do conto “O homem do vale”, pois ambas alcançam seu objetivo de fugir de casa devido o estado de embriaguez dos dois maridos. Esse fato evidencia que, em condições normais, elas não teriam como enfrentá-los, considerando que os homens biologicamente se sobrepõem às mulheres, em termos de força física.

Nas três narrativas analisadas, os desfechos das histórias ficam em aberto. Ao final dos contos, não visualizamos soluções felizes para as protagonistas. Elas encerram seus trajetos nas histórias com seus futuros indefinidos: o destino de Silvina em relação ao seu comprometimento com a causa das Mulheres Ardentes é problematizado. Após o movimento das queimas perder força com o cerco da polícia aos hospitais clandestinos que tratavam das queimadas, com a prisão de algumas das adeptas e a constatação de que algumas delas já são velhas para submeter-se às fogueiras, não sabemos se esta moça será capaz de se tornar a próxima Mulher Ardente.

No caso de Pascuala, ela termina sua narrativa com um filho para criar, sem emprego, sem família e com a única moradia que possui provavelmente destruída por um incêndio. Quanto à Ana, esta consegue fugir de seu algoz e caminha rumo ao desconhecido. A moça faz o movimento de “uma margem para outra”. Ela se livrou de um cativo, onde era violada de todas as formas, e, para fugir do relacionamento abusivo, teve que encarar um futuro incerto, aceitando a vaga de empregada doméstica no lugar de sua irmã.

Sobre esse movimento de saída das mulheres da situação de violência doméstica, Figueiredo (2020, p.213) afirma que

As mulheres sofrem, muitas vezes, violência simbólica e violência física no casamento, sem conseguir ter o discernimento, a força e a possibilidade econômica e emocional de mudar de vida. Em alguns casos, vimos que a mulher consegue sair da relação abusiva, em outros, continua passiva.

Considerando a afirmativa da estudiosa, associada à nossa análise comparativa das trajetórias das três protagonistas dos contos “O homem do vale”, “As coisas que perdemos no fogo” e “Destino: Sé”, concluímos que elas são personagens femininas representadas como fortes e reativas, apesar de suas limitações econômicas e físicas.

Ao pensar sobre os desfechos representados nos contos das escritoras latino-americanas selecionadas, concordamos com a assertiva de Figueiredo (2020, p. 96) ao reiterar que “[...] não se trata de postular que escritoras representam, de maneira autêntica e realista, as situações vividas por elas. As mulheres recriam em suas obras um imaginário que está ancorado no local e no momento histórico em que vivem”. Dessa forma, enfatizamos os compromissos das autoras em retratar a realidade de muitas mulheres que precisam fazer o movimento de saída da situação de violência em que se encontram, geralmente, sem terem recurso financeiro ou auxílio familiar, motivadas apenas pela necessidade de salvarem suas próprias vidas ou a de seus filhos.

Nessa seção, dedicamo-nos a analisar comparativamente os três contos que integram o corpus da pesquisa, observando como são representadas as personagens femininas dos relatos frente a violência doméstica na ficção de autoria feminina. Verificamos que as narrativas apresentam exposição de comportamentos de preceitos patriarcal e machista como motivadores das práticas de violência contra as mulheres, diferenciando-se de muitas obras canônicas que abordam a temática de maneira tendenciosa, culpabilizando as mulheres ou classificando-as como merecedoras da violência sofrida por supostos desvios de sua conduta.

Dessa forma, ressaltamos a importância de promover a literatura de autoria feminina contemporânea que tratam da temática da violência pela capacidade de suscitar reflexões sobre as desigualdades de gênero impostas pelo sistema patriarcal vigente, que aprisiona mulheres e homens em círculos viciosos disfuncionais e violentos na sociedade.

Em vista disso, a professora e pesquisadora Dra. Isis Milreu, situando a importância desta discussão no âmbito escolar, postula a necessidade de procurar alternativas que promovam essa literatura nos espaços de ensino de nosso país. No artigo “A inclusão da literatura de autoria feminina latino-americana nas aulas de ELE: um desafio contemporâneo” (2019), a estudiosa sustenta que

[...] um de nossos desafios atuais é levar os textos literários de autoria feminina para o espaço escolar. Desse modo, estaremos atuando na dimensão política do ensino de literatura, assinalada por Leite (1983). Afinal, constatamos que as mulheres estão ocupando diversos espaços na sociedade contemporânea, mas que a desigualdade entre os sexos ainda é detectável em vários âmbitos da América Latina, incidindo, por exemplo, na diferença de remuneração e da jornada de trabalho. Também é preciso lembrar as altas taxas de violência doméstica e de feminicídio que assolam a maioria dos países latino-americanos. Apesar da resolução destas questões serem cruciais para a construção de um mundo mais justo, raramente elas são discutidas nas salas de aula, um espaço que poderia contribuir para a desconstrução da ideologia patriarcal e sinalizar caminhos para a edificação de uma sociedade mais justa e democrática (Milreu, 2019, p. 95).

Nessa perspectiva, elaboramos uma proposta didática com os relatos analisados nesta pesquisa, como sugestão para abordar a temática da violência de gênero em sala de aula, conforme detalhamos no capítulo a seguir.

#### 4. CAPÍTULO III- LEITURAS DE NARRATIVAS SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA ESCOLA

Neste capítulo, urdimos uma discussão sobre a relação entre questões sociais e leitura literária na sala de aula, verificando como essa intersecção pode ser produtiva na problematização da violência de gênero no ambiente escolar. Além disso, apresentamos uma proposta de abordagem dos contos selecionados neste trabalho baseada no método de círculo de leitura, sistematizado por Cosson (2021).

##### 4.1 Questões sociais e o texto literário na escola

Considerando as diretrizes para a educação previstas na Constituição Federal de 1988, percebe-se que o papel da escola na formação humana deve estar além da promoção intelectual e preparação para o mercado de trabalho. De acordo com o artigo 205 dessa normativa, a ação educativa também tem que se pautar no desenvolvimento político e da cidadania dos alunos, com práticas que estimulem o pensamento crítico e reflexivo sobre seus lugares na sociedade e no mundo. Provavelmente, essa diretiva constitucional consista em um dos maiores desafios para o ensino atual, configurando um dos maiores debates sobre Educação no Brasil.

Nessa seara, julgamos que os estudos de Paulo Freire se apresentam como uma das mais frutuosas contribuições sobre o assunto. Na obra *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (1996), o pedagogo discorre, em três capítulos, sobre princípios referentes ao conhecimento e às condições necessários para promover uma maior aproximação entre alunos e professores, além de estabelecer circunstâncias que contribuem para esses profissionais formarem indivíduos mais livres e autônomos.

Dentre as orientações presentes nesse estudo de Freire (1996) para o ensino escolar, destacamos, especificamente, a diretiva que trata da educação como forma de intervenção no mundo. Nesse ponto, o pedagogo advoga contra a neutralidade do ensino frente aos interesses da ideologia dominante, com fortes tendências a imobilizar e ocultar verdades que afligem a sociedade, conforme explica o autor:

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou

professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais (Freire, 1996, p. 53).

Esse posicionamento do educador converge para a necessidade de reconhecer o caráter ideológico da educação e o poder de dismantelar discursos dominantes com fortes tendências a anestesiar, a confundir e até distorcer a percepção de problemas e acontecimentos reais do meio social pelos indivíduos. Em outras palavras, Freire (1996, p.67) sustenta que

Não podemos escutar, sem um mínimo de reação crítica, discursos como estes: “O negro é geneticamente inferior ao branco. É uma pena, mas é isso o que a ciência nos diz.” “Em defesa de sua honra, o marido matou a mulher.” “Que poderíamos esperar deles, uns baderneiros, invasores de terra?” [...] “Maria é negra, mas é bondosa e competente.” “Esse sujeito é um bom cara. É nordestino, mas é sério e prestimoso.” “Você sabe com quem está falando?” “Que vergonha, homem se casar com homem, mulher se casar com mulher.” “É isso, você vai se meter com gatinha, e o que dá. “Quando negro não suja na entrada, suja na saída.” [...] “O Brasil foi descoberto por Cabral”.

Com base nisto, salientamos o papel fundamental da escola como espaço social múltiplo e de diferentes realidades para o desarranjo desses discursos sedimentados em ideologias sexistas, racistas e preconceituosas que são cada vez mais evidenciados nas sociedades modernas.

Nessa mesma direção, caminha o pensamento do professor e crítico social José Carlos Libâneo exposto em *Pedagogia e pedagogos, para quê?* (2010). Nesta obra, o teórico problematiza o futuro da Educação e discute o papel escolar na construção de um ensino básico de qualidade no contexto da pós-modernidade. Sobre esta questão, Libâneo (2010) destaca a necessidade de uma concepção emancipatória da educação, no qual o grande propósito seria a humanização dos indivíduos. De acordo com o teórico,

[...] a educação, mormente a escolar, precisa reciclar-se para assumir seu papel nesse contexto como agente de mudanças, geradora de conhecimento, formadora de sujeitos capacitados a intervir e atuar na sociedade de forma crítica e criativa (Libâneo, 2010, p.195).

À vista disso, destacamos a importância das artes e suas potencialidades no processo de constituição humana dos indivíduos. Com efeito, os debates sobre a influência artística na formação social dos sujeitos não são atuais. Em se tratando especificamente da Literatura, provavelmente, uma das mais profícuas discussões nesta direção é a proposta e defendida pelo sociólogo, crítico literário e professor universitário Antonio Candido (1918-2017). Vale a pena recordar que o autor publicou vários estudos sobre a relação entre Literatura e Educação, com grande notoriedade às investigações que abordam a influência que a experiência estética, proporcionada pela leitura literária, exerce no desenvolvimento do senso ético, crítico e estético dos seres humanos em sociedade.



No livro *Literatura e sociedade* (2006), Antonio Candido debate como a literatura pode nos ensinar sobre a condição humana em sociedade, a partir da representação na obra literária das múltiplas realidades do sujeito e do mundo. De acordo com o teórico, no texto literário “[...] os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo” (Candido, 2006, p.35). Assim sendo, ao discutir a influência da literatura na sociedade, o crítico literário sugere ainda que essa disciplina possui um vínculo social quando o autor possibilita abordagens de problemas sociais, políticos e culturais em sua construção literária.

Já no ensaio “O direito à Literatura”, Candido relaciona a Literatura com os direitos humanos, a partir da função humanizadora que ela pode desempenhar na vida dos sujeitos. De acordo com a definição do crítico literário, entendemos *humanização* como

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (Candido, 2011, p. 182).

Nessa perspectiva, a literatura possibilita ao sujeito vivenciar experiências estéticas, que o estimulam a repensar seu cotidiano e, conseqüentemente, ampliar seu conhecimento sobre o mundo, do outro e de si mesmo, através da ficcionalização e da fabulação que são inerentes e universais a qualquer ser humano. Dessa forma, o crítico brasileiro ainda explica que

[...] por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (Candido, 2011, p. 177).

Ainda de acordo com Candido (2011, p. 177), a literatura “[...] é o sonho acordado das civilizações”. Portanto, deve ser considerada como um direito de todos e um bem incompreensível, ou seja, aquele que não pode ser negado a ninguém.

Identificamos que um debate bastante alinhado com as ideias de Candido sobre o papel da literatura na formação humana e na sociedade, é tecido pelo filósofo e linguista Tzvetan Todorov, em *Literatura em Perigo* (2009). Nessa publicação, o teórico búlgaro concebe a literatura como pensamento e conhecimento que aspiram a desvendar o mundo psíquico e social em que vivemos. Dessa maneira, assim como acontece com a filosofia e as ciências humanas, o fazer literário também se interessa em compreender a experiência humana em sua amplitude. Nesse sentido, Todorov (2009, p. 76) afirma que

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.

Nesses termos, esse desencadeamento de emoções parece se alinhar com a perspectiva humanizadora da literatura, proposta por Candido, reforçando ainda mais a importância dessa disciplina para a formação humana nas escolas.

Regina Zilberman, no trabalho “Sim, a literatura educa”, inserido no livro *Literatura e pedagogia: ponto & contraponto* (2008), também reflete a respeito do caráter pedagógico da literatura e suas potencialidades para o desenvolvimento dos indivíduos. Ao fazer um resgate histórico da propensão educativa da arte literária, quando essa ainda se chamava exclusivamente poesia e estava à serviço da formação cultural, moral e social dos indivíduos, a autora relata que foi através dela que se transmitiam ao público padrões de pensamentos e comportamentos, a partir das tragédias expostas nos teatros gregos. Ademais, Zilberman (2008, p.19) expõe que

Passaram-se muitos séculos até a literatura adotar o nome que atualmente a identifica. Não só os gregos a conheceram como poesia, embora incluíssem aí a epopeia e o drama; romanos da Antiguidade e europeus renascentistas não recusaram a denominação primitiva, embora, com o passar do tempo e o surgimento de novos gêneros, tenha-se instalada certa confusão terminológica. Uma certeza, contudo, mantém-se com o tempo: a de que o texto poético favorece a formação do indivíduo, cabendo, pois, expô-lo à matéria-prima literária, requisito indispensável a seu aprimoramento intelectual e ético.

Nesse sentido, a autora defende que é pelo contato com o texto literário que se formam os leitores. Além disso, ela expõe que somente através da imaginação é possível enriquecer e expandir suas próprias dimensões, sem perder de vista sua subjetividade e história. Desse modo, Zilberman (2008, p. 23) ressalta ainda que

Dúbia, a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. Nesse sentido, o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências.

Assim sendo, entendemos que só por meio da fantasia propiciada pelo contato com a literatura é possível transportar os sujeitos para realidades diversas e sensibilizá-los com o exercício da alteridade.

Por todas essas implicações, compreendemos a importância do papel de destaque que as instituições de ensino e a prática da leitura literária têm na formação humana e nas desconstruções de discursos totalizantes e ideológicos na sociedade. Como consequência disso,

percebemos como as abordagens na escola de temáticas sociais delicadas, como o problema do racismo, da intolerância religiosa, do respeito à diversidade e as diferenças, da violência contra as mulheres e tantos outros, merecem realce nessas instituições de ensino. Dessa forma, frisamos especificamente a necessidade de abordar a violência de gênero nas escolas, dada a urgência de promover a temática nesses ambientes.

A necessidade do enfoque deste assunto no contexto escolar tem respaldo inclusive nos documentos legais sobre a Educação no Brasil. Em 2021, essa pauta foi incluída nos currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio com a aprovação da Lei Federal n.º 14.164/2021, que alterou a LDB para incluir conteúdos sobre a prevenção desse crime nas escolas. Ademais, instituiu a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher, a ser realizada anualmente, no mês de março, em todas as instituições públicas e privadas de ensino da educação básica. Cabe frisar que, anteriormente a essa normativa, a Lei de diretrizes e bases da educação nacional, no seu § 9º do art. 26, estabeleceu que os

[...] conteúdos relativos aos direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança, o adolescente e a mulher serão incluídos, como temas transversais, nos currículos de que trata o caput deste artigo, observadas as diretrizes da legislação correspondente e a produção e distribuição de material didático adequado a cada nível de ensino (Brasil, 1996, p. 20).

Essa prerrogativa para a abordagem da temática na escola também está presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio. Neste documento, o capítulo intitulado “Linguagens e suas tecnologias no ensino médio: competências específicas e habilidades” determina que os jovens, durante o Ensino Médio, devem

[...] debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões manifestados, para negociar e sustentar posições, formular propostas, e intervir e tomar decisões democraticamente sustentadas, que levem em conta o bem comum e os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global (Brasil, 2013, p. 485).

A orientação pelo zelo aos Direitos Humanos nesse dispositivo dialoga diretamente com a recomendação da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher, instituída pelo decreto nº 1.973, de 1º de agosto de 1996, que determina que a “[...] violência contra a mulher constitui violação dos direitos humanos e liberdades fundamentais e limita todas ou parcialmente a observância, gozo e exercício de tais direitos e liberdades” (Brasil, 1996, p. 01).

Da mesma maneira, as diretrizes para a inserção da valorização dos Direitos Humanos, nas quais se encaixam a temática da violência de gênero, estão presentes também, em nível estadual, já que o tema está previsto tanto no Plano Estadual de Educação da Paraíba, que estabelece a implantação da educação sobre o respeito aos Direitos Humanos em todos os

níveis, etapas e modalidades de ensino; quanto nas Diretrizes Operacionais das Escolas da Rede Estadual de Educação da Paraíba para o ano de 2023. Esse documento expressamente assegura que

A educação em Direitos Humanos é toda a aprendizagem que desenvolve o conhecimento, as habilidades e os valores desses direitos, garantindo o direito ao acesso, à permanência e ao sucesso das pessoas, tendo como princípio reconhecer e respeitar as diversidades (de gênero, de orientação sexual, socioeconômica, religiosa, cultural, étnico-racial, territorial, físico-individual, geracional e de opção política) (Governo do Estado da Paraíba, 2023, p. 33).

Além dessas diretrizes que orientam a inserção dos conhecimentos concernentes à Educação em Direitos Humanos nas escolas da Paraíba, o governo recentemente promulgou a Lei nº 12.875, de 14 de novembro de 2023, que trata diretamente do tema da Violência contra a mulher na Rede Pública de ensino do estado. De acordo com esta normativa, as instituições deverão incluir a temática da prevenção deste crime como conteúdo transversal de seu currículo escolar e ainda institui, em seu artigo 2º, que elas deverão promover a formação continuada dos professores, habilitando-os para o trabalho com o tema da violência de gênero em sala de aula.

Portanto, consideramos significativa a inclusão do tema da violência de gênero nestes documentos oficiais de ensino brasileiro e, particularmente no estado da Paraíba, levando em conta as estruturas patriarcais que persistem em nosso cotidiano, manifestadas em comportamentos violentos que afetam diretamente meninas e mulheres, mas que também repercutem negativamente em toda sociedade.

Tendo em vista esses debates teóricos e legais sobre as implicações que a leitura literária pode ensejar na construção do sujeito em sociedade, bem como pelo potencial que ela possui para abordar problemas sociais, elaboramos uma proposta didática que tem como objetivo trabalhar a temática da violência de gênero em sala de aula a partir da leitura literária, conforme expomos no tópico seguinte.

## **4.2 Violência de gênero e leitura literária: uma proposta para a sala de aula**

Nesta seção, debruçamo-nos diretamente sobre o terceiro objetivo específico da pesquisa, que se propõe a elaborar uma proposta didática contemplando a temática da violência de gênero a partir dos contos que constituem o corpus deste trabalho. Antes disso, apresentamos o método do círculo de leitura, conforme descrito a seguir.

### **4.2.1 Círculo de leitura**

O professor e pesquisador Rildo Cosson, em seu livro *Círculos de leitura e letramento literário* (2021), compreende que nossas leituras são construídas dentro de uma comunidade e que é por meio dela que nos tornamos leitoras. Para o autor, “[...] não há nem texto nem leitor fora das convenções de uma comunidade, que só podemos pensar a nós mesmos e aos textos a partir e dentro de uma comunidade interpretativa” (Cosson, 2021, p. 137). Dessa maneira, Cosson (2021) enfatiza que a prática de ler em grupo ou comunidade favorece o acesso ao texto em sua profundidade mais complexa, o que não quer dizer que ele descarte a essencialidade do processo individual de leitura. Ele apenas assevera que “[...] a leitura como um todo é sempre social porque não há leitor que não faça parte de uma comunidade de leitura, ainda que nem sempre seja reconhecida como tal” (Cosson, 2021, p. 139).

Nesse sentido, Cosson (2021, p. 139) aponta os círculos de leitura como uma maneira privilegiada de se conceber as comunidades de leitores e elenca algumas vantagens do círculo de leitura. De acordo com o autor, este método consiste em uma prática privilegiada porque:

[...] primeiro, ao lerem juntos, os participantes do grupo tornam explícito o caráter social da interpretação dos textos e podem se apropriar do repertório e manipular seus elementos com um grau maior de consciência, quer seja para reforçar ou desafiar conceitos, práticas e tradições (Cosson, 2021, p.139).

Além desta vantagem dos círculos de leitura, o pesquisador também destaca a ampliação do horizonte interpretativo do leitor a partir da socialização das leituras individuais com o coletivo, fomentando assim um aprendizado colaborativo. Nas palavras de Cosson (2021, 139)

[...] os círculos de leitura possuem um caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra selecionada.

Outro benefício dessa prática consiste no caráter solidário que o modelo desperta pela identificação e criação de laços sociais nos indivíduos do grupo. Segundo o autor, a leitura coletiva possibilita que os participantes se (re)conheçam cultural e socialmente e, dessa forma, busquem solidariedade entre os iguais (Cosson, 2021, p. 139).

Os círculos de leitura possuem diferentes formatos. No entanto, Cosson (2021) destaca três estilos predominantes: estruturado, semiestruturado e não estruturado. O círculo estruturado é caracterizado por sua formalidade. Possui um formato rígido e é um modelo basicamente escolar. Nessa versão, os participantes possuem funções previamente definidas no grupo e controles mais consistentes nos registros das discussões.

Já no círculo semiestruturado, o formato é menos engessado que o primeiro. Não há um roteiro a se seguir, mas algumas orientações devem ser empregadas, de modo a guiar o andamento do grupo. Nesse tipo de círculo, a presença de um condutor da discussão é

importante para prevenir esmorecimento e dispersão do debate. Cabe a este profissional o aprofundamento da leitura e provocações para que pontos de vista que fujam muito do assunto sejam recolocados.

Por sua vez, o terceiro tipo de círculo, aberto ou não estruturado, é muito próximo da ideia de clube de leitura. Suas discussões acontecem com mais liberdade em comparação com os modelos apresentados anteriormente. Neste formato, não há regras de discussões, nem condutores de debate pré-definidos para a leitura do texto, acontecendo de forma espontânea.

Os círculos de leitura também são diversos, sendo o círculo de Literatura um dos mais difundidos e bem-sucedidos. Este modelo foi proposto por Harvey Daniels (2002) e sistematizado por Rildo Cosson (2021). Nesta perspectiva, este tipo de círculo de leitura apresenta como características básicas os seguintes pontos: a) a escolha da obra é feita pelos estudantes; b) os grupos são temporários e pequenos; c) os grupos leem diferentes obras ao mesmo tempo; d) as atividades dos grupos obedecem a um cronograma; e) os registros e anotações devem ser feitas durante a leitura; f) os tópicos discutidos têm de ser definidos pelos discentes; g) as discussões do grupo precisam ser livres; h) o papel do professor no processo é o de facilitador; i) a avaliação é feita por observação e autoavaliação dos estudantes; j) o formato em círculo proporciona diversão e interação e k) os grupos se formam a partir da escolha individual da obra (Cosson, 2021, p.140).

Além disso, o círculo de Literatura é constituído por três etapas: preparação, execução e avaliação. O processo de preparação compreende: a seleção dos textos literários, a disposição dos participantes e a sistematização das atividades. Nessa sequência, a escolha das obras obedece a dois princípios básicos. O primeiro estabelece que não há um texto ideal para os círculos de leitura, sendo necessário investigar quais são adequados para aquela comunidade de leitores. Já o segundo indica que os participantes devem escolher os textos diante das opções a eles apresentadas (COSSON, 2021, p.160-161). Para isso, são ofertados vários livros ou textos, para eles manuseá-los e eleger seus prediletos que serão anotados pelo professor, obedecendo uma ordem de preferência definida pela maioria dos leitores.

Escolhidas as obras, é necessário a preparação dos participantes do círculo de leitura. Nesse quesito, Cosson (2021) destaca inicialmente a necessidade de reconhecer o perfil dos leitores, seja por meio de depoimentos e diálogos informais sobre suas experiências anteriores com a leitura ou através da aplicação de questionários e/ou fichas de leituras. Em seguida, o processo de leitura deve ser iniciado com a inserção de atividades introdutórias sobre a temática ou outros aspectos da obra. Essa fase também é conhecida como etapa de motivação dos participantes.

Uma preocupação pertinente nesta fase de iniciação dos integrantes do círculo de literatura é a atenção que devemos ter com a compreensão da proposta do método de leitura pelos integrantes do grupo. Dessa forma, Cosson (2021) aconselha que, após a explicação da metodologia, se o professor perceber que ainda persistem confusões sobre a assimilação da sistemática do círculo de leitura, ele pode aplicar uma miniaula, na qual simulará os passos recomendados. No caso de permanência de dúvidas, tem também a possibilidade da utilização de outros recursos para facilitar o entendimento, tais como o uso de vídeos disponíveis na internet sobre o círculo de leitura ou até a encenação de uma discussão com auxílio de leitores mais maduros, bibliotecários ou colegas professores.

Outra etapa de preparação, a sistematização das atividades, trata-se basicamente do organograma da prática, no qual “[...] os participantes precisam decidir não só sobre a escolha das obras, mas também o meio, o calendário e os locais dos encontros, os papéis de cada um nas reuniões e as regras da convivência” (Cosson, 2014, p.166). Essa organização depende muito da extensão dos textos escolhidos. No caso de contos, a leitura pode ser integral, o que possibilita maior espaçamento de tempo nos encontros. Dessa forma, eles podem ser marcados preferencialmente uma vez por semana ou quinzenalmente, o que pode ser diferente para a abordagem das obras mais extensas.

Quanto ao lugar das reuniões, em se tratando de círculos não institucionais, o autor destaca que podem acontecer nos mais diversos espaços, tais como praça, restaurantes, residências, cafés e, ainda, de modo virtual, por intermédio das plataformas de reunião. Se for na escola, os encontros podem ocorrer nas salas de aula, na biblioteca ou até mesmo no pátio escolar, desde que essa escolha seja definida no momento de sistematização do círculo. Nesta etapa também são determinadas as disposições e funções para a prática de leitura.

Concluída a etapa de preparação, a parte da execução do círculo de literatura consiste em três fases: o ato de leitura, compartilhamento e registro. A primeira é destinada para a efetivação da leitura física do texto. Aqui acontece “[...] o encontro inalienável do leitor com a obra” (Cosson, 2021, p.168). Uma preocupação nesse momento é o controle do tempo, que deve já ter sido preestabelecido no cronograma de reuniões ou aulas do círculo de leitura. Sobre esse quesito, Cosson (2021) aconselha que se estabeleça uma média de tempo que respeite o ritmo de cada participante. No entanto, ele não pode ser demasiadamente extenso, sob pena de dispersão da turma. Outra orientação do professor em relação à atenção ao tempo do debate é que esse deve ocupar preferencialmente metade ou dois terços do tempo reservado para a aula, destinando a parte final para as anotações dos alunos sobre o que foi discutido.

A segunda fase da etapa de execução do círculo trata do compartilhamento da leitura. Aqui, a atenção se divide em dois momentos. A primeira é a pré-discussão ou preparação para a discussão e se refere às anotações durante ou após o ato de ler, sobre impressões, eventos, palavras, personagem, trechos da obra que surpreendeu, etc. Concluída essa fase preliminar do debate, passa-se efetivamente para a partilha das leituras. Sobre esse momento, Cosson (2021) orienta a atuação democrática do grupo na discussão das leituras. Nesse sentido, o autor insiste que

Mesmo no ambiente escolar e dirigidas pelo professor, essas discussões são espaços de compartilhamentos e não ensinamentos, ou seja, um membro do círculo não vai ensinar o outro, mas sim compartilhar sua leitura que não precisa ser negada nem aceita, mas exposta a todos. Daí que nessas discussões não haja respostas certas nem erradas, mas sim perguntas autênticas que querem realmente entender e compreender o que se leu em comum (Cosson, 2021, p. 170).

Na sequência do círculo de literatura, ainda dentro da etapa de execução, a parte de registros remete ao momento em que os leitores refletem sobre o funcionamento do grupo, suas formas de leitura, a obra escolhida e as ideias compartilhadas. De acordo com Cosson (2021), esse registro pode ser feito em simples anotações ou diários de leituras, mas o autor também apresenta o esquema de fichas de funções, desenvolvida por Daniels (2002), como uma alternativa interessante para auxiliar nessa atividade. Essas fichas de funções definem os papéis que cada participante do círculo desenvolverá durante o processo de leitura nas reuniões do grupo. De acordo com Cosson (2021, p. 142-143) elas estão dispostas em nove tipos e são definidas da seguinte maneira:

- a) conector – liga a obra ou o trecho lido com a vida, com o momento;
- b) questionador- prepara perguntas sobre a obra para os colegas, normalmente de cunho analítico, tal como por que os personagens agem desse jeito? Qual sentido deste ou daquele acontecimento?;
- c) iluminador de passagens – escolhe uma passagem para explicar ao grupo, seja porque é bonita, porque é difícil de ser entendida ou porque é essencial para a compreensão do texto;
- d) ilustrador – traz imagens para ilustrar o texto;
- e) dicionarista – escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para a leitura do texto;
- f) sintetizador – sumariza o texto;
- g) pesquisador – busca informações contextuais que são relevantes para o texto;
- h) cenógrafo – descreve as cenas principais;
- i) perfilador – traça um perfil dos personagens.

Essas nove funções da ficha não precisam necessariamente ser preenchidas durante a aplicação da prática. Porém, Cosson (2021) insiste na importância da aplicação de, pelo menos, as funções de conector, questionador, iluminador de passagens e ilustrador, por serem hábitos de leitores já considerados maduros. Outra ressalva do autor para o mediador do círculo de literatura é a adoção de uma postura de auxílio, mas não de dependência dessas fichas, para que o grupo de leitura não fique “engessado” em moldes preestabelecidos, tendo em vista que um



dos critérios desse sistema é a descontração e liberdade que devem prevalecer na prática. Nesse sentido, é importante informar aos alunos que, independentemente da função assumida no círculo, eles devem ficar à vontade para exercer outros papéis nas discussões sobre o texto.

Cosson (2021) também registra outras opções de registro, tais como as tradicionais fichas de leituras ou a aplicação de questionários com perguntas sobre os textos literários, nos quais os leitores poderão responder questões pertinentes às impressões, sentimentos e relações pessoais com o texto. Para o estudioso, é fundamental insistir na execução prévia dessas anotações sobre a leitura para que haja uma melhor fruição nos momentos de discussão da obra.

Sobre a avaliação, considerando que basicamente a essência do círculo de leitura é a descontração e espontaneidade da metodologia, Cosson (2021) aconselha cautela na realização desta etapa. De acordo com o autor, neste momento não se pode perder de vista o objetivo da prática que consiste em uma forma organizada de compartilhamento de uma obra dentro da comunidade leitora. Assim,

[...] dado ao fato de que o círculo de Literatura pretende fomentar hábitos de leitura semelhantes àqueles praticados fora da escola, as formas tradicionais de avaliação – testes, relatórios de leitura ou fichas de leitura para gerar notas – não são adequadas (Cosson, 2021, p. 145).

Dessa maneira, o autor sugere que a execução dessa etapa, mesmo se tratando de círculos de literatura institucionais, aconteça de forma menos sistemática e que ela não se sobreponha ao propósito da prática, conforme assinala Cosson (2021, p. 173), ao afirmar que “[...] o mais importante é que a avaliação não interfira naquilo que é essencial ao círculo de leitura e a qualquer processo de letramento literário: o encontro do leitor com a obra”. Nesse sentido, as avaliações podem ser feitas por meio de leituras de diários pelos professores, gravações de vídeos das discussões ou compartilhamento das impressões e observações realizadas no decorrer das discussões.

Devido à preocupação com o caráter formativo do leitor que o círculo de leitura apresenta, Cosson (2021) relata que ele tem sido amplamente aceito nas escolas, especialmente nos trabalhos com a leitura literária. Segundo o pesquisador,

Nas escolas, os círculos de leitura oferecem aos alunos a oportunidade de construir sua própria aprendizagem por meio da reflexão coletiva, ampliar a capacidade de leitura e desenvolver a competência literária, entre outros tantos benefícios em termos de habilidades sociais, competências linguísticas. Os alunos aprendem a dialogar, resolver problemas, liderar, argumentar, sintetizar, exemplificar, registrar, questionar, entre outras competências (Cosson, 2021, p.177).

À vista disso, consideramos o citado método uma prática de leitura auspiciosa para a abordagem da temática da violência de gênero em sala de aula. Por essa razão, optamos pela

metodologia do círculo de literatura (Cosson, 2021) como embasamento para a elaboração de nossa proposta didática, exposta na sequência deste trabalho.

#### 4.2.2 Proposta didática

Conforme anunciado na introdução desta dissertação, uma das perguntas de pesquisa, que nortearam o desenvolvimento deste trabalho, buscava compreender “Como podemos trabalhar essa temática em sala de aula a partir de contos de escritoras sul-americanas?” Sob esse horizonte, almejando contribuir com a abordagem desta problemática em sala de aula, além de oportunizar a promoção da leitura literária neste ambiente escolar, elaboramos uma proposta didática destinada a uma turma de Português ou Literatura do Ensino Médio da rede pública de ensino.

As narrativas que compõem o corpus da pesquisa apresentam como tema principal a violência de gênero, de acordo com a leitura efetuada no capítulo anterior deste trabalho. No que se refere a estrutura dos contos, assinalamos que “O homem do vale”, de Marcela Serrano, possui dezoito páginas e quarenta e sete parágrafos; “As coisas que perdemos no fogo”, de Mariana Enríquez, tem onze páginas e vinte e três parágrafos; e “Destino: Sé”, de Simone Paulino, apresenta dezesseis páginas e se estende também por quarenta e sete parágrafos.

Nesse sentido, estabelecemos como metas para a proposta didática: 1) promover debates sobre a percepção do tema da violência de gênero presente nos três contos selecionados; 2) identificar as formas de violência contra a mulher nas narrativas; 3) reconhecer padrões que se repetem no comportamento machista dos agressores representados nos contos e 4) discutir a postura das protagonistas frente a violência sofrida.

A proposta didática está composta por quatro sequências didáticas. O tempo previsto para a realização da atividade é um mês, organizado em um encontro por semana, com a duração de uma hora e quarenta minutos cada, correspondendo a duas aulas por reunião, totalizando oito horas dedicadas ao desenvolvimento da proposta. Metodologicamente, o primeiro encontro é reservado para a etapa da preparação do círculo de literatura. O segundo e o terceiro se destinam à execução da prática de leitura; e o último é dirigido ao processo de avaliação, conforme detalhamento dos procedimentos didáticos, objetivos, materiais e demais atividades adotadas para cada aula, conforme sistematizado nos próximos quadros.

No primeiro, descrevemos a fase de preparação do círculo de literatura. Neste momento, apresentamos a metodologia desta prática de leitura ao público-alvo e destinamos um tempo para sanar possíveis dúvidas sobre ela. Ademais, nesta etapa acontece a seleção das

obras e, conforme foi exposto anteriormente, nesta dinâmica os participantes devem escolher os textos literários, diante das opções a eles apresentadas. Porém, para a elaboração de nossa proposta, adaptamos este passo do referido método, considerando o objetivo de trabalhar com os contos que fazem parte desta pesquisa. Desta forma, a organização dos grupos e a distribuição das narrativas para cada equipe deve ser feita pelo mediador. Com o intuito de conhecer os perfis dos leitores e promover a motivação destes participantes, sugerimos a promoção de um diálogo informal sobre seus hábitos de leitura, bem como a aplicação de um questionário sobre a temática da violência de gênero, conforme disposto no quadro abaixo:

Quadro 01 – Apresentação do método, sistematização das atividades e organização dos participantes.

<b>1ª Etapa - Preparação</b>	
<b>1º encontro – Aulas I e II</b>	
<b>Carga Horária:</b> 02 aulas (1h 40 minutos)	
<b>Conteúdo:</b> Promoção do encontro dos alunos com os contos e o círculo de literatura. Motivação para a leitura.	
<b>Objetivo:</b> Apresentar o círculo de leitura; distribuir os contos e desenvolver a motivação da turma para a leitura.	
<b>Material:</b> Cópia dos contos: “O homem do vale”, de Marcela Serrano, “As coisas que perdemos no fogo”, de Mariana Enríquez e “Destino: Sé”, de Simone Paulino; cópias das fichas de funções interpretativas do círculo de literatura (Cosson, 2021); Quadro em branco; Caneta piloto; Cadernos dos alunos.	
<b>Tempo</b>	<b>Atividades</b>
20 minutos	Apresentar aos alunos o círculo de literatura e a dinâmica da metodologia, explicando o seu funcionamento e o cronograma de trabalho durante as próximas aulas.
20 minutos	Dividir a turma em grupos, contendo, no máximo, seis pessoas. Nessa etapa, deve-se explicar e distribuir as fichas de função (Cosson, 2021), além de definir as atribuições de cada membro.
10 minutos	Estabelecer junto com a turma o calendário das reuniões com dia e horário definidos a serem seguidos, bem como a ordem de apresentação dos grupos.
30 minutos	Organizar a sala em círculo e promover um diálogo informal para reconhecer os perfis dos alunos e suas experiências anteriores com a leitura de contos.
10 minutos	Distribuição dos contos.
10 minutos	Aplicação de um questionário sobre percepções de violência de gênero (APÊNDICE - A)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nesse ponto, ressaltamos que, no caso de uma turma volumosa, faz-se necessário ajustes ao critério do docente, tais como acréscimos de outros contos com a mesma temática ou de outras funções aos integrantes dos grupos e, conseqüentemente, ampliação do tempo de realização do círculo de leitura.

No tocante à estratégia de motivação da turma sobre a temática da violência de gênero, preparamos um questionário, utilizando a Escala Likert (1932), um método desenvolvido por Rensis Likert, na década de 1930, muito usada nas investigações sociais atuais. De acordo com Lucian (2016, p.13), essa escala “[...] é um instrumento científico de observação e mensuração de fenômenos sociais idealizada com a finalidade de medir as atitudes por meio das opiniões

de forma objetiva”. A partir deste recurso, criamos um questionário para sondar a percepção dos participantes sobre a temática da violência de gênero.

Para isso, elaboramos um formulário contendo dez afirmativas. São enunciações que remetem às falas e expressões que ouvimos no cotidiano e que evidenciam comportamentos e pensamentos comumente considerados machistas. Cada uma das proposições contém cinco opções que estão dispostas nas seguintes escolhas: “discordo fortemente”, “discordo”, “nem concordo, nem discordo”, “concordo” “concordo fortemente”, para o participante marcar a que mais condiz com sua identificação com o assunto em tela. Nesta Escala Likert (1932), são atribuídos os valores de 1,2,3,4 e 5, respectivamente, para cada sentença. Para a análise das respostas, a soma total dos pontos indicará o grau de identificação com as opiniões formuladas sobre a violência de gênero, conforme Quadro 05, no APÊNDICE – A, desta dissertação.

No Quadro 02, descrevemos a segunda etapa da execução do círculo de Literatura. Neste momento, os participantes devem ser orientados a se reunirem em círculo para a apresentação do grupo que recebeu o conto “O homem do vale”, de Marcela Serrano. Na sequência, cada membro da equipe se manifestará individualmente, externalizando suas experiências de leituras e impressões sobre o conto lido, seguindo as atribuições previstas nas fichas de funções. Após a exposição da equipe, o mediador pode provocar o restante da turma com questionamentos sobre suas percepções sobre o relato apresentado. Por fim, exibe-se o vídeo “‘O estupro é você’ - Protesto de chilenas é replicado no mundo”, de 3: 56 minutos, disponível na plataforma Youtube. Segue a sistematização desta parte da proposta:

Quadro 02 – Desenvolvimento do círculo de Literatura – Leitura e discussão do conto “O homem do vale”, de Marcela Serrano.

<b>2ª Etapa – Execução</b>	
<b>2º encontro – Aulas II e III</b>	
<b>Carga Horária:</b> 02 aulas (1h 40 minutos)	
<b>Conteúdo:</b> Representação da violência de gênero na literatura de autoria feminina contemporânea chilena.	
<b>Objetivo:</b> Compartilhar e registrar o desenvolvimento da leitura do conto “O homem do vale”, de Marcela Serrano.	
<b>Material:</b> Cópia do conto “O homem do vale”, de Marcela Serrano; projetor e notebook.	
<b>Tempo</b>	<b>Atividades</b>
20 minutos	Organizar o círculo para o compartilhamento da leitura do conto “O homem do vale”, de Marcela Serrano. Introduzir o contexto de produção desta narrativa.
60 minutos	Proporcionar o compartilhamento das recepções do conto “O homem do vale”, de Marcela Serrano, enfocando a representação da violência de gênero.
20 minutos	Exibição e discussão do vídeo ‘O estupro é você’ - Protesto de chilenas é replicado no mundo”. (Las Tesis), disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=gD5CKuBOt3s">https://www.youtube.com/watch?v=gD5CKuBOt3s</a>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Na sequência, no Quadro 03, descrevemos a continuação da execução do círculo de Literatura, com o compartilhamento da leitura do conto “As coisas que perdemos no fogo”, de Mariana Enríquez. Nesta ocasião, a turma deve se posicionar em círculo para a apresentação da equipe que recebeu o referido conto e cada participante responsável pela mencionada narrativa se manifestará individualmente sobre sua experiência de leitura e suas impressões do conto lido, de acordo com as atribuições previstas nas fichas de funções. Após a exposição da equipe, o mediador pode provocar o restante da turma com questionamentos sobre suas percepções da narrativa. Para terminar, o professor exibirá um curta chamado “Campana argentina sobre violencia contra las mujeres”, de 3: 29 minutos, disponível no canal Youtube. No quadro seguinte explicitamos os passos desta etapa:

Quadro 03 – Desenvolvimento do círculo de Literatura – Leitura e discussão do conto “As coisas que perdemos no fogo”, de Mariana Enríquez.

<b>2ª Etapa – Execução</b>	
<b>3º encontro – Aulas IV e V</b>	
<b>Carga Horária:</b> 02 aulas (1h 40 minutos)	
<b>Conteúdo:</b> Representação da violência de gênero na literatura de autoria feminina contemporânea argentina.	
<b>Objetivo:</b> Compartilhar e registrar o desenvolvimento da leitura do conto “As coisas que perdemos no fogo”, de Mariana Enríquez	
<b>Material:</b> Cópia do conto “As coisas que perdemos no fogo”, de Mariana Enríquez, projetor e notebook.	
<b>Tempo</b>	<b>Atividades</b>
20 minutos	Organizar o círculo para o compartilhamento da leitura do conto “As coisas que perdemos no fogo”, de Mariana Enríquez. Introduzir o contexto de produção desta narrativa.
60 minutos	Proporcionar o compartilhamento das recepções do conto “As coisas que perdemos no fogo”, de Mariana Enríquez, enfocando a representação da violência de gênero.
20 minutos	Exibição e discussão do curta “Campana argentina sobre violencia contra las mujeres”, disponível na plataforma de vídeo Youtube no link: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=IQjxslRQFgE">https://www.youtube.com/watch?v=IQjxslRQFgE</a>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A seguir, descrevemos o desenvolvimento da última fase da nossa proposta didática. Nessa oportunidade, o mediador seguirá a execução do círculo de Literatura, com o compartilhamento da leitura do relato “Destino: Sé”, de Simone Paulino. Novamente, a turma deve se posicionar em círculo para a apresentação da equipe que recebeu o citado conto. Da mesma forma, cada membro do grupo responsável por este texto se manifestará individualmente sobre sua leitura e impressões da narrativa, conforme as atribuições previstas nas fichas de funções. Após a exposição da equipe, o mediador pode provocar o restante da

turma com questionamentos sobre suas percepções da narrativa lida. Na sequência, deve ser realizada a etapa de avaliação, prevista para este último encontro. Para esse procedimento, ele pedirá aos alunos que façam um registro individual através da produção escrita de um relato pessoal sobre suas impressões concernentes à temática, a partir da leitura dos três contos. Depois de discutir as impressões dos alunos sobre a experiência de leitura, o mediador finalizará a prática, disponibilizando a letra impressa e executando a música “Maria da Vila Matilde” (2015), de Elza Soares (ANEXO I). Abaixo organizamos os procedimentos do último encontro da experiência de leitura:

Quadro 04 – Desenvolvimento do círculo de Literatura – Leitura e discussão do conto “Destino: Sé”, de Simone Paulino, avaliação e finalização da proposta didática.

<b>Etapa de execução e avaliação</b>	
<b>4º encontro – Aulas VII e VIII</b>	
<b>Carga Horária: 02 aulas (1h 40 minutos)</b>	
<b>Conteúdo:</b> Representação da violência de gênero na literatura de autoria feminina contemporânea brasileira. Registro e avaliação dos alunos.	
<b>Objetivo:</b> Compartilhar as leituras do conto “Destino: Sé”, de Simone Paulino. Solicitar registro das leituras aos alunos para fins de avaliação. Executar a canção “Maria da Vila Matilde” (2015), de Elza Soares (ANEXO I), que tematiza a violência de gênero.	
<b>Material:</b> Cópia dos contos “O homem do vale”, de Marcela Serrano, “As coisas que perdemos no fogo”, de Mariana Enríquez e “Destino: Sé”, de Simone Paulino. Aparelho para executar a música.	
<b>Tempo</b>	<b>Atividades</b>
10 minutos	Organizar o círculo para o compartilhamento da leitura do conto “Destino: Sé”, de Simone Paulino. Introduzir o contexto de produção desta narrativa.
50 minutos	Proporcionar o compartilhamento das recepções do conto “Destino: Sé”, de Simone Paulino, enfocando a representação da violência de gênero.
15 minutos	Instigar o debate sobre os contos, comparando a postura das três personagens dos três relatos frente à violência;
15 minutos	Solicitar registro das leituras dos alunos através de um relato escrito sobre suas impressões dos contos.
10 minutos	Avaliar a experiência dos estudantes com o método do círculo de leitura. Distribuir cópia da letra e executar a canção “Maria da Vila Matilde” (2015), de Elza Soares.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Esperamos que esta proposta didática sirva de orientação para os educadores que desejam proporcionar a leitura literária em sala de aula, sobretudo, de textos que abordem a temática da violência de gênero. A partir dessa prática, acreditamos que é possível desencadear mudanças de pensamento e atitudes frente a esse problema social oriundo das estruturas patriarcais ainda vigentes na sociedade moderna.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se constituiu a partir do interesse em investigar de que maneira se apresenta a temática da violência de gênero na literatura de autoria feminina no contexto contemporâneo da América Latina. A fim de viabilizar nossa investigação, selecionamos três contos que versam sobre o assunto, escritos por autoras dos seguintes países: Chile, Argentina e Brasil, para compor o trabalho.

Também definimos como objetivo geral do presente estudo examinar a representação da violência doméstica nos contos “O homem do vale” (2014), de Marcela Serrano, “As coisas que perdemos no fogo” (2017), de Mariana Enríquez, e “Destino: Sé” (2010), de Simone Paulino. Além disso, estabelecemos como objetivos específicos: 1) averiguar as formas de violência de gênero ficcionalizadas nos três relatos escolhidos, 2) analisar comparativamente a representação das personagens femininas face a violência vivenciada nas narrativas e 3) elaborar uma proposta de leitura dos contos selecionados para o ensino médio.

Consideramos que a pesquisa conseguiu alcançar tanto o objetivo central quanto os específicos apontados no parágrafo anterior. No primeiro capítulo, “Violência contra a mulher: conceitos e representações na literatura de autoria feminina”, de base teórica, nos debruçamos sobre algumas questões que envolvem a problemática da violência de gênero, apoiadas nas teorias de Heleieth Saffioti (2004). Dessa forma, expusemos as principais correntes teóricas sobre o assunto no Brasil e abordamos os pressupostos teóricos sobre a concepção de “patriarcado”, conceito definido pela citada estudiosa como um sistema que ampara as desigualdades de gênero, as quais se estruturam, legitimam-se e se consolidam em formas de violências e privações contra as mulheres na sociedade contemporânea.

Além disso, apresentamos os conceitos, modalidades e formas de violências de gênero presentes nos seguintes dispositivos legais: o decreto nº 1.973/1996 (Convenção de Belém do Pará) e a lei nº 11.340/2006, comumente conhecida como Lei Maria da Penha. Por fim, tecemos algumas considerações sobre a representação da violência de gênero na literatura de autoria feminina no contexto brasileiro, chileno e argentino em contraposição com a representação tradicional desse crime na literatura canônica, na qual verificamos a existência de uma tendência à omissão dos motivos machistas e patriarcais das agressões às mulheres em diversas obras. Ademais, evidenciamos a importância da representação do tema na perspectiva de escritoras, sobretudo, contemporâneas.

Já no capítulo “Quando a ameaça é dentro de casa: a violência doméstica em ficções de autoras do Cone Sul”, nos dedicamos às leituras dos contos “O homem do vale”, de Marcela

Serrano, “As coisas que perdemos no fogo”, de Mariana Enríquez e “Destino: Sé”, de Simone Paulino, a fim de desenvolver os dois primeiros objetivos específicos. Para isso, traçamos preliminarmente uma breve biografia de cada autora, elencamos suas obras e evidenciamos as fortunas críticas dos contos das supracitadas escritoras em nosso país, constatando que os estudos sobre as suas produções ainda são escassos. Posteriormente, efetuamos a leitura dos três relatos mencionados, na qual identificamos diversas formas de violência de gênero ficcionalizadas nas narrativas que compõem o corpus do trabalho.

No conto “O homem do vale”, percebemos a ocorrência de distintas maneiras de violências impetradas contra a personagem Pascuala. Neste texto, notamos que a protagonista foi violada moral, psicológica, financeira, física e sexualmente pelo marido no interior de sua casa. Também vale a pena registrar as violências sofridas pelo filho do casal, pois o seu pai agrediu-o fisicamente em distintas ocasiões.

Já as manifestações de violência representadas em “As coisas que perdemos no fogo” estão presentes na trajetória de várias personagens: a garota do metrô, Lucíola, Lorena Pèrez e sua filha, as quais foram vítimas de feminicídios, exceto a primeira que sobreviveu à agressão do marido. Ademais, Lucíola, mesmo depois de morta, teve sua imagem moralmente questionada pelas calúnias de seu agressor, tal como no caso da primeira vítima, visto que ambos os esposos tentaram culpar as mulheres pela violência que eles causaram.

Em relação ao conto “Destino: Sé”, verificamos a representação da prática da violência física, sexual, psicológica e moral em atos impetrados tanto pelo pai de Ana quanto por seu marido, Tarcísio. Ademais, o seu companheiro cometeu o crime de cárcere privado contra a moça, dado que sob a égide da Lei nº 11.340/ 2006 (Lei Maria da Penha) esse tipo de violência se equipara ao de tortura previsto no código penal brasileiro.

Constatamos que as modalidades de violência de gênero ficcionalizadas nessas narrativas são tipificadas como violência doméstica, considerando que as representações das agressões que as personagens sofrem em razão das relações de gênero ocorrem, predominantemente, no âmbito domiciliar. Nos três contos, as autoras problematizam as motivações para a violência representadas nos relatos embasadas em comportamentos patriarcais. Em “O homem do vale”, de Marcela Serrano, entendemos que as agressões sofridas por Pascuala advinham, sobretudo, da necessidade de o Rato manter o poder, através do controle financeiro e uso de violências físicas, psicológicas e emocionais que ele impetrava contra a companheira. Por sua vez, em “As coisas que perdemos no fogo” identificamos a objetificação dos corpos femininos, através do sentimento de posse que supostamente motivaram os agressores a queimarem as mulheres em suas próprias casas, o qual também



notamos em “Destino: Sé”. Nesse texto, Simone Paulino aborda esta questão a partir do ciúme descabido de Tarcísio que culmina em espancamentos constantes e o aprisionamento de Ana em seu lar.

Efetuamos também uma leitura comparada dos três contos, estabelecendo como categoria de análise a reação feminina diante da problemática da violência, enfocando as personagens Pascuala, Silvina e Ana. Percebemos que as autoras problematizam como as estruturas sociais e familiares influenciam as questões de gênero, sobretudo no tocante à violência contra a mulher, a partir da abordagem da vida das protagonistas relacionadas à infância e sua relação com os seus progenitores. Além disso, notamos que alguns aspectos das trajetórias das personagens centrais dos contos repercutem na maneira como elas (re)agiram diante dessa problemática em sua vida adulta.

Verificamos ainda, em nossa análise do comportamento das personagens femininas diante da violência ficcionalizada nos três contos, a caracterização de mulheres reativas. Nas tramas, seus protagonismos se sobressaem quando não sucumbem à violência contra elas e reagem à apropriação e objetificação masculina sobre seus corpos e vidas, seja escapando do espaço doméstico ou ajudando a libertação de outras mulheres. Dessa forma, as autoras construíram personagens femininos fortes que denunciam o caráter patriarcal e dominador da sociedade, diferenciando-se da abordagem canônica sobre a violência de gênero na literatura, como discutido no primeiro capítulo de nossa investigação.

Por fim, no capítulo “Leituras de narrativas sobre violência de gênero na escola”, apresentamos uma proposta de abordagem das três ficções que compõem o corpus da pesquisa nas séries finais da Educação Básica, conforme proposto no terceiro objetivo específico dessa dissertação. Antes, discorreremos sobre a relação entre escola, questões sociais e leitura literária na sala de aula, observando como a associação dessas áreas do saber pode constituir uma maneira produtiva para tratar temas sociais delicados na escola, como é o caso da violência de gênero. Ademais, expomos nossa proposta didática para trabalhar este assunto no ensino médio, elaborada com base no método do círculo de Literatura, sistematizado por Cosson (2021).

Sobre a opção metodológica pelo círculo de leitura, acreditamos que esta metodologia, pela praticidade e dinamismo, constitua-se como uma via proveitosa para abordar a temática da violência doméstica no ambiente escolar. A comprovação desta premissa, através de uma vivência em sala de aula, não foi possível devido ao contexto pandêmico causado pelo coronavírus que assolou o mundo, no início do ano de 2020, e perdurou por mais de três, interferindo no planejamento inicial de nossa pesquisa. Cabe frisar que o novo cenário mundial

gerado pela Covid-19 impôs grandes desafios para todas as áreas da sociedade, afetando sobremaneira a Educação.

Vale a pena registrar que a proposta didática inicialmente prevista em nosso projeto para ser desenvolvida presencialmente até foi alterada para ser trabalhada virtualmente. No entanto, considerando a realidade social, estrutural e econômica da maioria das escolas públicas brasileiras e dos próprios discentes, os quais já tiveram que se reinventar para superar a precariedade do ensino durante a crise de proporção mundial, julgamos mais pertinente a elaboração de uma proposta didática com o método do círculo de leitura (Cosson, 2021). Assim, esperamos que nossas orientações de abordagem dos contos selecionados contribuam como ponto de partida para o trabalho de educadores interessados na promoção da leitura literária e no debate sobre o tema da violência de gênero na educação básica.

No tocante à perspectiva da temática, esta pesquisa também tenciona enfatizar a importância de debates sobre a problemática, que estimulem novos estudos e discussões acerca da violência contra a mulher essenciais para o combate a esse crime que martiriza mulheres e meninas, conforme alude a canção “Canción Sin Miedo”, da cantora mexicana Vivi Quintana. Esta composição tem se propagado como um hino feminista na luta contra a violência de gênero e ao feminicídio, justamente por descrever o sentimento de injustiça, tristeza e ansiedade das vítimas desta violência, além de salientar a conivência estatal e social diante desses casos. Neste quesito, a melodia dialoga com o conto “Porém Iguamente”, de Marina Colasanti, no qual a autora evidencia o silêncio de vizinhos e parentes, diante da tragédia anunciada de Dona Eulália, pelas repetidas agressões que sofria diariamente. As duas obras mencionadas, que compõem as epígrafes desta Dissertação, revelam a necessidade de insistir no enfrentamento deste problema de saúde pública por toda sociedade, ao ponto de se tornar habitual ouvir que “em briga de marido e mulher devemos sim meter sim a colher”.

## REFERÊNCIAS

- ALÓS, A. P. A literatura comparada neste início de milênio: tendências e perspectivas. **Ângulo** (FATEA). n. 130, p. 7-12, 2012. Disponível em: <http://www.fatea.br/seer/index.php/angulo/article/view/1007/787>. Acesso em: 01. jun. 2023.
- AMARAL, L. L. O. As bruxas na América Latina: memórias das cicatrizes. **REVELL-REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS**. v. 3, p. 221-243, 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3175>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- AZEVEDO, F. M. C. O conceito de patriarcado nas análises teóricas das ciências sociais: uma contribuição feminista. **Revista Três Pontos**: revista do Centro Acadêmico de Ciências Sociais da UFMG. - Ano 13, n. 1 (jan-jun/2016) - Dossiê Múltiplos Olhares sobre Gênero. - Belo Horizonte: 2017.
- BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-69, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/QDj3qKFJdHLjPXmvFZGsrLq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 jun. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. **Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher** - Convenção de Belém do Pará, 1994. Disponível em: <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/instrumentos/belem.htm>. Acesso em: 08 dez. 2022.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais de nº 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.
- BRASIL. **Lei nº 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm). Acesso em: 09 dez. 2021.
- BRASIL. **Decreto nº 11.431**, de 9 de março de 2023. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2023/decreto/D11431.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/D11431.htm). Acesso em: 07 dez. 2023.
- BRASIL. **Decreto nº 11.640**, de 16 de agosto de 2023. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2023/decreto/D11640.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/D11640.htm). Acesso em: 09 dez. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 12.737**, de 30 de novembro de 2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112737.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112737.htm). Acesso em: 09 dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica. Brasília. **Lei Federal n.º 14.164**. Disponível [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/Lei/L14164.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14164.htm). Acesso em: 12 jan. 2023.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Tese da legítima defesa da honra é inconstitucional**. Brasília, DF: Supremo Tribunal Federal, 1 de ago. 2023. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=511556&ori=1>. Acesso em: 5 dez. 2023.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CARVALHAL, T. F. **Literatura comparada**. - 4.ed. rev. e ampliada. - São Paulo: Ática, 2006.

CERQUEIRA, D. **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

CELMER, E. G. Violências contra a mulher baseada no gênero, ou a tentativa de nomear o inominável. In: **A violência na sociedade contemporânea** [recurso eletrônico]. ALMEIDA, M.G.B. (Org) – Dados eletrônicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

CEPAL. **Enfrentar la violencia contra las mujeres y las niñas durante y después de la pandemia de COVID-19 requiere**: financiamiento, respuesta, prevención y recopilación de datos. nov. 2020. Disponível em [http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/46422/S2000875\\_es.pdf?sequence=5&isAllowed=y](http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/46422/S2000875_es.pdf?sequence=5&isAllowed=y). Acesso em: 24 jul. 2023.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Colaboração: André Barbault *et al*; Coordenação: Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva *et al*. 16.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1 ed. 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, R. **Letramento literário**: Teoria e prática. 2.ed., 10a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

COLLING, A. M. **A Construção Histórica do Feminino e do Masculino**. Gênero e Cultura: questões contemporâneas. STREY Marlene Neves, *et al*. (Org.). Coleção Gênero e Contemporaneidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004

COUTINHO, E. de F. A literatura comparada e o contexto latino-americano. **Raído** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 21–31, 2008. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/87>. Acesso em: 23 jul. 2023.

CLIMENT, D. D. **O terror como motor da criação literária na obra de mariana enríquez.** Anais do XI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72639>>. Acesso em: 23/07/2022.

DALCASTAGNÈ, R. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 42, n. 4, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4110>. Acesso em: 02 mai. 2023.

DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 26, p. 13–71, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 03 mai. 2023.

DUARTE, C. L. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. In: Duarte, Constância Lima et al. **Falas do outro: literatura, gênero, identidade.** Belo Horizonte, Nandyala, 2010.

ENRÍQUEZ, M. As coisas que perdemos no fogo. In: **As coisas que perdemos no fogo.** ENRÍQUEZ, M. Trad. José Geraldo Couto. – 1ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

FAQUERI, R. F; ZARATIN, D. A. P. O cotidiano macabro: elementos do terror no conto “El chico sucio”, de Mariana Enríquez. **REVEC - Revista de Estudos de Cultura**, n. 16, 2020.

FERNÁNDES, I. G. A violência de gênero no contexto da América Latina. **Pensar, Fortaleza**, v. 17, n. 1, p. 161-194, 2012.

FERREIRA, A. P. N. Identidades e estereótipos femininos em “Nosotras que nos queremos tanto”, de Marcela Serrano. **Graphos**, V. 20 N. 2, 2019.

FONTES, I. O horror vem de dentro: o abjeto e o corpo político em três contos de Mariana Enriquez. **REVELL - Revista de Estudos Literários da UEMS**, [S. l.], v. 3, n. 20, p. 244–260, 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3175>. Acesso em: 23 jul. 2023.

FIGUEIREDO, E. **Por uma crítica Feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras.** Porto Alegre: Zouk, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GABRIEL, R. S. Mariana Enriquez transforma a tragédia política argentina em contos de terror. **Época**, São Paulo, 14 set 2017. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/cultura/noticia/2017/07/mariana-enriquez-transforma-tragedia-politica-argentina-em-contos-de-terror.html>. Acesso em: 21 mar. 2022.

GARCIA, C. C. **Breve história do feminismo** - São Paulo: Claridade, 2011.



PATEMAN, C. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PAULINO, S. Destino: Sé. In: MIGUEL, A. (Org.). **Grafias urbanas**: antologia de contos contemporâneos. São Paulo: Scipione, 2010.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2019.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005.

REGO, J. L. **Menino de Engenho**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

ROSA, S. A. K. **A violência sexual como prática de tortura contra mulheres na ditadura chilena**: uma aproximação da realidade com a literatura a partir da obra “A Casa dos Espíritos”. Disponível em: <https://projetoalterama.wordpress.com/2020/09/11/a-violencia-sexual-como-pratica-de-tortura-contra-mulheres-na-ditadura-chilena-uma-aproximacao-da-realidade-com-a-literatura-a-partir-da-obra-a-casa-dos-espirtos/> Acesso em: 05 dez. 2021.

RIVA, A. F. **Perspectiva de gênero ‘En Hasta Siempre, Mujercitas’, de Marcela Serrano**. (Dissertação de Mestrado) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

SANTOS, C. M.; IZUMINO, W. P. Violência contra as mulheres e violência de gênero. Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. **Revista Estudos Interdisciplinares de America Latina y El Caribe**, Israel, v. 16, n. 1, p. 147-164, 2005. Disponível em: <https://eialonline.org/index.php/eial/article/view/482>. Acesso em: 10 out. 2022.

SANTOS, S. C. G. A construção do espaço em As coisas que perdemos no fogo: narrativa, medo e ficção. **REVELL - Revista De Estudos Literários da UEMS, [S. l.]**, v. 3, n. 20, p. 196–220, 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3166>. Acesso em: 23 jul. 2023.

SANCHES, M. “O terror para refletir a cidade e o presente: Mariana Enríquez e os fantasmas do horror pelas esquinas de Buenos Aires”, **Suplemento Literário do Estado de Pernambuco**. Edição 139, 2017. Disponível em: [https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe\\_139\\_web](https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_139_web). Acesso em: 21 jul. 2023.

SAFFIOTI, H.I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, H.I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas. n. 16, p. 155-136, 2001.

SAFFIOTI, H.I. B. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **São Paulo em perspectiva**. v. 13, n. 4, p. 82-91, 1999.

SERRANO, M. O homem do vale. In: **Doce inimiga minha**. SERRANO, M. Trad. Joana Angélica d’Avila Melo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

SERRANO, M. CNN Íntimo: **Entrevista a Marcela Serrano**. Youtube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7muSeVrKswg>. Acesso em: 23 mar. 2022.

SCHMIDT, R.T. Cânone, valor e a história da literatura: pensando a autoria feminina como sítio de resistência e intervenção. El hilo de la fábula: **revista del Centro de Estudios Comparados**. Santa Fé, Argentina. Vol. 10, 2012, p. 59-72.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. Trad. Deise Amaral. In: HOLLANDA, Heloísa B. de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SCHWANTES, C; DUTRA, P. Q. A representação da violência contra a mulher nos contos “Marido”, de Lúcia Jorge, e “Destino: Sé”, de Simone Paulino. **Raído - UFGD**, em 2016.

SILVA, B. S. O. M. da. **Corpo-escrita de mulheres: violência, memória e trauma em Conceição Evaristo e Marcela Serrano**. Dissertação de Mestrado. UFMG, 2020.

SECCO, G. M. Cuando a nosotras no nos quieren tanto, nos reunimos e tomamos a palavra: a violência de gênero em um romance de Marcela Serrano. Dissertação de Mestrado em Letras Neolatinas. UFRJ, 2019.

SCOTT, J. W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

TEIXEIRA, F. D. R. A.; FONTES, F. M. DA R.; CAMPELLO, P. C. DE S. O envelhecimento dos corpos e a questão dos gêneros: um estudo comparado de “A égua”, de Marcela Serrano, e “As tardes de um viúvo aposentado”, de Teolinda Gersão. **Scripta**, v. 24, n. 52, p. 477-501, 18 dez. 2020.

TESE da legítima defesa da honra é inconstitucional. Portal Supremo Tribunal Federal. 08 ago 2023. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=511556&ori=1>. Acesso em 09 dez. 2023.

TODOROV, T. **Literatura em Perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

ZILBERMAN, R. Sim, a literatura educa. In: ZILBERMAN, R; SILVA, E. T. da. **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. 2. ed. São Paulo: Global; Campinas: ALD, 2008.

ZINANI, C.J. A. Feminismo e literatura: apontamentos sobre crítica feminista. In: SEDYCIAS, J. **Repensando a Teoria Literária Contemporânea**. Recife: Ed. UFPE, 2015.

ZINANI, C.J. A. Literatura e história na América Latina: representações de gênero. **MÉTIS: história & cultura** – v. 5, n. 9, p. 253-270, jan./jun. 2006.

ZINANI, C.J. A. Da margem: a mulher escritora e a história da literatura. **MÉTIS: história & cultura** – v. 9, n. 18, p. 99-112, jul./dez. 2010.

ZINANI, C.J. A. Isabel Allende e Marcela Serrano: vozes chilenas na literatura latino-americana. **Letrônica** - Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, 2020.



ZOLIN, L. O. A construção da personagem feminina na literatura brasileira contemporânea (re)escrita por mulheres. **Revista Diadorim** / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 9, jul. 2011.

ZOLIN, L. O. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org) **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3ª. ed. Maringá: EDUEM, 2009. p. 275-283.

ZOLIN, L. O. Representações interculturais de gênero no romance *A república dos sonhos*, de Nélida Piñon. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 40, p. 159–175, 2012. DOI: 10.1590/S2316-40182012000200011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9846>. Acesso em: 25 mar. 2023

## APÊNDICE A – Questionário diagnóstico.

<b>QUESTIONÁRIO</b>
1) Idade:  _____
2) Sexo: Masculino ( ). Feminino ( ). Outro ( ). _____
<b>Por favor, leia as declarações abaixo e indique sua opinião sobre elas, marcando uma das cinco alternativas:</b>
<b>1) “Tem mulher que dá motivos para apanhar.”</b> a) discordo fortemente b) discordo c) nem concordo, nem discordo d) concordo e) concordo fortemente
<b>2) “Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher.”</b> a) discordo fortemente b) discordo c) nem concordo, nem discordo d) concordo e) concordo fortemente
<b>3) “O homem tem seus direitos, por isso não tem problema ele coagir a parceira a fazer sexo, mesmo sem ela querer.”</b> a) discordo fortemente b) discordo c) nem concordo, nem discordo d) concordo e) concordo fortemente
<b>4) “A mulher não deve ter a mesma liberdade que o homem.”</b> a) discordo fortemente b) discordo c) nem concordo, nem discordo d) concordo e) concordo fortemente
<b>5) “Mulher, agora aguenta calada. Você o conheceu assim!”</b> a) discordo fortemente b) discordo c) nem concordo, nem discordo d) concordo e) concordo fortemente

**6) “Ela bem que estava procurando, andando quase nua.”**

- a) discordo fortemente
- b) discordo
- c) nem concordo, nem discordo
- d) concordo
- e) concordo fortemente

**7 “O marido tem que bater mesmo, como vai mostrar quem manda na casa?”**

- a) discordo fortemente
- b) discordo
- c) nem concordo, nem discordo
- d) concordo
- e) concordo fortemente

**8) “Você não vai sair comigo vestida assim.”**

- a) discordo fortemente
- b) discordo
- c) nem concordo, nem discordo
- d) concordo
- e) concordo fortemente

**9) “Mulher tem de se dar ao respeito.”**

- a) discordo fortemente
- b) discordo
- c) nem concordo, nem discordo
- d) concordo
- e) concordo fortemente

**10) “Apanhou porque é mulher de malandro!”**

- a) discordo fortemente
- b) discordo
- c) nem concordo, nem discordo
- d) concordo
- e) concordo fortemente

**Resultado:** soma dos números associados a cada sentimento, considerando uma pontuação geral, de 1 a 5 para "discordo fortemente" a "concordo fortemente", a partir dos seguintes valores.

Quadro 05 - Exemplo de Escala Likert (1932).

POSSUO IDENTIFICAÇÃO COM PENSAMENTOS PATRIARCAIS				
Discordo fortemente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo fortemente
1	2	3	4	5

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

## ANEXO I – Canção “Maria da Vila Matilde” (2015), intérprete Elza Soares

Cadê meu celular?  
Eu vou ligar pro 180  
Vou entregar teu nome  
E explicar meu endereço  
Aqui você não entra mais  
Eu digo que não te conheço  
E jogo água fervendo  
Se você se aventurar

Eu solto o cachorro  
E, apontando pra você  
Eu grito: péguix guix guix guix  
Eu quero ver pular, você correr  
Na frente dos vizinhos  
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

E quando o samango chegar  
Eu mostro o roxo no meu braço  
Entrego teu baralho  
Teu bloco de pule  
Teu dado chumbado  
Ponho água no bule  
Passo e ainda ofereço um cafezinho  
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

E quando tua mãe ligar  
Eu capricho no esculacho  
Digo que é mimado  
Que é cheio de denço  
Mal acostumado  
Tem nada no quengo  
Deita, vira e dorme rapidinho  
Você vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Mão, cheia de dedo. Dedo, cheio de unha suja  
E pra cima de mim? Pra cima de moi? Jamais, mané!

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim